

TIAGO

ÍNDICE

JAMES

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Letter of James

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução à Epístola de Tiago****Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5****PREFÁCIO A TIAGO, 1 E 2 PEDRO**

A Epístola de *Tiago* sofreu longamente por causa das severas críticas de que foi objeto por parte de Martinho Lutero. Não é possível esquecer facilmente que Lutero a chamou "uma simples epístola de palha", afirmando, além disso, que não pôde encontrar nela a Cristo (Os Prefácios Bíblicos de Lutero, inclusive o Prefácio a *Tiago*, podem ser encontrados em *Reformation Writings of Martin Luther*, vol. II, traduzidos por Bertram Lee Woolf). Inevitavelmente a pessoa se aproxima de *Tiago* sentindo que se trata de um dos livros menos importantes do Novo Testamento. Entretanto, em meu caso particular, quanto mais me aproximei da Epístola de *Tiago* tanto mais significativa resultou para mim esta breve carta. E. U. Blackman cita este veredicto de Marty a respeito de *Tiago*: "A Epístola é uma obra mestra de vigorosa e reverente simplicidade". Pode ocorrer que algum leitor comece o estudo de *Tiago* como um dever mas que — assim como eu — o termine como um deleite.

A Epístola de *Tiago* foi afortunada quanto a comentaristas. Em primeiro lugar estão os comentários do texto grego. O de J. B. Mayor, nos Comentários Macmillan, é uma das maiores obras deste gênero na língua inglesa. O de J. H. Ropes no *International Critical Commentary* é um modelo de equilibrada e metódica erudição. O de W. O. E. Oesterley no *Expositor's Greek Testament* é muito útil e, tal como se pode esperar de seu erudito autor, é especialmente esclarecedor com respeito ao pensamento e às crenças judias que formam o pano de fundo da Carta. O

de A. Carr em el *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* é de menores proporções mas, mesmo assim, muito proveitoso.

Em segundo lugar temos os comentários ao texto inglês. No *Moffatt Commentary* James Moffatt preparou o volume correspondente às Epístolas Gerais, das que *Tiago* forma parte. Trata-se de um trabalho muito útil, ainda que algo superficial. Dentre os comentários de bem recente publicação o de R. V. G. Tasker nos *Tyndale Commentaries* representa uma erudição conservadora em sua melhor expressão e é de grande utilidade. O volume correspondente nos *Torch Commentaries*, por E. C. Blackman, é um dos mais destacados dessa série. O comentário por B. S. Easton em *The Interpreter's Bible* é estimulante e inspirador.

Para mim mesmo *Tiago* foi um redescobrimento. Tenho a esperança de que o presente Comentário possa também ajudar a outros a descobrir esta Epístola.

Primeira e *Segunda Pedro* são Cartas muito distintas. Por sua calidez e simplicidade. *Primeira Pedro* é uma das mais apreciadas Epístolas do Novo Testamento. Pelo contrário, *Segunda Pedro* (assim como *Judas*, com a qual está estreitamente relacionada) é um Livro principalmente esquecido. *Segunda Pedro* e *Judas* se movem num mundo em grande medida desconhecido para nós, mundo este estranho até mesmo para o estudioso da Bíblia. Grande parte das figuras e alegorias, assim como a do pensamento e ilustrações destas Epístolas, não são tiradas do Antigo Testamento mas sim da literatura escrita no período intermediário entre os dois Testamentos. Esta literatura é quase desconhecida para nós, mas naquele então era imensamente popular. Por tal razão nossas explicações a respeito do texto de *Segunda Pedro* tiveram que ser um tanto extensas. Sei que requererá certo esforço mover-se através de *Segunda Pedro*, mas também sei que tal esforço será, em definitiva, amplamente justificado.

As duas Epístolas de Pedro e a de Judas são com freqüência encaradas junto nos Comentários. As três Epístolas são tratadas num só volume no *International Critical Commentary* por C. Bigg, volume este

que é produto de erudição sadia ainda que conservadora. Deste modo aparecem num mesmo volume, por E. H. Plumptre na *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, obra que hoje é antiga, mas ainda está cheia de esclarecedora sabedoria. Também são encaradas junto por James Moffatt no volume sobre *The General Epistles* del *Moffatt Commentary*.

Sobre *Primeira Pedro* há dois notáveis comentários modernos. O denso trabalho de E. G. Selwyn nos *Macmillan Commentaries* já ocupou seu lugar entre os grandes comentários em língua inglesa. O comentário de F. W. Beare é muito mais radical em suas conclusões, mas reveste singular importância. Pessoalmente tenho uma especial dívida de gratidão com a breve exposição de C. E. B. Cranfield, obra mestra de sucinta mas lúcida e iluminadora exposição. Minha dívida para com tal obra faz-se evidente em cada página de meu próprio livro. Em *The Interpreter's Bible* a exposição a cargo de A. M. Hunter é definidamente proveitosa. No *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um avultado e útil volume sobre *Primeira Pedro* escrito por G. W. Blenkin.

A bibliografia sobre *Segunda Pedro* é muito menos abundante. Os Comentários Macmillan incluem um extenso volume sobre *Segunda Pedro*, junto com *Judas*, escrito por J. B. Mayor. Trata-se de um monumento de erudição neotestamentária e clássica comparável com o volume que o mesmo autor dedicou a *Tiago*. No *Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um excelente ainda que breve volume escrito por M. R. James.

Nada jamais diminuirá o atrativo de *Primeira Pedro*. Por sua parte, pode ser que *Segunda Pedro* não tenha a mesma fascinação, mas poucos livros há no Novo Testamento que melhor nos capacitem para perceber os insidiosos ataques que foram feitos contra a doutrina e contra a ética cristãs em dias da Igreja primitiva. Contra tais ataques os escritores do Novo Testamento tiveram que erigir suas defesas, razão pela qual este documento bíblico resulta de suma importância.

É minha esperança e meu rogo a Deus que esta exposição capacite aos quais a leiam para valorizar e apreciar mais as epístolas aqui comentadas.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos

para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA DE TIAGO

A *Epístola de Tiago* é um dos livros que mais duramente teve que lutar para obter sua incorporação ao Novo Testamento. E ainda depois de ter chegado a ser considerada como parte da Escritura, foi mencionada com certa reserva e suspicácia. Até em época tão tardia como o século XVI Lutero de boa vontade a teria eliminado totalmente do Novo Testamento.

As dúvidas dos pais

No setor de fala latina da Igreja só em meados do século IV aparece *Tiago* nos escritos dos pais. A primeira lista de livros do Novo Testamento que se tenha compilado é o Cânon Muratori, que data aproximadamente do 170 d.C., e *Tiago* não figura nele. Tertuliano, escrevendo em meados do século III, cita assiduamente a Escritura e, ainda que faça 7.258 citações do Novo Testamento, nenhuma só é de *Tiago*.

A primeira aparição de *Tiago* em latim é num manuscrito latino chamado *Codex Corbeiensis* que data do ano 350 d.C., aproximadamente. Este manuscrito atribui a paternidade literária do livro a Tiago, filho do Zebedeu, e o inclui, não com os livros do Novo Testamento universalmente reconhecidos, mas com uma coleção de

tratados religiosos escritos pelos primitivos pais. Aparece pois, assim, a *Epístola de Tiago* mas é aceita com reserva. O primeiro escritor latino que cita *Tiago* palavra por palavra é Hilário de Poitiers e o faz numa obra intitulada *De Trinitate*, escrita ao redor do ano 357 D.C.

Então, se *Tiago* apareceu tão tardiamente na Igreja latina e se, mesmo depois de fazê-lo, ainda foi considerado com certa incerteza, como chegou a integrar-se no Novo Testamento? A influência promotora foi a de Jerônimo pois ele, sem vacilar, incluiu *Tiago* em sua versão *Vulgata* do Novo Testamento. Mas até então há um matiz de dúvida. Em seu livro *De Viris Illustribus* Jerônimo diz: "Tiago, que é chamado o irmão do Senhor... escreveu somente uma epístola, a qual é uma das sete epístolas católicas, e a que, segundo alguns dizem, foi publicada por algum outro sob o nome de *Tiago*." Assim, pois, persiste aqui o acento de dúvida.

Jerônimo aceitou a Carta plenamente mas notava a existência de algumas dúvidas quanto a quem era o autor. Como foi então dissipada finalmente a incerteza na Igreja latina? Foi porque Agostinho aceitou plenamente a *Tiago* e não duvidou de que o *Tiago* em questão era o irmão de nosso Senhor. *Tiago* emergiu tardiamente na Igreja latina; durante longo tempo houve uma espécie de interrogante contra ele. Mas a inclusão que desta Epístola fez Jerônimo na *Vulgata*, e a plena aceitação por parte de Agostinho, levaram finalmente, ainda que depois de uma luta, a seu reconhecimento total e definitivo.

A Igreja de Síria

Poderia pensar-se que a Igreja de Síria teria sido primeira em aceitar a *Epístola de Tiago*, se realmente tivesse sido escrita na Palestina, e se realmente tivesse sido obra de *Tiago*, o irmão de nosso Senhor. Mas na Igreja de Síria houve a mesma vacilação. O Novo Testamento oficial da Igreja de Síria é chamado *Peshitto*, que era para a Igreja de Síria o que a *Vulgata* para a Igreja latina. Esta versão *Peshitto* das Escrituras em

siríaco foi feita pela Rábbula, bispo da Edessa, ao redor do ano 412 D.C. Nela, foi traduzida pela primeira vez esta Epístola ao siríaco; e até o ano 451 d.C. não há na literatura religiosa siríaca indício algum da mesma.

Depois disto a *Epístola de Tiago* foi mais aceita, mas tão tardiamente que em 549 d.C. ainda Paulo de Nisibis questionava o direito de *Tiago* a integrar o Novo Testamento e ainda o classificava entre os livros controvertidos. Em realidade não foi até mediados do século VIII quando a grande autoridade de João de Damasco fez por *Tiago* na Igreja de Síria o que Agostinho tinha feito na igreja latina.

A Igreja Grega

Tiago emergiu mais cedo na Igreja de fala grega que nas Igrejas latina ou síria mas, mesmo assim, sua aparição definitiva se retardou. O primeiro escritor que cita a Epístola por seu nome é Orígenes, o grande erudito e condutor da escola de Alexandria. Escrevendo quase em meados do século III, diz: "Se a fé for chamada fé, mas existe aparte das obras, tal fé é morta, como lemos na carta que gentilmente atribui a Tiago." Certo é que em outras obras ele cita a Epístola como pertencendo indubitavelmente a Tiago, e mostra crer que o tal Tiago é o irmão de nosso Senhor; mas mais uma vez há aqui um pano de fundo de dúvida. Eusébio, o notável erudito da Cesárea, investigou em sua época — em meados do século IV — a posição de vários livros dentro do Novo Testamento ou muito próximos a este. Ele classifica a *Tiago* entre os livros que são "discutidos"; e escreve sobre o mesmo: "A primeira das epístolas chamadas católicas diz-se que é dela (de Tiago); mas deve-se notar que alguns a consideram espúria; e certamente é verdade que são muito poucos os escritores que a mencionam."

Novamente aqui aparece o acento de dúvida. O próprio Eusébio aceitava a epístola mas sabia bem que outros não procediam assim. O momento decisivo na Igreja de fala grega chegou em 367 d.C. Nesse ano Atanásio publicou no Egito sua famosa Carta de Páscoa. Nesta Carta se

propunha informar a seu povo sobre que livros formavam parte da Escritura e quais não, porque aparentemente as leituras deles se ampliaram excessivamente ou, pelo menos, estavam-se considerando muitos livros como sagrada Escritura. *Tiago* é incluído sem qualificação nesta Carta e sua posição desde então fica assegurada.

De maneira, pois, que na Igreja primitiva ninguém questionou realmente o valor de *Tiago*. Entretanto, em todos os ramos da Igreja sua aparição foi tardia e teve que atravessar por períodos em que foi considerada com interrogantes e em que seu direito a ser admitida como livro do Novo Testamento esteve em discussão.

Em realidade, ainda terá que ver a posição de *Tiago* dentro da Igreja Católica Romana. Em 1546 o Concílio do Trento estabeleceu definitivamente a Bíblia Católica Romana. Então foi promulgada uma lista de livros a qual nenhum livro podia ser acrescentado e da qual nenhum livro podia ser omitido, livros estes que deviam ser lidos na versão *Vulgata* exclusivamente. Os livros foram divididos em duas classes. Por um lado estavam os *proto-canônicos*, quer dizer: aqueles sobre os quais nunca tinha havido dúvida alguma e que, inquestionavelmente, tinham sido aceitos de um princípio. Pelo outro lado estavam os *deutero-canônicos*, ou seja aqueles que só gradualmente tinham obtido sua entrada no Novo Testamento. A Igreja Católica Romana jamais teve dúvida alguma a respeito de *Tiago* mas, mesmo assim, este livro foi incluído na segunda classe.

Lutero e Tiago

Certamente pode-se dizer que, até hoje, ao menos para muita gente, *Tiago* não ocupa uma posição destacada dentro do Novo Testamento. Poucos são os que o mencionariam no mesmo nível que *João*, *Romanos*, *Lucas* ou *Gálatas*. Ainda há para muita gente uma espécie de reserva ou prevenção com relação a *Tiago*. Por que é assim? Isso nada tem a ver com as dúvidas a respeito na Igreja primitiva, porque a história dos livros

do Novo Testamento naqueles escuros e distantes dias é desconhecida para muita gente da Igreja atual. A razão é a seguinte: Na Igreja Católica Romana o lugar de *Tiago* foi finalmente determinado pelo Decreto do Concílio do Trento. Mas na Igreja protestante os antecedentes de *Tiago* seguiram sendo questionados em forma crescente devido aos ataques de Lutero, quem o teria eliminado totalmente do Novo Testamento. No índice de sua edição alemã do Novo Testamento, Lutero indicou os livros, atribuindo a cada um um número. Mas no final dessa lista há um grupo pequeno, separado do resto, que não leva numeração alguma. Este grupo está composto por *Tiago*, *Judas*, *Hebreus* e *Apocalipse*. Estes eram livros aos quais Lutero decididamente considerava como secundários.

Lutero foi especialmente rigoroso com *Tiago*. E o juízo adverso de um grande homem com relação a qualquer livro pode ser como uma pedra de moinho pendurada para sempre ao pescoço desse livro. No parágrafo final de seu *Prefácio ao Novo Testamento* é onde o reformador alemão pronuncia seu famoso veredicto sobre *Tiago*:

Em resumo o evangelho e a primeira epístola de São João; as epístolas de São Paulo, especialmente aquelas aos Romanos e aos Efésios; e a Primeira Epístola de São Pedro são os livros que mostram a Cristo. Ensinam tudo o que precisam saber para sua salvação. E isto ainda que nunca vissem nem escutassem a respeito de nenhum outro livro ou nenhuma outro ensino. Em comparação com estes, a Epístola de Tiago é uma *epístola cheia de palha*, porque não contém nada evangélico. Falarei mais a respeito disto em outros prefácios.

Conforme a sua promessa, Lutero desenvolveu este veredicto no *Prefácio às Epístolas de Tiago e de São Judas*. Começa dizendo: "Tenho conceito elevado da epístola de *Tiago* e a considero valiosa em que pese a que em longínquos tempos foi rechaçada. Não expõe doutrinas humanas, mas acentua muito a lei de Deus. Porém, para dar minha própria opinião — e sem prevenção contra a de nenhum outro — direi

que não a considero como autoridade apostólica." E passa a dar suas próprias razões para este rechaço.

Primeiro, e em aberta oposição a Paulo e ao resto da Bíblia, *Tiago* atribui a justificação às obras, citando erroneamente a Abraão como alguém que foi justificado pelas obras. Isto em si mesmo prova que a Epístola não pode ter origem apostólica.

Segundo, nenhuma só vez dá aos cristãos instrução alguma em relação à Paixão, à Ressurreição ou ao Espírito de Cristo nem faz alusão a isso. Somente menciona a Cristo duas vezes. E Lutero prossegue dando seu próprio princípio para a prova de qualquer livro:

"A verdadeira pedra de toque para provar qualquer livro é descobrir se este destaca ou não destaca a proeminência de Cristo... Aquilo que não ensina a Cristo não é apostólico, ainda que tenha sido ensinado por Pedro ou por Paulo. Por outro lado, aquilo que prega a Cristo, é apostólico, ainda que Judas, Anás, Pilatos ou Herodes o ensinassem."

Nesta prova *Tiago* fracassa. E Lutero prossegue:

"A epístola de Tiago, entretanto, só conduz à lei e às obras desta. Mescla uma coisa com outra a tal extremo que suspeito que algum homem bom e piedoso reuniu umas poucas coisas tais pelos discípulos dos apóstolos e as deixou consignadas por escrito. Ou talvez a epístola foi redigida por algum outro que tomou notas de um dos sermões de Tiago. À lei ele a chama lei de liberdade (Tiago 1:25; 2:12) em que pese a que Paulo a chama lei de escravidão, ira, morte e pecado" (Gálatas 3:23s.; Romanos 4:15; 7:1 Vos.)."

E conclui Lutero:

"Em resumo: Tiago deseja nos proteger daqueles que confiam na fé sem chegar às obras. Mas não tem nem o espírito nem o pensamento nem a eloquência necessários para esta tarefa. Faz violência à Escritura e assim contradiz a Paulo e a toda a Bíblia. Tenta conseguir, acentuando a lei, o que os apóstolos conseguem atraindo o homem ao amor. Portanto, nego-lhe um lugar entre os escritores do verdadeiro cânon de minha Bíblia. Não obstante, não me oporia a que outro o colocasse ou elevasse aonde lhe agrade, porque esta epístola contém muitas passagens excelentes. Um homem não

conta como homem nem mesmo perante os olhos do mundo, como, então, este simples e isolado escritor contará contra Paulo e contra todo o resto da Bíblia?"

Lutero certamente foi rigoroso com Tiago. Não obstante, pode ser que depois que tenhamos estudado esta Epístola pensemos que, por uma vez ao menos, o reformador alemão permitiu que sua prevenção pessoal o impedisse de julgar retamente.

Tal é, pois, a agitada história de *Tiago*. Agora tentaremos encarar os problemas que apresenta com relação a seu autor e data.

A identidade de Tiago

Consideraremos primeiro o autor. Virtualmente não nos dá informação alguma a respeito de si mesmo. Refere-se a si mesmo simplesmente como: "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo" (Tiago 1:1). Quem é, pois, este Tiago? No Novo Testamento aparentemente há, pelo menos, cinco pessoas que levam o nome de Tiago. (Em algumas passagens citadas o nome aparece traduzido Jacobo em lugar de Tiago; além disso pode traduzir-se como Jaime.)

(1) Temos o Tiago que era o pai de um dos doze chamado Judas, não o Iscariotes (Lucas 6:16). Este não é mais que um nome, e não pode ter relação alguma com esta Carta.

(2) Existe Tiago, filho de Alfeu, que era um dos doze (Mateus 10:3; Marcos 3:18; Lucas 6:15; Atos 1:13). Uma comparação de Mateus 9:9 com Marcos 2:14 faz evidente que Mateus e Levi eram uma e a mesma pessoa. Levi era também filho de Alfeu, e, por conseguinte, Mateus e este Tiago têm que ter sido irmãos. Mas de Tiago, o filho de Alfeu, nada se sabe, nem tampouco ele pode ter tido relação alguma com esta Carta.

(3) Também existe o Tiago que é chamado *Tiago o Pequeno* (*Tiago o Menor* é um erro de tradução) que é mencionado em Marcos 15:40

(comp. com Mateus 27:56 e João 19:25). Tampouco se sabe nada deste e nenhuma relação pode ter tido com nossa Epístola.

(4) Existe Tiago, irmão de João e filho de Zebedeu, um dos doze (Mateus 10:2; Marcos 3:17; Lucas 6:14; Atos 1: 13). No relato do Evangelho Tiago nunca aparece independentemente de seu irmão João (Mateus 4:21; 17:1; Marcos 1:19,29; 5:37; 9:2; 10:35,41; 13:3; 14:33; Lucas 5:10; 8:51; 9: 28. 54). Este Tiago foi o primeiro do grupo apostólico em ser submetido a martírio já que foi decapitado por ordem de Herodes Agripa I o ano 44 D.C. Este Tiago esteve relacionado com nossa Epístola. O *Codex Corbeiensis*, códice latino do quarto século, no final da Epístola tem uma nota atribuindo-a muito definidamente a Tiago, filho do Zebedeu. O único lugar onde isto se tomou seriamente foi na Igreja da Espanha, na qual, até fins do século XVII Tiago, filho de Zebedeu, foi freqüentemente considerado como autor da Epístola. Isto devia-se a que Tiago da Compostela, santo padroeiro da Espanha, é identificado como filho de Zebedeu, e era muito natural que a Igreja espanhola estivesse predisposta a desejar que o santo padroeiro de seu país fosse autor de uma Carta do Novo Testamento. Mas o martírio de Tiago ocorreu muito logo como para que ele pudesse ter escrito a Carta a Carta e, de toda maneira, não há nada anterior ao *Codex Corbeiensis* para relacioná-lo com ele.

(5) Finalmente, está Tiago, aquele que é chamado irmão de Jesus. Ainda que a primeira relação concreta de Tiago com esta Carta não surge até Orígenes, na primeira metade do século III. É a este Tiago a quem se atribuiu tradicionalmente a Epístola. E também a ele é que a Igreja Católica Romana definitivamente atribui a Carta visto que, em 1546, o Concílio do Trento estabeleceu que o livro de Tiago é canônico e foi escrito por um apóstolo.

Reunamos, pois, as evidências com relação a este Tiago. Pelo Novo Testamento nos inteiramos de que ele era um dos irmãos de Jesus (Marcos 6:3; Mateus 13:58). Posteriormente consideraremos em que sentido deve ser tomada a palavra "irmão". Durante o ministério de Jesus

é evidente que sua família não o entendeu nem tampouco simpatizou com ele e, no caso de poder fazê-lo, teriam restringido suas atividades (Mateus 12:46-50); Marcos 3:21, 31-35; João 7:3-9). João abertamente afirma: "Nem mesmo os seus irmãos criam nele (João 7:5). De maneira que durante o ministério terrestre de Jesus, Tiago era contado entre os seus oponentes.

Entretanto, com o livro dos Atos chega uma repentina e inexplicável mudança. Quando começa o relato, a mãe de Jesus e os irmãos de este se acham reunidos com o pequeno grupo de cristãos (1:14). Daí em diante é evidente que Tiago se converte no líder da Igreja de Jerusalém. Como chegou a acontecer isto nunca foi explicado, mas a preeminência de Tiago é evidente. A Tiago é a quem Pedro faz conhecer a notícia de sua fuga da prisão (Atos 2:17). É Tiago quem indubitavelmente preside o concílio de Jerusalém que acorda o ingresso dos gentios na Igreja cristã (Atos 15). Tiago e Pedro são aqueles com quem Paulo se reúne quando faz sua primeira viagem a Jerusalém; e com Pedro, Tiago e João ("colunas da Igreja") discute e determina Paulo o campo de seus trabalhos (Gálatas 1:19; 2:9). É a Tiago a quem Paulo vai com a oferta das Igrejas gentílicas em sua visita a Jerusalém, esta visita que ia ser a última dela e que conduziria a seu encarceramento (Atos 21:18-25). Este último episódio é importante. Mostra a Tiago com muita simpatia para com os judeus que ainda observavam a lei judaica, e muito desejoso de que os escrúpulos deles não fossem ofendidos, ao extremo de persuadir a Paulo para que demonstrasse sua lealdade à Lei assumindo os gastos de certos judeus que estavam cumprindo um voto de nazireado.

É totalmente evidente que Tiago era o líder da Igreja de Jerusalém. Como podia esperar-se, isto foi grandemente destacado e desenvolvido pela tradição e a lenda. Hegesipo, o antigo historiador, diz que Tiago foi o primeiro bispo da Igreja de Jerusalém. Clemente de Alexandria vai mais além ainda e afirma que foi eleito para esse cargo por Pedro e por João. Jerônimo, em seu livro *De Viris Illustribus*, afirma decididamente:

"Depois da Paixão do Senhor, Tiago foi imediatamente ordenado bispo de Jerusalém pelos apóstolos... e governou a Igreja de Jerusalém durante trinta anos, quer dizer, até o sétimo ano do reinado de Nero." *Os Reconhecimentos Clementinos* fazem culminar o desenvolvimento da lenda ao dizer que Tiago foi ordenado bispo de Jerusalém pelo próprio Jesus. Clemente de Alexandria refere uma estranha tradição: "Depois da ressurreição o Senhor outorgou conhecimento a Tiago o Justo, e a João e a Pedro; e eles o outorgaram aos outros apóstolos, e os outros apóstolos, aos setenta." É evidente que a lenda da preeminência de Tiago na Igreja de Jerusalém cresceu e se desenvolveu. Não é necessário que aceitemos estes últimos detalhes, mas o fato básico é que Tiago foi o indiscutido dirigente da Igreja de Jerusalém.

Tiago e Jesus

Semelhante mudança tem que ter alguma explicação. O que é que transformou o inamistoso Tiago, oponente de Jesus, no Tiago líder da Igreja cristã e, finalmente, como veremos, em mártir por Cristo? Bem pudesse ser que a explicação a encontremos numa breve expressão do próprio Novo Testamento. Em 1 Coríntios 15, Paulo nos dá uma lista das aparições de Jesus ressuscitado; aí é onde figuram é-as palavras: "Depois, foi visto por Tiago" (1 Coríntios 15:7). Também há uma estranha referência a Tiago no *Evangelho Segundo os Hebreus*. Este foi um dos muitos antigos Evangelhos que não conseguiram ser admitidos no Novo Testamento mas que, mesmo assim, a julgar pelos fragmentos que se conservaram, tem muito valor. Nesse Evangelho aparece a seguinte passagem que nos chegou por meio de Jerônimo.

Agora, quando o Senhor acabou de dar a túnica de linho ao servo do sumo sacerdote, foi até Tiago e apareceu a este (porque Tiago tinha jurado que não comeria pão desde aquela hora quando ele 'tomou a taça do Senhor, até que o visse o levantado dentre os que dormem). E novamente, depois de um tempo, disse o Senhor: Tragam uma mesa e pão', e

imediatamente é acrescentado: 'Ele tomou o pão, e o abençoou, e o partiu e o deu a Tiago o justo e lhe disse: Irmão meu, come seu pão, porque o Filho do Homem se levantou dentre os que dormem'.

Esta é uma passagem que tem suas dificuldades. No começo da mesma parece dar a entender que Jesus se levantou dentre os mortos e saiu da tumba, entregou ao servo do sumo sacerdote a mortalha que tinha levado enquanto esteve morto, e foi encontrar se com seu irmão Tiago. Também parece implicar que Tiago esteve presente na Última Ceia. Ainda que a passagem tem seus pontos obscuros, uma coisa, entretanto, está clara: naqueles últimos dias e horas, algo com relação a Jesus tinha comovido o coração de Tiago de maneira que este fez voto de não comer até que Jesus ressuscitasse; assim Jesus chegou até ele e lhe deu a segurança de que o que estava esperando já tinha acontecido. O certo é que houve um encontro de Tiago e o Ressuscitado. O que ocorreu naquele sagrado e íntimo momento, jamais saberemos. Mas sim sabemos isto: que a partir de então o Tiago que tinha sido um hostil e inamistoso oponente de Jesus chegou a ser seu servo na vida e sua mártir na morte.

Tiago, mártir por Cristo

A antiga tradição atesta unanimemente que Tiago sofreu uma morte de mártir. Os relatos em relação às circunstâncias de sua morte variam, mas o fato de que foi martirizado permanece imutável. O relato do Josefo é muito breve (*Antiguidades* 20:9. I):

De maneira que Ananus, sendo um homem dessa classe, e pensando que tinha obtido uma boa oportunidade devido ao fato de que Festo estava morto e Albino não tinha chegado ainda, reuniu um conselho judicial e fez comparecer perante ele o irmão de Jesus chamado o Cristo — Tiago era seu nome — e a alguns outros, e sob a acusação de terem violado a Lei, entregou-os para que fossem apedrejados.

Ananus era um sumo sacerdote judeu. Festo e Albino eram procuradores da Palestina, que exerciam as mesmas funções que tinha tido Pilatos. O significativo deste relato é que Ananus aproveitou o intervalo entre a morte de um procurador e a chegada do sucessor deste para eliminar a Tiago e a outros dirigentes da Igreja cristã. Em realidade, isto concorda bem com o caráter de Ananus, segundo o que sabemos dele. Isso significaria, então, que Tiago foi martirizado no ano 62 D.C.

Um relato muito mais extenso da morte de Tiago, encontramos na história do Hegesipo. A obra propriamente tal se perdeu mas Eusébio, em sua *História Eclesiástica* (2:23) preservou completo o relato da morte de Tiago. É tão interessante que se justifica que o citemos integralmente:

Recebeu o governo da Igreja, junto com os apóstolos, Tiago irmão do Senhor, quem já dos tempos de Cristo até nossa idade foi chamado o Justo. Pois certamente existiram muitos que se chamavam com o nome de Tiago. Mas este foi santo do ventre de sua mãe. Nunca bebeu vinho nem suco de tâmaras; absteve-se totalmente das carnes de animais. Nunca cortou a cabeleira, nem costumava ungir nem banhar seu corpo. Era o único entre todos que tinha o direito e a faculdade de entrar no santuário íntimo do templo. Não usava vestimenta de lã mas sim de linho. Costumava entrar sozinho no templo e orar ali intercedendo perante Deus de joelhos pelos pecados do povo, ao ponto de que seus joelhos tivessem calos como os do camelo, quando venerando a Deus assiduamente se prostrava no solo, fazendo votos pela salvação do povo. Por causa de sua singular justiça, era chamado Justo e Oblias, que significa em latim *munimentum populi et justitia*, como predisseram os profetas a respeito dele. Alguns pertencentes às sete seitas que existiam entre os judeus e das quais lembramos ter escrito nos livros anteriores, perguntaram-lhe qual era a porta de Jesus, aos quais respondeu que Jesus era Salvador. Ouvidas estas palavras, creram alguns deles que Jesus era verdadeiramente o Cristo. As seitas mencionadas não criam nem na ressurreição nem na futura vinda de Cristo para retribuir a cada um segundo seus merecimentos. Quantos, pois, deles, creram, creram certamente por obra e ministério de Tiago. Como pois cressem muitos dos personagens, os judeus, os escribas e fariseus

começaram a alvoroçar-se, clamando que já se chegou até o extremo de que quase todo o povo esperasse a Jesus como a Cristo.

Por conseguinte, reunindo-se todos se dirigiram a Tiago, e o estreitaram com estas palavras: "Rogamos-te que reprimas o engano do povo, que concebeu uma opinião falsa a respeito de Jesus, como se este fosse o Cristo. Persuade portanto a todos os que se reúnem aqui na festa da Páscoa a que pensem retamente a respeito de Jesus. Pois todos temos confiança em ti e com todo o povo te testemunhamos que és um varão muito justo e que em ti não há acepção de pessoas. Por conseguinte, persuade a plebe que daí em diante não erre a respeito de Jesus. Todo o povo e nós te obedecemos. Sobe, pois, ao alto do templo, para que colocado em lugar elevado possas ser facilmente visto e ouvido por todos. Porque com motivo da solenidade da Páscoa se congregaram aqui todas as tribos dos judeus e não poucos gentios."

Logo, os mencionados escribas e fariseus tendo colocado a Tiago no alto do templo, começaram a lhe falar com voz suplicante: "Oh, Justo, a quem prestar fé todos nós é razoável: todo o povo erra, seguindo a Jesus crucificado, insígnia nos qual seja a porta de Jesus cravado na cruz."

Então Tiago, deixando ouvir sua voz, respondeu-lhes: "Por que me perguntam a respeito de Jesus, o Filho do homem? Ele está sentado à mão direita da suma virtude e há de vir nas nuvens do céu." Como muitos, confirmados por esse testemunho de Tiago, glorificassem a Jesus dizendo: "Hosana ao Filho de Davi!"; então os mesmos escribas e fariseus, falando entre si, disseram: "Procedemos de maneira errada, honrando a Jesus com tão valioso testemunho. Mas subamos e lancemo-lo abaixo, para que, os outros aterrados, deixem de lhe prestar fé." Logo começaram a exclamar e a dizer: Oh, Oh, também o Justo errou.

E se cumpriram as coisas que estão escritas no profeta Isaías: "Tiremos dom meio ao justo, porque nos incomoda. Pelo qual comerão o fruto de suas obras." Logo subiram e o precipitaram. E porque o precipitado não morreu imediatamente, mas sim posto de joelhos orava dizendo: "Senhor e Deus Pai, rogo-te que os perdoes, pois não sabem o que fazem", eles disseram entre si: "Apedrejemos a Tiago o Justo." De modo que,

começaram a lançar pedras nele. E enquanto cobriam de pedras o homem, um dos sacerdotes, dos filhos do Recabe, filho do Recabim, que tinham sido elogiados por Jeremias, com voz suplicante disse: "Perdoem, mas o que fazeis? O Justo ora por vós." Enquanto isso um dos lavadeiros deles, tomando o bastão com que estava acostumado a esfregar as vestes, feriu a cabeça do Justo. E desta maneira acabou a vida com um feliz martírio. Foi sepultado no mesmo lugar e ainda subsiste seu sepulcro junto ao templo. Este Tiago foi eloqüente testemunha, tanto para os judeus como para os gregos, de que Jesus foi verdadeiramente o Cristo. Não muito depois aconteceram o cerco de Vespasiano e a cativo dos judeus."

As últimas palavras deste fragmento da história do Hegesipo mostram que este tinha uma data distinta para a morte de Tiago. Josefo a situa no ano 62 d.C, mas se isto aconteceu justo antes do sítio de Vespasiano, então a data seria ao redor do ano 66 d.C.

Bem pode ser que na história do Hegesipo haja muito de lenda, mas dela surgem duas coisas: Primeiro, é evidente mais uma vez, que Tiago sofreu uma morte de mártir; segundo, está claro que depois de tornar-se cristão Tiago permaneceu completamente leal à Lei judaica ortodoxa. Em realidade, tão leal foi Tiago à Lei que os judeus o consideravam como a um deles. Isto certamente concordaria bem com a atitude de Tiago para com Paulo quando chegou a Jerusalém com a oferenda para a Igreja dessa cidade (Atos 21:18-25) porque, como já vimos, Tiago nessa ocasião insistiu com Paulo para que demonstrasse não ser era inimigo da Lei, custeando os gastos de alguns que estavam cumprindo o voto de nazireado.

O irmão de nosso Senhor

Antes de deixar a Tiago como pessoa, há outra questão com relação a ele que temos que tratar de resolver. Em Gálatas 1:19 Paulo refere-se a Tiago como *o irmão do Senhor*. Em Mateus 13:55 e em Marcos 6:3 aquele é mencionado entre os irmãos de Jesus e, em Atos 1:14, ainda que

não se dão nomes, diz-se que os irmãos de Jesus estavam entre os seguidores de Cristo na Igreja primitiva. A pergunta que temos que responder é esta: Qual é o significado da palavra *irmão*? Este é um interrogante que tem que ser respondido porque a Igreja Católica Romana atribui grande importância à resposta, e o mesmo faz o setor anglo-católico da Igreja Anglicana. Esta é uma questão sobre a que, certamente, na época de Jerônimo houve na Igreja uma contínua polêmica. Há três teorias quanto ao vínculo familiar destes "irmãos" de Jesus. Consideremos uma após outra.

A teoria jeronimiana

Esta teoria recebe seu nome de Jerônimo, que a expôs no ano 383 d.C. Ninguém antes dele tinha sugerido algo semelhante. A importância desta teoria está demonstrada pelo fato de constituir uma crença determinada e estabelecida da Igreja Católica Romana, sendo para ela artigo de fé. Entenderemos melhor a complicada argumentação de Jerônimo se a recortarmos numa série de pontos:

(1) Tiago, o irmão de nosso Senhor, está incluído entre os doze apóstolos. Paulo escreve: "Não vi outro dos apóstolos, senão Tiago, o irmão do Senhor" (Gálatas 1:19). Aí reside a prova de que Tiago era um apóstolo.

(2) Jerônimo insiste em que a palavra *apóstolo* só pode ser empregada com referência a um dos doze; reitera que o título de apóstolo está limitado a eles e somente a eles. Agora, se é assim, teremos que buscar Tiago entre os doze. Não se pode identificá-lo com Tiago, o irmão de João e filho do Zebedeu quem, além disso, pelo tempo a que se refere Gálatas 1:19 já tinha sido martirizado, como claramente o diz Atos 12:2. Portanto, tem que ser identificado como o único Tiago que havia entre os Doze, quer dizer: Tiago o filho de Alfeu. Por conseguinte, e segundo esta teoria, Tiago, o irmão de nosso Senhor e Tiago, o filho de Alfeu são uma e a mesma pessoa, ainda que sob distintas descrições.

(3) Jerônimo prossegue fazendo ainda outra identificação. Em Marcos 6:3 lemos: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José...” E em Marcos 15:40 encontramos junto à cruz a Maria mãe de Tiago o menor e de José. Aqui Tiago o menor é o irmão de José e o filho de Maria e, portanto, tem que ser a mesma pessoa que o Tiago de Marcos 6:3. O Tiago de Marcos 6:3 é o Tiago que é irmão de nosso Senhor. Portanto, segundo Jerônimo, Tiago o irmão do Senhor, Tiago o filho do Alfeu, e Tiago o menor são todos eles a mesma pessoa ainda que sob distintas descrições.

(4) Para o passo seguinte e final de sua argumentação, Jerônimo se apóia numa dedução baseada na lista de mulheres que estavam presentes quando Jesus foi crucificado. Detalharemos a lista de nomes tal como a apresentam os três evangelistas como segue:

Em Marcos 15:40 a lista é:

Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José,
e Salomé.

Em Mateus 27:56 a lista é como segue:

Maria Madalena, Maria a mãe de Tiago o menor
e de José, e a mãe dos filhos do Zebedeu.

Em João 19:25 a lista é assim:

A mãe de Jesus, a irmã da mãe de Jesus,
Maria a esposa de Clopas, e Maria Madalena.

Analisemos agora estas listas. Em cada uma delas Maria Madalena aparece mencionada por seu nome. E quanto a Salomé e à mãe dos filhos do Zebedeu, resulta fácil identificá-las. O verdadeiro problema é a lista de nomes de João, e a questão é quantas mulheres há nessa lista. Há três, ou e quatro? Essa lista tem que ser lida assim?

- (1) A mãe de Jesus
- (2) A irmã da mãe de Jesus
- (3) Maria a esposa de Clopas
- (4) Maria Madalena

Ou terá que ler a desta outra maneira?

- (1) A mãe de Jesus
- (2) A irmã da mãe de Jesus, Maria a esposa de Clopas
- (3) Maria Madalena

Jerônimo insiste em que a segunda forma é a correta. Quer dizer que, segundo ele, há três mulheres e que a irmã da mãe de Jesus, e Maria a esposa de Clopas, são uma e a mesma pessoa. Se é assim, a irmã da mãe de Jesus tem que ser também a Maria que nas outras listas é a mãe de Tiago e de José. Agora, este Tiago é o mesmo que Tiago, o Menor, e o mesmo que Tiago filho de Alfeu, e que Tiago o apóstolo que era conhecido como o irmão de nosso Senhor. Isto significaria que Tiago é o filho da irmã de Maria e, portanto, é primo de Jesus.

Essa é pois, a argumentação de Jerônimo, a qual lhe podem fazer quatro objeções:

(1) Várias vezes Tiago é chamado o *irmão* de Jesus, ou é nomeado entre os irmãos de Jesus. A palavra "irmão" em cada caso é (em grego) *adelphos*, que é o vocábulo mais geralmente usado para significar irmão. Certo é que *adelphos* pode descrever gente que pertence a uma fraternidade como, por exemplo, os cristãos que se chamavam irmãos uns aos outros. Certo é também que esta palavra pode, ser usada como uma expressão de afeto, assim como quando chamamos "irmão" a alguém com quem desfrutamos de intimidade pessoal. Mas quando essa palavra é usada com referência àqueles que estão relacionados por laços de parentesco ou sangue, muito dificilmente pode significar primos. Se Tiago era primo de Jesus, é extremamente improvável — talvez impossível — que se o houvesse chamado *adelphos*, o irmão de Jesus.

(2) Jerônimo estava muito equivocado ao partir da premissa de que o termo *apóstolo* somente pode ser usado para referir-se a um dos doze. Paulo era um apóstolo (Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1). Barnabé era um apóstolo (Atos 14:14; 1 Coríntios 9:6). Silas era um apóstolo (Atos 15:22). Andrônico e Júnias eram apóstolos (Romanos 16:7). É quase impossível limitar aos doze a palavra *apóstolo*. E sendo isto assim já não é necessário buscar Tiago o irmão do Senhor

entre os doze. Por conseguinte, toda a argumentação de Jerônimo se derruba.

(3) Em vista de todo isso é muito mais provável que João 19:25 seja uma lista de quatro mulheres, não de três. Porque se Maria, a esposa de Clopas, é realmente a irmã de Maria mãe de Jesus, significaria que houve duas irmãs na mesma família ambas chamadas Maria, o que é muito improvável.

(4) Terá que lembrar que a Igreja não soube nada desta teoria até o ano 383 D.C., quando Jerônimo a deu a conhecer. E certamente nunca teria sido elaborada tal teoria mas pela única razão de conservar e robustecer a doutrina da perpétua virgindade de Maria. O propósito da teoria é assegurar a crença de que Maria não teve outros filhos além de Jesus.

De maneira que ainda que a teoria de que os chamados irmãos de Jesus seriam em realidade suas primos é a teoria oficial da Igreja Católica Romana, e ainda que haja protestantes que insistem nela, devemos desprezá-la como insustentável.

A teoria epifaniana

A segunda das hipótese em relação à relação de Jesus com seus "irmãos", é chamada teoria epifaniana. Seu nome deriva do Epifânio, quem lá pelo ano 370 d.C. a sustentou energicamente, ainda que tal hipótese existia já muito antes dessa época e pode dizer-se que era a opinião mais corrente na Igreja primitiva quanto ao problema que nos ocupa. Esta teoria sustenta que aqueles que são chamados "irmãos" de Jesus eram, em realidade, seus meio-irmãos, filhos de José por via de um casamento prévio.

O substancial desta teoria aparece já num livro apócrifo chamado *Livro de Tiago*, ou *Protoevangelio*, cuja origem se remonta em meados do século II. Nele refere-se que houve uns piedosos maridos chamados Joaquim e Ana. Sua maior aflição era não ter tido filhos. Entretanto, para

grande felicidade deles, sendo já anciãos lhes nasceu uma criatura e, aparentemente segundo a narração, este foi considerado como um nascimento virginal. Tratava-se de uma garotinha que foi chamada Maria, e a qual ia ser a "mãe de Jesus. Joaquim e Ana dedicaram sua filhinha ao Senhor e, quando alcançou a idade de três anos, levaram-na ao templo e a deixaram ali aos cuidados dos sacerdotes. Ela cresceu no templo e, ao chegar aos doze anos de idade, os sacerdotes começaram a pensar no casamento da menina. Fizeram reunir os viúvos do povo pedindo a cada um que trouxesse seu cajado. Entre eles veio José, o carpinteiro. O sumo sacerdote tomou os cajados, sendo o último o de José. Com os outros cajados nada aconteceu, mas do cajado de José voou uma pomba que foi posar sobre sua cabeça. Nessa forma foi revelado que José tomaria a Maria como esposa. A princípio ele não estava disposto: "Tenho filhos — explicou — e sou um homem velho; ela, pelo contrário, é uma menina. Serei motivo de risada para os filhos de Israel" (Protoevangelio 9:1). Mas finalmente, em obediência à vontade do Senhor, tomou como esposa e, a seu devido tempo, nasceu Jesus. É obvio que as fontes do *Protoevangelio* pertencem à lenda mas, seja como for, isto mostra que já em meados do século II a teoria que posteriormente levaria o nome de Epifânio era vastamente conhecida e amplamente sustentada.

Desde já se deve deixar bem sentado que tal hipótese carece de toda evidência direta. No caso de ser sustentada deve sê-lo indiretamente. Quais são, pois, os elementos indiretos de evidência, e quais as implicações bíblicas que podem ser citadas em seu apoio?

(1) Pergunta-se: Teria Jesus confiado a João o cuidado de sua mãe se ela tivesse tido outros filhos além de si mesmo (João 19:26-27)? A resposta a isso é que, até onde saibamos, a família de Jesus simpatizava pouco com Ele, e dificilmente Jesus teria confiado sua mãe aos cuidados deles.

(2) Aduz-se que a atitude dos irmãos de Jesus para com este, é a que corresponderia a irmãos mais velhos com relação a um irmão mais

novo. Eles puseram em dúvida o são juízo de Jesus e quiseram levá-lo de volta a seu lar (Marcos 3:21, 31-35); tinham uma atitude francamente hostil com relação a Ele (João 7:1-6). Mas bem poderia dizer-se também que, além de toda questão de idade, consideravam-no um estorvo para a família.

(3) Argúi-se que José ceve ter sido mais velho que Maria devido ao fato de que desaparece por completo do relato do Evangelho e que, portanto, provavelmente tem que ter morrido antes que Jesus começasse seu ministério público. A mãe de Jesus estava na festa de bodas em Caná da Galiléia, mas não se faz ali menção alguma a José (João 2:1). Jesus é chamado, ao menos às vezes, o filho de Maria. A implicação disto seria que José já tinha morrido e que Maria era viúva (Marcos 6:3; compare-se, entretanto, com Mateus 13:55). Além disso, a prolongada permanência de Jesus em Nazaré até a idade de trinta anos (Lucas 3:22) pode ser explicada mais facilmente supondo que José tinha morrido e que Jesus tinha assumido a responsabilidade de sustentar à família. Mas o fato de que José fosse mais velho que Maria não prova de maneira alguma que ele não tivesse tido outros filhos com ela. Por outro lado, o fato de que Jesus permanecesse em Nazaré como carpinteiro da aldeia para sustentar a sua família, antes, indicaria que era o filho mais velho, e não o mais novo.

A isto Lightfoot acrescenta outros dois argumentos de caráter mais geral: Primeiro, diz que esta é a teoria da tradição cristã e, segundo, que qualquer outra coisa é "detestável para o sentimento cristão".

Não obstante, esta hipótese tem, basicamente, a mesma origem que a teoria jeronimiana. Seu propósito e a razão de sua existência é conservar a tradição da perpétua virgindade de Maria. Surge da tendência no pensamento da Igreja a magnificar o ascetismo e diminuir o estado matrimonial. Não há evidência direta alguma em seu favor, e ninguém a pensado nisso a não ser pelo desejo de conservar conceito da perpétua virgindade da mãe de nosso Senhor.

A teoria helvidiana

A terceira teoria é chamada *helvidiana*. Simplesmente declara que os irmãos e irmãs de Jesus eram, em todo sentido da palavra, seus irmãos e irmãs ou, para usar o termo técnico, que eram seus irmãos e irmãs uterinos. Quase nada se conhece de Helvidius, com cujo nome está relacionada esta teoria. Tudo o que sabemos dele é que em apoio desta teoria escreveu um tratado que Jerônimo refutou energicamente.

Que pode-se dizer, pois, em favor desta hipótese helvidiana?

(1) Tal como o vemos, certamente pode-se afirmar que ninguém que leia o Novo Testamento sem pressuposições teológicas pensaria jamais outra coisa. O relato do Novo Testamento não apresenta aos irmãos e irmãs de Jesus mas sim como seus irmãos e irmãs no pleno sentido desta palavra.

(2) A narração do nascimento, tanto em Mateus como em Lucas, pressupõe que Maria teve outros filhos. Mateus expressa: “E José, despertando do sonho, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher, e não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito” (Mateus 1:24-25a). A clara implicação é que José entrou em relações conjugais normais com Maria depois do nascimento de Jesus. Tanto é assim que Tertuliano usa esta passagem para demonstrar que tanto a virgindade como o estado matrimonial são elogiados e consagrados em Cristo pelo fato de que Maria foi primeiro virgem e depois esposa no pleno sentido da palavra. Lucas, ao falar do nascimento de Jesus, utiliza a mesma frase de Mateus: “E deu à luz o seu filho primogênito” (Lucas 2:7). Chamar Jesus de primogênito é simplesmente indicar que outros filhos seguiram após Ele. Os relatos do nascimento em Mateus e em Lucas não prestam apoio a nenhum outro ponto de vista que não seja o de que os irmãos e irmãs de Jesus eram também filhos de José e de Maria.

(3) Que Jesus permanecesse em Nazaré como o carpinteiro da aldeia até a idade de trinta anos é, pelo menos, — como já dissemos —

uma indicação de que ele era o filho mais velho, e que tinha assumido a responsabilidade de sustentar sua família depois da morte de José.

Creemos que os irmãos e as irmãs de Jesus eram plena e verdadeiramente tais. Qualquer outra teoria surge, em última instância, da exaltação do ascetismo e do desejo de considerar Maria como sempre virgem. Mas certamente é muito mais atrativo crer na santidade do lar que insistir na superioridade do celibato sobre o amor matrimonial.

Podemos, pois, crer que o Tiago que é chamado "o irmão do Senhor", era, em todo sentido, irmão de Jesus.

Tiago como autor

Podemos dizer que o Tiago que era irmão do Senhor foi também o autor desta Epístola? Quanto mais investiguemos a paternidade literária e a data desta epístola, tanto maiores dificuldades encontraremos. Várias vezes descobriremos que os argumentos de cada lado estão assombrosamente equilibrados. Vejamos primeiro a evidência em favor do ponto de vista que apresenta a Tiago como o autor desta Carta.

(1) Se é que Tiago escreveu alguma epístola, o mais natural é que a mesma seja uma epístola geral, como é o caso desta. Tiago não era, como Paulo, um viajante e um homem de muitas congregações. Foi o líder do setor judeu da Igreja e, portanto, o tipo mais natural de carta que ele podia ter escrito era uma epístola dirigida especialmente a todos os cristãos de origem judia.

(2) Dificilmente se encontrará nesta Carta algo que um bom judeu ortodoxo não tivesse aceito. Tanto é assim que há aqueles que opinam que, em realidade, este é um tratado judeu de ética que conseguiu introduzir-se no Novo Testamento. A. H. McNeile assinala que há em Tiago exemplo após exemplo de frases que podem ser lidas tanto em sentido cristão como judeu. A referência às doze tribos da dispersão (1:1) é algo que podia ser entendido por um judeu como uma alusão aos israelitas espalhados e exilados por todo mundo; enquanto que um

cristão, por sua parte, podia interpretá-lo como assinalando à Igreja cristã, o novo Israel de Deus. "O Senhor" pode várias vezes ser entendido nesta Carta igualmente bem tanto referindo-se a Jesus como referindo-se a Deus (1:7; 4:10,15; 5:7,8,10,11,14,15). Nosso nascer pela palavra de verdade para que sejamos primícias de sua criação (1:18), pode igualmente ser bem interpretado tanto como o primeiro ato de Deus ao criar o mundo, ou como a nova criação divina dos homens mediante Jesus Cristo. A lei perfeita e a lei real (1:25; 2:8) podem deste modo ser entendidos como a Lei ética dos Dez Mandamentos ou como a nova lei em Cristo. Os anciãos da Igreja, a *ekklesia* (5:14) pode ser interpretado como significando os anciãos da Igreja cristã, ou como referindo-se aos anciãos judeus, já que na *Septuaginta* a palavra *ekklesia* é o título da nação escolhida por Deus. Em 2:2 fala-se de "sua congregação". Mas o vocábulo traduzido aqui "congregação" em realidade é *synagoge*, o qual, é obvio, pode significar sinagoga muito mais naturalmente que congregação cristã. Seu hábito de dirigir-se aos leitores como a *irmãos* é caracteristicamente cristão mas, também, é tipicamente judeu. A *parousia* do Senhor, e a figura do Juiz diante da porta (5:7, 9) são comuns tanto ao pensamento judeu como ao cristão. A acusação de que eles deram morte ao justo (5:6) é uma figura e uma frase que aparece repetidamente nos profetas, mas um cristão poderia lê-las como se aludissem à crucificação de Cristo. Nada há nesta carta que um judeu ortodoxo não pudesse aceitar de todo coração, lendo-a desde sua própria perspectiva.

Bem pode argüir-se que tudo isto concorda perfeitamente com a personalidade de Tiago. Este era o líder do que poderia chamar-se a cristandade judia; foi o dirigente do setor da Igreja que permaneceu centrada em Jerusalém. Tem que ter havido uma época com que a Igreja esteve muito próxima ao judaísmo; quando, em realidade era, mais que qualquer outra coisa, um judaísmo reformado e reformulado. Houve uma classe de cristianismo que não teve a amplitude ou a universalidade que a mente de Paulo lhe conferiu. Paulo mesmo diz que a esfera dos gentios

foi-lhe confiada, e a dos judeus foi atribuída a Pedro, Tiago e João (Gálatas 2:9). A carta de Tiago bem pode representar uma classe de cristianismo que tinha permanecido estático conservando seu forma mais primitiva. Isto explicaria duas coisas:

Primeiro, a freqüência com que Tiago repete os ensinamentos do Sermão da Montanha. Baseando-nos em muitos exemplos podemos comparar Tiago 2:12, 13 com Mateus 6:14, 15; Tiago 3:11-13 com Mateus 7:16-20; Tiago 5:12 com Mateus 5:34-37. Qualquer cristão de origem judia estará extremamente interessada nas ensinamentos éticas da fé cristã.

Segundo, ajudaria a explicar a relação desta Carta com os ensinamentos de Paulo. Numa leitura superficial Tiago 2:14-26 aparece como um ataque direto ao paulinismo. “O homem é justificado pelas obras e não somente pela fé” (Tiago 2:24). À primeira vista isto parece uma terminante contradição da doutrina paulina da justificação mediante a fé. Mas o que Tiago está atacando é a assim chamada fé que não tem resultados nem conseqüências éticas. Porque há algo muito claro, e é que qualquer pessoa que acuse a Paulo de pregar tal classe de fé, não pode ter lido as Cartas deste apóstolo, pois estas se acham repletas de exigências éticas. Basta ler um capítulo como Romanos 12 para comprovar que Paulo pregou uma fé cheia de conseqüências éticas.

Agora, Tiago morreu no ano 62 d. C. e, portanto, não pode ter lido as cartas de Paulo, dado que estas não chegaram a ser patrimônio comum da cristandade até, pelo menos, o ano 90 d.C, data em que foram compiladas e entregues à Igreja. Por conseguinte, o que Tiago está atacando é, ou um mal-entendido do que Paulo disse, ou uma tergiversação do mesmo. E em nenhuma parte tal mal-entendido ou tal tergiversação era mais provável que surgisse que em Jerusalém. A ênfase de Paulo na fé e na graça, e seu ataque à lei provavelmente seriam considerados com maior suspicácia e incompreensão que em nenhuma outra parte. É extremamente improvável que Tiago esteja atacando a Paulo. O que está refutando é uma falsa interpretação do paulinismo, e

em nenhum outro lado tal Carta tem maior possibilidade de ter sido escrita que em Jerusalém.

Por outro lado, o caráter judeu desta epístola concorda bem com a personalidade de Tiago.

(3) Assinalou-se que a Carta de Tiago e a carta do Concílio de Jerusalém às Igrejas gentios têm, pelo menos, duas curiosas semelhanças. Primeira: ambas começam com a palavra *Saúde* (Tiago 1:1; Atos 15:23). No original esta palavra é *cairein*. Agora, esta era a maneira normal em que os gregos começavam uma carta, mas em nenhuma outra parte do Novo Testamento encontra-se, salvo no começo da carta que Cláudio Lísias, o chefe militar, envia ao governador da província (Atos 23:26). É sugestivo que os dois únicos documentos do Novo Testamento que utilizam esta forma de começar uma carta estejam relacionados com o nome de Tiago.

Segunda semelhança: em Atos 15:17, na carta do concílio de Jerusalém, encontra-se uma frase que menciona aos gentios sobre os quais é *invocado meu nome*. Esta expressão não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento, salvo em Tiago 2:7, onde é traduzida assim: *o bom nome que é invocado sobre vós*. A tradução é distinta nestas passagens mas a frase em grego é exatamente a mesma. É curioso que a carta do Concílio de Jerusalém nos ofereça duas expressões pouco freqüentes, que só aparecem na epístola de Tiago. Este fato é tão mais sugestivo quando lembramos que a carta do Concílio deve ter sido redigida por Tiago.

Por um lado há então, evidência que daria base à opinião de que esta epístola foi certamente obra de Tiago o irmão do Senhor e cabeça da Igreja de Jerusalém.

Não obstante o anterior, por outro lado, há atos que nos fazem duvidar um pouco quanto a se Tiago o irmão do Senhor for, depois de tudo, o autor desta Carta. Vejamos:

(1) Se o escritor desta Epístola fosse irmão de nosso Senhor, teríamos esperado que se referisse a este fato. Mas tudo o que ele se

chama a si mesmo é "servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo" (1:1). Aquela referência em nenhuma maneira teria sido para sua glória pessoal mas sim, simplesmente, para outorgar maior autoridade a sua Carta. E esta autoridade teria sido muito útil fora da Palestina, em países onde Tiago dificilmente pôde ter sido conhecido. Se este Tiago era verdadeiramente o irmão do Senhor, surpreende que não tenha feito referência, direta nem indiretamente, a essa circunstância.

(2) Na falta de uma referência do próprio Tiago a seu vínculo com Jesus, teríamos esperado, pelo menos, uma alusão a seu caráter de apóstolo; isto no caso de que Tiago, o irmão do Senhor, fosse o autor desta Carta. Que ele era apóstolo é indubitável. E novamente não se trata aqui de uma questão de prestígio pessoal, mas sim de uma garantia para respaldar o escrito por ele. Paulo, por exemplo, começava habitualmente suas Cartas com uma referência a seu apostolado. Se este Tiago era verdadeiramente o irmão do Senhor, cabeça da Igreja de Jerusalém e componente do grupo de apóstolos, então teríamos esperado alguma referência a este fato, pelo menos no começo da Epístola.

(3) O que mais surpreende, entretanto, é o que fez com que Lutero pusesse em tela de juízo o direito desta Epístola de ocupar um lugar no Novo Testamento. Quer dizer, a quase absoluta falta de referências a Jesus Cristo. Somente duas vezes em toda a Carta se menciona o nome de Jesus, e isto em forma quase incidental (1:1; 2:1). Tampouco há referência alguma à ressurreição de Jesus. E bem sabemos que a Igreja primitiva foi edificada sobre a fé no Cristo ressuscitado. Se esta Carta for obra de Tiago, então também é contemporânea dos eventos relatados no livro dos Atos, e ali a ressurreição de Cristo se menciona não menos de vinte e cinco vezes. E aquilo que a torna ainda mais surpreendente é que Tiago tinha uma razão pessoal para escrever a respeito da aparição de Jesus pois, como já dissemos, bem pode ter sido aquela aparição o que fez mudar o rumo de toda sua vida. Surpreende que qualquer pessoa que escrevesse em tal época da história da Igreja, o fizesse sem referir-se absolutamente à ressurreição de Jesus, e mais surpreende ainda se

aquele que assim escreve é Tiago, o irmão de nosso Senhor. Além disso, tampouco há a menor menção de Jesus como Messias. E se Tiago, líder da Igreja cristã de origem judia, estava escrevendo a judeus convertidos ao cristianismo, era de esperar-se que seu maior interesse fora apresentar a Jesus como Messias ou, pelo menos, que expusera claramente sua crença a respeito. Entretanto, não há nesta Carta referência alguma a este fato.

(4) É manifesto que o autor desta Epístola se achava familiarizado com a Literatura de Sabedoria, coisa que seria natural esperar em Tiago. Além disso, há em sua Carta vinte e três aparentes citações do Sermão da Montanha, fato que também é fácil de entender dado que, desde o começo, muito antes que os Evangelhos fossem, devem ter circulado compêndios dos ensinamentos de Jesus. Alguns aduzem que o autor da Epístola deve ter conhecido as Cartas de Paulo aos Romanos e aos Gálatas para poder escrever como o faz em relação à fé e às obras; e se argúi — com razão — que um judeu que nunca esteve fora da Palestina e que teria morrido no ano 62 d.C, não podia ter conhecido essas Epístolas. Mas como já vimos, este não é um argumento sólido dado que a crítica à doutrina de Paulo em *Tiago* é uma crítica que somente pôde ter sido feita por alguém que não tivesse lido diretamente as verdadeiras Cartas de Paulo, alguém que se estava ocupando de um mal-entendido ou de uma perversão da doutrina paulina. Mas a frase de 1:17 "Toda boa dádiva e todo dom perfeito", é uma linha de verso hexâmetro e evidentemente trata-se de uma citação de algum poeta grego; e a expressão de 3:6 "o ciclo da criação" (Bíblia de Jerusalém), pode ser uma frase órfã tirada das religiões de mistérios da antiga Grécia. Como é que Tiago, na Palestina, pôde recolher citações como estas?

Como vemos, há coisas difíceis de entender, circunstâncias que não favorecem a tese de que Tiago, o irmão de nosso Senhor, tenha sido verdadeiramente o autor desta Carta.

Começamos dizendo que, várias vezes, ao considerar a evidência quanto a autor desta Epístola, encontramos que os argumentos por ambas

as partes estão extraordinariamente equilibrados. No momento devemos deixar esta questão em suspense e nos ocupar de outros aspectos.

A data da Carta

Ao considerar as evidências quanto à data da Carta nos encontramos com esse mesmo equilíbrio. Pode-se afirmar que a epístola é de data muito anterior mas, ao mesmo tempo, também é possível chegar à conclusão de que é de data tardia. Examinemos as evidências.

(1) É evidente que quando Tiago estava escrevendo, a esperança da segunda vinda de Jesus Cristo era ainda muito real (5:7-9). Agora, a expectativa da Segunda Vinda nunca deixou de estar latente na Igreja cristã mas, em certa medida, desvaneceu-se do primeiro plano do pensamento da Igreja ao ser tão inesperada e longamente demorada. Sobre esta base poderia aduzir-se que nossa Epístola tem que ter sido datada muito cedo na história da Igreja.

(2) Nos primeiros capítulos do livro dos Atos e nas Cartas de Paulo há um contínuo pano de fundo de controvérsia. Trata-se da reticência judia a aceitar os gentios na Igreja sobre a única base da fé e da graça. Todo lugar aonde Paulo ia, ali os opositores judaizantes o seguiam e a aceitação dos gentios não era batalha fácil de ganhar. Entretanto, na Epístola de Tiago não há o mais leve indício dessa controvérsia judeu-gentio. E este fato surpreende duplamente se lembrarmos que Tiago, o irmão do Senhor, tomou parte decisiva no desenvolvimento do Concílio de Jerusalém descrito em Atos, capítulo 15. De ser assim, a Carta pôde ter sido escrita ou muito cedo — antes de que surgisse a controvérsia — ou pôde ter sido redigida posteriormente, depois de ter-se desvanecido os últimos ecos do debate, quando já os gentios inquestionavelmente tinham sido integrados na Igreja. A falta de menção à controvérsia judeu-gentio pode ser utilizada como argumento em um ou em outro sentido.

(3) A evidência baseada na ordem eclesiástica que aparece no pano de fundo da Carta é igualmente contraditória. O lugar de reunião da Igreja é ainda chamado *synagoge* (2:2). Isto indica uma data anterior dado que uma assembléia posterior de cristãos; teria sido concretamente chamada *ekklesia* porque o termo judeu foi logo abandonado. Em 5:14 se mencionam os anciãos da Igreja mas não há referência nem a diáconos nem a bispos. Isto novamente sugere uma data anterior e, possivelmente, uma vinculação judia dado que o corpo de anciãos foi uma instituição judia antes de ser cristã. Tiago também está aflito pela existência de muitos mestres (3:1). Isso bem poderia indicar uma situação muito anterior, antes de a Igreja ter sistematizado seu ministério e introduzido algum tipo de ordem eclesiástica. Mas também poderia assinalar uma data posterior, quando tinham surgido muitos mestres falsos e heréticos, chegando a ser praga na Igreja.

Mas há dois atos gerais que, em conjunto, parecem indicar que Tiago é posterior. Como vimos, não há menção de Jesus. O tema da Carta em realidade são as faltas e os fracassos, as incapacidades e as imperfeições, os pecados e os enganos dos membros da Igreja. Isto parece assinalar definitivamente uma época tardia. A primeira pregação estava inflamada com a graça e a glória do Cristo ressuscitado; a pregação posterior se volta, como também freqüentemente hoje, um arremetida contra as imperfeições dos membros da Igreja.

O segundo fato geral é a condenação dos ricos (2:1-3; 5:1-6). A lisonja dos ricos, por um lado, e a arrogância de que estes faziam ornamento, por outro, parecem ter sido verdadeiros problemas quando se escreveu esta Carta. Agora, nos começos da Igreja havia muito poucos ou talvez nenhum rico (1 Coríntios 1:26-27). Tiago parece apontar a uma data posterior, quando a que uma vez fora Igreja pobre estava sendo ameaçada com o espírito de mundanidade em seus membros. Esta é uma situação que concorda muito melhor com uma data tardia que com uma anterior.

Os pregadores do mundo antigo

Tanto para situar essa assim chamada Carta de Tiago para identificar a seu autor, será útil que a coloquemos dentro de seu contexto no mundo antigo.

O sermão é característico da Igreja cristã mas de maneira alguma é invenção dos cristãos. O sermão lança raízes tanto no mundo helenístico como no mundo judeu. Quando pomos os sermões de Tiago junto aos sermões tanto helenísticos como judeus, chamam-nos poderosamente a atenção as semelhanças.

I. Consideremos primeiro a dois pregadores gregos e seus sermões. O filósofo itinerante era um personagem comum no mundo antigo. Às vezes tratava-se de um estóico, mas muito mais freqüentemente era um pensador cínico. Em qualquer parte onde houvesse um grupo de homens reunidos, ali estava ele chamando-os à virtude. A tais pregadores era possível encontrar nas esquinas das ruas, nas praças das cidades, entre as grandes multidões congregadas para presenciar os jogos e nas lutas de gladiadores; inclusive dirigindo-se diretamente ao imperador, repreendendo-o por sua ostentação e por sua tirania, e chamando-o à virtude e à justiça. O antigo pregador, o filósofo missionário era um personagem familiar no mundo antigo. Houve um tempo em que a filosofia era tarefa das escolas filosóficas, mas agora sua voz e suas demanda éticas eram ouvidas diariamente na praça de mercado.

Estes antigos sermões tinham certas características em comum. O método era sempre o mesmo e esse método teve profunda influência em Paulo quanto a sua apresentação do evangelho, e Tiago estava também na mesma linha. Vejamos algumas das técnicas profissionais destes antigos pregadores e observemos como aparecem aquelas em Tiago, e tenhamos presente também a maneira em que Paulo escreve a suas Igrejas. O propósito principal destes pregadores, é preciso lembrar, não era investigar novas verdades, mas sim despertar os pecadores do engano de seus caminhos e estimulá-los para que redescobrissem verdades que

eles já conheciam mas que deliberadamente desatendiam ou tinham esquecido. Seu propósito era desafiar os homens a viver uma vida nobre deixando a obscenidade de sua existência e seu esquecimento dos deuses.

(1) Frequentemente sustentavam conversações imaginárias com imaginários oponentes. Frequentemente falavam no que foi chamado uma espécie de "diálogo trunco". Tiago também usa este método em 2:18s e 5:13s.

(2) Habitualmente efetuavam a transição de uma parte a outra do sermão e de um tema a outro por meio de uma pergunta que introduzia o novo assunto. Também Tiago faz isto em 2:14 e 4:1.

(3) Eram muito afetos aos imperativos mediante os quais insistiam a seus ouvintes ao reto proceder e ao abandono de seus enganos. Nos 108 versículos de Tiago há quase 60 imperativos.

(4) Eram muito afetos a lançar perguntas retóricas sobre a audiência. Tiago frequentemente emprega tal classe de perguntas (comparar 2:4-5, 14-16; 3:11-12; 4:4).

(5) Frequentemente empregavam apostrofem, dirigindo-se em forma vívida e direta a certos setores da audiência. E assim faz Tiago ao apostrofar aos mercadores por causa de seus lucros, e aos ricos por sua atitude arrogante (4:13; 5:6).

(6) Eram afetos a personificar as virtudes e os vícios, os pecados e as graças. Isto é o que faz Tiago ao personificar ao pecado (1:15), à misericórdia (2:13) e ao mofo (5:3).

(7) Tentavam despertar o interesse de seus auditórios mediante figura e metáforas da vida cotidiana. A figura do freio, do leme e do incêndio do bosque são metáforas comuns nos sermões antigos (comparar Tiago 3:3-6). Entre muitas outras Tiago usa a figura do agricultor e sua paciência (5:7).

(8) Frequentemente usavam o exemplo de homens e mulheres famosos para destacar sua moral. E assim utiliza Tiago o exemplo de Abraão (2:21-23), de Raabe (2:25); de Jó (5:11) e de Elias (5:17).

(9) Era costume dos antigos pregadores começar seu sermão com um paradoxo que atraía a atenção de seus ouvintes mediante uma surpreendente afirmação que obrigasse todos a escutar. É o que também faz Tiago quando começa dizendo que o homem pode sentir-se prazeroso de estar envolto em toda classe de provas (1:2). De idêntica maneira, os antigos pregadores freqüentemente destacavam que a verdadeira bem-aventurança reside no inverso da idéia popular da vida. E assim também Tiago insiste em que a felicidade dos ricos reside em sua humilhação (1:10). Usavam o recurso da ironia, tal como também o faz Tiago (2:14-19; 5:1-6).

(10) Os antigos pregadores se expressavam certamente com dureza e com severidade. O próprio faz Tiago ao dirigir-se a seu leitor chamando-o "homem vão" e qualificando de "adúlteros espirituais" os que o escutavam (4:4).

(11) Os pregadores antigos tinham certas normas comuns para construir seus sermões:

(a) Freqüentemente concluíam uma parte utilizando uma vívida antítese, pondo o verdadeiro junto ao falso. Tiago segue esta modalidade (2:13; 2:26).

(b) Freqüentemente comunicavam sua idéia mediante uma pergunta inquisitiva lançada sobre o ouvinte. É o que faz Tiago (4:12).

(c) Muitas vezes utilizavam citações em sua pregação e arrebavam o argumento mediante uma citação final. Também esta técnica é utilizada por Tiago (5:20; 1:11,17; 4:6; 5:11).

A verdade é que não encontramos em Tiago nem a amargura, nem a mordacidade, nem o humor frívolo e até ordinário dos pregadores gregos; mas é fácil comprovar que emprega todos os outros métodos que os pregadores helenísticos usavam para introduzir-se nas mentes e nos corações do povo.

II. Também o mundo judeu tinha sua tradição de pregação. Esta pregação era feita principalmente pelos rabinos durante os serviços da

sinagoga e mostrava muitas das características da oratória dos filósofos gregos itinerantes: imperativos e perguntas retóricas, figuras e metáforas tiradas da vida cotidiana, citações e menções de exemplos dos heróis da fé. Mas a pregação judia tinha uma característica curiosa: era deliberadamente desarticulada. Os mestres judeus ensinavam a seus alunos que nunca se atrasassem por muito tempo num assunto dado, mas que se trasladassem rapidamente de um tema a outro para assim manter o interesse do ouvinte. A isto deve-se que um dos nomes dados à pregação fosse *charaz* que, literalmente, significa *trespassar contas* (à maneira de um rosário). O sermão judeu era frequentemente uma sucessão de verdades e exortações morais apresentadas uma após outra. E isto é, precisamente, o que é a epístola de Tiago. Difícil, se não impossível, é distinguir em Tiago um plano ou esquema coerente e contínuo. Suas seções seguem a uma à outra com certa desarticulação.

Goodspeed afirma: "A obra foi comparada a uma cadeia: cada elo está relacionado com o anterior e com o seguinte. Outros compararam seu conteúdo com as contas de um colar... E talvez Tiago não seja tanto uma cadeia de pensamentos (ou de contas) como um punhado de pérolas deixadas cair uma após outra na mente de quem escuta".

Vemos, pois, que Tiago, quer observado do ponto de vista helenístico ou do judeu, é um bom exemplo de um sermão antigo. E nisto podemos encontrar a chave para conhecer quem é seu autor. Tendo em conta todo o anterior, dediquemos agora nossa atenção precisamente a esse assunto.

O autor de Tiago

Há cinco possibilidades.

(1) Conhecemos uma teoria, elaborada em detalhe por Meyer faz algumas décadas e atualizada por Easton no novo comentário *Interpreter's Bible*. Uma das coisas mais comuns no mundo antigo era publicar livros com o nome de alguma grande personalidade do passado.

A literatura judia do período intertestamentário está repleta de escritos desta classe. Tem escritos atribuídos a Moisés, aos Doze Patriarcas, a Baruque, a Enoque, a Isaías e a muitos outros. Homens piedosos escreviam livros para alentar a seus contemporâneos que estavam atravessando tempos difíceis, e punham suas próprias palavras na boca dos grandes personagens do passado. Esta era uma prática aceita entre os judeus. Um dos livros melhor conhecidos entre os apócrifos era o da *Sabedoria de Salomão*, no qual o sábio autor atribui nova sabedoria ao mais sábio dos reis.

Lembremos agora três coisas com relação a Tiago:

(a) Se as duas referências a Jesus (1:1 e 2:1) fossem omitidas — coisas que poderia fazer-se facilmente — nada ficaria na Epístola que um judeu ortodoxo não pudesse aceitar.

(b) O nome grego equivalente é em realidade *jakóbos* que, é obvio, é Tiago. No Novo Testamento *jakóbos* é traduzido como Tiago, mas no Antigo Testamento é Jacó.

(c) O livro está dirigido a "as doze tribos que estão na dispersão". Esta teoria sustenta que a Epístola não é outra coisa que um escrito judeu apresentado sob o nome de Tiago e dirigido aos judeus que estavam exilados fora da Palestina e dispersos através do mundo. O propósito seria confirmá-los e alentá-los em sua fé e em suas crenças em meio das provas pelas quais podiam estar passando em terras gentios.

Esta teoria é desenvolvida ainda mais. Em Gênesis capítulo 49 temos a última exortação de Jacó a seus filhos. Esta consiste numa série de breves descrições em que cada um deles é caracterizado por turno; é como uma série de sucintos estudos de personalidade. Meyer afirma que ele pode encontrar nesta Epístola repetições e alusões que fazem lembrar a descrição de cada um dos patriarcas e, portanto, de cada uma das doze tribos, nesse discurso de Jacó. Aqui temos algumas das coisas que Meyer identifica dando a referência em Tiago e a passagem de Gênesis ao qual se supõe que faz alusão:

Aser é o homem rico mundano; Tiago 1:9-11; Gênesis 49:20.

Issacar é o fazedor de boas obras; Tiago 1:12; Gênesis 49:14-15.

Rúben é o primogênito; Tiago 1:18; Gênesis 49:3.

Simeão representa a ira; Tiago 1:19-20; Gênesis 49:5-7.

Levi é a tribo especialmente relacionada com a religião e a ela faz-se alusão em Tiago 1:26-27.

Naftali se caracteriza pela paz; Tiago 3:18; Gênesis 49:21.

Gade significa guerras e lutas; Tiago 4:1-2; Gênesis 47:19.

Dã representa a esperança da salvação; Tiago 5:7; Gênesis 49:18.

José representa a oração; Tiago 5:14-18; Gênesis 49:22-26.

Benjamim representa o nascimento e a morte; Tiago 5:20; Gênesis 48:27.

Esta é uma teoria extremamente engenhosa. Em última instância ninguém pode prová-la ou desmenti-la e certamente explicaria da maneira mais natural a referência às doze tribos espalhadas. Esta hipótese sustenta que algum cristão achou este tratado judeu — escrito sob o nome de Tiago a todos os judeus exilados — ficou tão impressionado com seu valor moral que lhe fez certos ajustes e agregados e o publicou como se fosse um livro cristão. Não há dúvida que esta é uma teoria atrativa mas uma teoria pode ser muito engenhosa.

(2) Assim como os judeus, também os cristãos escreveram muitos livros sob nomes das grandes figura da fé. Há evangelhos publicados sob o nome de Pedro e de Tomé e do próprio Tiago. Há uma epístola que leva o nome de Barnabé; há evangelhos de Nicodemos e do Bartolomeu; e existem Atos de João, de Paulo, de André, de Pedro, de Tomé, de Filipe e outros. Era prática comum entre os cristãos escrever livros sob os nomes de personalidades ilustres da Igreja. O nome técnico com que se designa tais livros é *pseudonymous*, quer dizer: escrito sob um nome falso. Sugeriu-se que esta é uma carta escrita por alguma outra pessoa sob o nome de Tiago o irmão do Senhor. Isto é, aparentemente, o que Jerônimo pensava quando disse que esta Epístola "foi publicada por alguém sob o nome de Tiago".

Entretanto, o certo é que nossa Epístola pode ser qualquer coisa menos, precisamente, isso. Porque quando alguém escrevia um livro assim tinha o cuidado de deixar bem claro quem era o suposto autor, e o nome da grande figura do passado a quem se atribuía sua publicação era destacado em forma muito proeminente. Se este tivesse sido um pseudônimo não teria ficado lugar para dúvida alguma quanto a que o autor era Tiago *o irmão de nosso Senhor*. Este suposto feito teria sido enfaticamente sublinhado. Mas não é assim. Pelo contrário, ele não é mencionado de maneira alguma. De modo que, a teoria da pseudonímia fica descartada.

(3) Moffatt se inclinava pela teoria de que este livro tinha sido escrito por um mestre chamado Tiago, sobre o qual não sabemos absolutamente nada. Segundo esta tese, o autor certamente se chamava Tiago mas não seria nem o irmão de nosso Senhor nem tampouco nenhum outro destacado Tiago, mas sim simplesmente um mestre com esse mesmo nome e de cuja existência e atividade não temos informação alguma.

Isto não é totalmente impossível visto que o nome de Tiago era então tão comum como o é agora. Entretanto, seria difícil entender como tal livro pôde chegar a ser admitido no Novo Testamento, e como chegou a estar relacionado com o nome de Tiago, o irmão do Senhor.

(4) A interpretação tradicional é que o livro foi escrito por Tiago o irmão do Senhor. Já vimos que parece estranho que um livro assim tenha somente duas referências incidentais a Jesus, e nenhuma absolutamente à ressurreição ou a Jesus como Messias. E resta ainda outra dificuldade mais séria. O livro foi escrito em grego, mais ainda, em bom grego. Ropes diz que o grego tem que ter sido a língua materna de quem escreveu esta Carta. Por sua parte, Maior, um dos maiores eruditos em helenística, afirma: "Qualificaria o grego desta Epístola como o mais aproximado das pautas de pureza clássica de todo o Novo Testamento, com a exceção talvez da Epístola aos Hebreus".

Agora, é indubitável que a língua materna de Tiago era o aramaico, e não o grego. Certamente, se ele a tivesse escrito o teria feito em aramaico, e com toda segurança ele não poderia ter sido um estilista do grego clássico. Toda sua ortodoxia e sua formação judia lhe teriam feito desprezar e evitar o grego como uma língua pagã e maldita. É quase impossível pensar que Tiago tenha escrito ele próprio esta Epístola.

(5) E chegamos assim à quinta possibilidade. Lembremos quão fielmente assemelha-se a Carta de Tiago a um sermão. É bem possível que nesta realidade seja, em substância, um sermão pregado por Tiago, recolhido por alguma outra pessoa e traduzido ao grego, logo ampliado e adornado um pouco e dado a conhecer à Igreja em geral para que todos pudessem conhecê-lo e beneficiar-se com ele. Isto explicaria sua forma. Explicaria também como pôde chegar a relacionar-se com o nome de Tiago. E até explicaria a escassez de referências a Jesus, a sua ressurreição e a seu messiado porque num simples sermão Tiago não podia percorrer toda a gama da ortodoxia já que, em realidade, estava ocupado em insistir com os deveres morais do homem e de maneira alguma estava fazendo teologia.

Parece-nos que a única teoria que explica os fatos é que nossa Epístola se originou num sermão de Tiago que alguém recolheu, conheceu, amou e lembrou. Este sermão foi depois revisado e polido com habilidade e com carinho e mais tarde dado a conhecer a toda a Igreja. De toda maneira uma coisa é certa: podemos nos aproximar desta breve Epístola sentindo que é um dos livros menores do Novo Testamento. Mas se o estudamos fielmente concluiremos agradecendo a Deus porque foi preservado para nossa edificação e inspiração.

Tiago 1

Saudação - 1:1

Os judeus através do mundo - 1:1 (cont.)

Os destinatários da carta - 1:1 (cont.)

Provados e triunfantes - 1:2-4

- O resultado da provação - 1:2-4 (cont.)
- A dádiva de Deus e o pedido do homem - 1:5-8
- O que cada cristão necessita - 1:9-11
- A coroa da vida - 1:12
- Lançar a culpa em Deus - 1:13-15
- Fugir da responsabilidade - 1:13-15 (cont.)
- A perseverança de Deus pelo bem - 1:16-18
- Quando ser rápido e quando ser lento - 1:19-20
- O espírito dócil - 1:21
- Ouvir e praticar - 1:22-24
- A verdadeira lei - 1:25
- O culto verdadeiro - 1:26-27

SAUDAÇÃO

Tiago 1:1

No próprio começo de sua Carta Tiago descreve sua própria pessoa com o título em que reside sua única honra e sua única glória. apresenta-se a si mesmo como *servo* (ou escravo) *de Deus e do Senhor Jesus Cristo*. Com exceção de Judas, ele é o único escritor do Novo Testamento que se descreve a si mesmo com o termo *doulos* (escravo) sem acrescentar nenhuma outra qualificação. Paulo se apresenta a si mesmo como servo de Jesus Cristo e como seu apóstolo (Romanos 1:1; Filipenses 1:1); ao título de servo acrescenta o de apóstolo. Mas Tiago não vai mais além de chamar-se a si mesmo escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo. Há pelo menos quatro implicações neste título.

(1) Implica *obediência absoluta*. O escravo não reconhece outra lei à parte da palavra de seu amo ou senhor; não tem direitos próprios de nenhuma classe. É possessão absoluta de seu senhor e está ligado a este por uma total e indisputável obediência.

(2) Implica *humildade absoluta*. É a palavra de um homem que não pensa em seus privilégios, mas em seus deveres; não em seus direitos,

mas em suas obrigações. É um homem que perdeu sua própria identidade para servir a Deus. É um homem que literalmente negou-se a si mesmo, que se disse *Não* a si mesmo para dizer *Sim* a Deus.

(3) Implica *lealdade absoluta*. É a atitude de um homem que não tem interesses próprios porque está plenamente entregue a Deus. O que faz, ele o faz para Deus. Os logros e as preferências próprias não entram em seus cálculos. Sua lealdade é em relação a Deus.

(4) Mas mesmo assim, no pano de fundo de tudo isto, a palavra escravo implica um certo *orgulho*. Longe de ser algo desonroso, este era o título com o qual eram conhecidos os grandes homens do Antigo Testamento. Moisés era o *doulos* de Deus (1 Reis 8:53; Daniel 9:11; Malaquias 4:4), e o mesmo eram Josué e Calebe (Josué 2:8; Números 14:24); da mesma forma que os grandes patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó (Deuteronômio 9:27), assim como Jó (Jó 1:8) e também Isaías (Isaías 20:3). E *doulos* é caracteristicamente o título pelo qual eram conhecidos os profetas (Amos 3:7; Zacarias 1:6; Jeremias 7:25). Ao tomar o título de *doulos*, Tiago se coloca na grandiosa sucessão daqueles que encontraram sua liberdade, sua paz e sua glória na perfeita submissão à vontade de Deus. A única grandeza a que o cristão pode aspirar jamais é a grandeza de ser escravo de Deus.

Há algo insólito com relação a esta saudação. Tiago envia saudações a seus leitores e o faz mediante o termo *cairein* que é a palavra comum de saudação inicial nas cartas seculares dos gregos. Paulo nunca o usa. Sempre emprega a característica saudação cristã: "Graça e paz" (Ro. 1:5; 1 Co. 1:3; 2 Co. 1:2; Gál. 1:3; Ef. 1:2; Fil. 1:2; Col. 1:2; 1 Tes. 1:1; 2 Tes. 1:2; Fm. 3). Em cada caso Paulo evita a habitual saudação secular e utiliza a saudação cristã característica. Tiago, pelo contrário, usa a saudação secular comum. Esta saudação aparece só duas vezes no resto do Novo Testamento: na carta que Cláudio Lísias, o tribuno romano, escreve a Félix para assegurar a Paulo uma viagem sem perigos (Atos 23:26); e na carta geral dada a publicidade depois da resolução do Concílio de Jerusalém de permitir o ingresso dos gentios na

Igreja (Atos 15:23). Isto é interessante devido ao fato de que foi precisamente Tiago quem presidiu aquele concílio (Atos 15:13). Pode ser que Tiago tenha usado a fórmula de saudação mais geral que pôde encontrar dado que sua Carta estava destinada ao setor mais amplo do público.

OS JUDEUS ATRAVÉS DO MUNDO

Tiago 1:1 (continuação)

A Carta é dirigida às doze tribos que estão na dispersão. Aqui encontramos uma palavra técnica perante a qual devemos nos deter. Literalmente a saudação é para as doze tribos que estão na *diáspora*. Este é um vocábulo técnico que designa os judeus que viviam fora da Palestina. Todos os milhões de judeus que, por uma ou outra razão se achavam residindo fora da Terra Prometida, eram a *diáspora*. Vale a pena deter-se para considerar de que maneira os judeus estavam disperso por todo mundo e quantos deles viviam em cada país.

Esta dispersão mundial dos israelitas foi muito importante para a difusão do cristianismo dado que isso significava que por toda parte havia sinagogas e que, a partir destas, os pregadores cristãos podiam iniciar sua tarefa. Significava, também, que por todo mundo existiam grupos de homens e mulheres conhecedores do Antigo Testamento, que haviam também persuadido a outros dentre os gentios para que, ao menos, tivessem interesse na fé deles. A dispersão dos judeus formou parte da ação providencial de Deus, porque deu aos pregadores cristãos um ponto de contato em quase toda cidade ou aldeia do mundo. Vejamos, pois, como teve lugar esta dispersão.

Às vezes — e o processo começou desta forma — os judeus foram tirados de sua própria terra e obrigados a viver exilados em terras estrangeiras. Houve três destes grandes movimentos.

(1) A primeira emigração forçosa sucedeu quando o povo do reino do Norte, que tinha sua capital em Samaria, foi conquistado pelos

assírios e levado em cativo a Assíria (2 Reis 17:23; 1 Crônicas 5:26). Estas são as dez tribos perdidas que nunca retornaram, os judeus criam que no fim de todas as coisas, todos eles seriam reunidos em Jerusalém mas, até que não chegasse o fim do mundo, estas dez tribos — criam eles — nunca retornariam. Fundamentavam esta crença numa interpretação um tanto extravagante de um texto do Antigo Testamento. Os rabinos raciocinavam assim: "As dez tribos nunca Retornarão porque delas foi dito: 'O SENHOR os arrancou, com ira, de sua terra, mas também com indignação e grande furor, e os lançou para outra terra, como hoje se vê' (Deuteronômio 29:28). Assim como o 'hoje' sempre parte e nunca retorna, assim também eles têm que partir e nunca retornar. Assim como o 'hoje' obscurece-se e depois se torna luminoso, assim também um dia se fará a luz para aquelas dez tribos para as quais houve escuridão".

De maneira que, como já havemos dito, a primeira dispersão forçosa foi para a Assíria.

(2) A segunda emigração compulsiva teve lugar ao redor do ano 580 a.C. Por esse então os babilônios conquistaram o reino do Sul, — cuja capital era Jerusalém — e levaram consigo o melhor do povo para Babilônia (2 Reis 24:14-16; Salmo 137). Em Babilônia os judeus se comportaram em forma muito peculiar, recusando tenazmente ser assimilados ou perder sua nacionalidade. Diz-se que se concentraram principalmente nas cidades da Nehardea e Nisibis. Foi realmente em Babilônia onde a erudição judia alcançou seu mais alto nível; ali foi compilado o *Talmude* de Babilônia, essa imensa exposição da Lei judia em sessenta volumes. A primeira edição da *Guerra dos Judeus*, de Josefo, não apareceu em grego mas em aramaico, e era dirigida aos judeus cultos residentes em Babilônia. Josefo nos diz que os judeus alcançaram tal poder em Babilônia que houve um momento em que a província de Mesopotâmia esteve governada por judeus. Os dois governantes judeus foram Asidaeus e Anilaeus. E diz-se que, por ocasião da morte deste último foram massacrados não menos de 50.000 judeus. A dispersão, pois, levou os judeus a Babilônia e ali os engrandeceu.

(3) A terceira emigração forçada teve lugar muito mais tarde. Quando Pompeu derrotou os judeus e tomou Jerusalém no ano 63 a.C., levou consigo muitos deles a Roma. A rígida adesão a sua própria Lei cerimonial e a tenaz observância do sábadó, tornou-os pouco desejáveis como escravos e a maioria deles foram libertados. Então passaram a residir numa sorte de bairro próprio do outro lado do Tibre, mas já em pouco tempo se podia encontrá-los prosperando por toda parte da cidade. Dio Cassius diz deles: "Com freqüência eram exterminados e, entretanto, multiplicavam-se prodigiosamente, de tal maneira que chegaram a alcançar o livre exercício de seus costumes."

Júlio César foi seu grande protetor, e lemos que eles choraram toda a noite perante seu féretro. Também lemos que se fizeram presentes em grande número quando Cícero defendia a Flaccus. No ano 19 d.C. toda a comunidade judia foi expulsa de Roma sob a acusação de ter roubado a uma rica dama prosélita com o pretexto de enviar dinheiro para o templo. Nessa ocasião uns quatro mil deles foram recrutados para combater aos bandidos na Sardenha, mas logo foram trazidos de volta. Quando os judeus da Palestina enviaram uma delegação a Roma para queixar-se do regime de Arquelau, lemos que esta deputação foi acompanhada por uns oito mil judeus residentes em Roma. A literatura romana abunda em referências pejorativas para os judeus. Como vemos, o anti-semitismo não é coisa nova, e o próprio número dessas referências é prova do importante papel que os judeus desempenharam na vida da cidade imperial.

Vemos, pois, que a emigração obrigatória levou os judeus por milhares a Babilônia e a Roma. Mas muitos mais deixaram a Palestina por sua própria vontade em busca de terras mais tranqüilas e oportunidades mais lucrativas. Dois países especialmente receberam grande número de judeus. Palestina estava flanqueada por duas grandes potências — Síria e Egito — portanto corria o risco de converter-se em qualquer momento em campo de batalha. Por esta razão numerosos

judeus abandonavam a Palestina e estabeleciam sua residência no Egito ou na Síria.

Durante a época de Nabucodonosor houve um êxodo voluntário de muitos judeus para o Egito (2 Reis 25:26). Diz-se que em época tão anterior como o ano 650 a.C. o rei egípcio Psamético tinha em seus exércitos mercenários judeus. Quando Alexandre Magno fundou a cidade de Alexandria ofereceram-se privilégios especiais aos que se estabelecessem ali e, devido a isto, os judeus chegaram em grande número. Alexandria foi dividida em cinco distritos administrativos, dois dos quais estavam habitados por judeus. Somente em Alexandria residiam mais de um milhão de judeus. O estabelecimento dos israelitas no Egito chegou a tal extremo que, aproximadamente pelo ano 50 a.C, em Leontópolis foi edificado para os judeus egípcios um templo conforme o modelo do que estava em Jerusalém.

Também para a Síria foram os judeus. A maior concentração deles estava em Antioquia, onde o evangelho foi pregado pela primeira vez aos gentios e onde os cristãos foram assim chamados por primeira vez. Lemos que em Damasco, numa só ocasião, foram massacrados dez mil judeus.

Tanto o Egito como a Síria contavam, pois, com numerosos habitantes judeus. Mas estes se estenderam muito além desses limites. Em Cirene, no norte da África, lemos que a população estava dividida em cidadãos, agricultores, residentes estrangeiros e judeus.

Mommsen, o erudito em história de Roma, escreve: "Os habitantes da Palestina eram só uma parte — e não a mais importante — dos judeus, pois as comunidades judias de Babilônia, Síria, Ásia Menor e Egito eram muito mais numerosas que a da Palestina."

Esta menção da Ásia Menor conduz a outra esfera na qual os judeus eram numerosos. Quando o império de Alexandre se desmembrou por ocasião da morte deste, Egito ficou em mãos dos Ptolomeus e Síria e os distritos circunvizinhos passaram ao domínio de Seleuco e de seus sucessores, conhecidos como os selêucidas. Os selêucidas tinham duas

características principais: praticavam uma política deliberada de fusão de populações, esperando obter segurança ao eliminar assim o nacionalismo e, por outro lado, eram tenazes fundadores de cidades. Estas cidades necessitavam cidadãos e, portanto, ofereciam-se atrativos e privilégios especiais aos quais se estabelecessem nelas. Milhares de judeus aceitaram a cidadania destas urbes. Por toda a Ásia Menor e nas grandes cidades da costa do Mediterrâneo, nos grandes centros comerciais eram numerosos e desfrutavam de prosperidade. Até ali houve emigrações forçadas.

Antíoco, o Grande levou umas duas mil famílias judias de Babilônia e as estabeleceu em Lídia e em Frígia. Tão grande foi a corrente migratória da Palestina que os judeus palestinos se queixavam contra seus irmãos que mudavam a austeridade da pátria pelos banhos e as festas da Ásia e da Frígia. Aristóteles nos relata seu encontro com um judeu na Ásia Menor o qual era "não só grego em seu idioma, mas também em sua própria alma."

É muito evidente que por toda parte do mundo havia judeus. Estrabão, o geógrafo grego, escreve: "Difícil é encontrar um lugar no mundo inteiro que não esteja ocupado e dominado por judeus." Josefo, o historiador judeu, afirma: "Não há cidade nem tribo, já seja grega ou Bárbara, aonde não tenham lançado raízes a Lei e os costumes judeus."

Os *Oráculos Sibilinos*, escritos aproximadamente no ano 140 a.C., dizem que toda terra e todo mar estão cheios de judeus. Há uma carta, atribuída a Agripa e dirigida a Calígula, a qual é citada por Filo. Nela se afirma que Jerusalém é a capital não só da Judéia, mas também de muitos países, e isto devido às colônias que ela estabeleceu, em ocasiões propícias, nas vizinhas terras do Egito, Fenícia, Síria, Celesiria e até nas ainda mais remotas da Panfília e Cilícia, assim como em muitas partes da Ásia até Bitínia e os mais distantes rincões do Ponto; e também na Europa: Tessália, Beocia, Macedônia, Etolia, Ática, Argos, Corinto e nas melhores comarcas do Peloponeso. E não é só o continente que está repleto de estabelecimentos judeus, pois também as mais importantes

ilhas — Eubea, Chipre, Creta — para não mencionar agora as terras situadas para além do Eufrates, pois em todas elas há habitantes judeus.

A realidade é que a *diáspora* judia teve alcances mundiais. Não houve elemento de maior importância que este para a difusão do cristianismo.

OS DESTINATÁRIOS DA CARTA

Tiago 1:1 (continuação)

Como já vimos, Tiago dirige-se às *doze tribos que estão na dispersão (diáspora)*, as doze tribos espalhadas por todo mundo. A quem tem em mente então quando escreve? A quem é dirigida a Epístola? As doze tribos da dispersão poderiam significar igualmente qualquer destas três coisas:

(1) Poderia referir-se a todos os judeus radicados fora da Palestina. Já vimos que tais judeus ultrapassavam o milhão. Em realidade havia muito mais judeus espalhados através do Egito, Síria, Grécia, Roma, Ásia Menor e todas as regiões banhadas pelo Mediterrâneo e ainda mais lá de Babilônia, que na própria Palestina. Dentro das condições que prevaleciam no mundo antigo teria sido totalmente impossível enviar uma mensagem a tão enorme e dispersa multidão. Isto poderia fazer-se hoje mercê às modernas técnicas de impressão e difusão maciças, mas não assim nos tempos de Tiago.

(2) Poderia referir-se aos cristãos de origem judia residentes fora da Palestina. Sendo isto assim, poderia significar para Tiago, os judeus estabelecidos nas terras contíguas a Palestina, talvez particularmente os que viviam em Síria e em Babilônia. Este é um significado perfeitamente possível; e se alguém ia escrever uma carta dirigida a tais israelitas, esse tinha que ser Tiago já que ele era reconhecido como o líder da cristandade de origem judia.

(3) Mas a frase pode ter tido um terceiro significado. Para os cristãos a Igreja era o real e verdadeiro Israel. Ao concluir Gálatas, o

apóstolo Paulo envia sua bênção ao "Israel de Deus" (Gálatas 6:16). Uma das concepções cristãs mais correntes era a da Igreja como o novo Israel. A nação de Israel tinha sido o povo especialmente escolhido por Deus, mas esse povo tinha fracassado e não tinha aceito ocupar seu lugar nem assumir sua responsabilidade na tarefa. Quando veio o Filho de Deus, eles o rejeitaram. Por conseguinte, todos os privilégios que lhes tinham pertencido foram transferidos à Igreja, porque esta era na verdade o povo escolhido por Deus. Paulo (veja-se Romanos 9:7-8) tinha desenvolvido plenamente esta idéia. Ele estava convencido de que os verdadeiros descendentes de Abraão, o verdadeiro Israel, não eram aqueles que podiam remontar sua árvore genealógica até Abraão, mas sim aqueles outros que tinham empreendido a mesma aventura de fé que o grande patriarca. O verdadeiro Israel não estava composto por nenhuma nação ou raça, mas por aqueles que aceitavam a Jesus Cristo mediante a fé. Assim, pois, esta frase bem pode significar a Igreja em geral.

Podemos escolher entre o segundo e o terceiro significado, pois ambos provêm um excelente sentido. Tiago bem pode estar escrevendo aos cristãos de origem judia espalhados entre as nações vizinhas, mas também pode estar dirigindo-se ao verdadeiro Israel, o novo Israel, toda a Igreja de Deus.

PROVADOS E TRIUNFANTES

Tiago 1:2-4

Tiago nunca sugeriu aos crentes aos quais escrevia que o cristianismo seria para eles um caminho fácil. Pelo contrário, adverte-os que se encontrarão envoltos no que a RA chama *várias provações*. A palavra aqui traduzida *provações* é o termo grego *peirasmos* cujo significado temos que entender plenamente se é que desejamos captar a verdadeira essência da vida cristã.

Peirasmos é prova, juízo, tentação *dirigida para um fim*. E este fim é que aquele que é submetido à prova saia dela fortificado e purificado.

O verbo correspondente, *peirazein* — às vezes traduzido *tentar* — tem o mesmo significado. A idéia não é nos seduzir para que pequemos, mas sim nos fortalecer, nos purificar e nos provar. Por exemplo: diz-se que uma pintinho prova (*peirazein*) suas asas. A rainha do Sabá foi provar (*peirazein*) a sabedoria de Salomão. É-nos dito que Deus provou (*peirazein*) a Abraão quando lhe apareceu exigindo que sacrificasse a Isaque (Gênesis 22:1). Quando Israel chegou à Terra Prometida, Deus não retirou aos povos que já estavam ali, mas sim que os deixou para que Israel pudesse ser provado (*peirazein*) na luta contra eles (Juízes 2:22; 3:1,4). As experiências de Israel foram provas que contribuíram à formação desse povo (Deuteronômio 4:34; 7:19).

Este é um grande e inspirador pensamento. Hort escreve: "O seguidor de Cristo tem que esperar que as provas o impulsionem em seu caminho cristão." Teremos toda aula de experiências. Virá a prova da tristeza e do desalento que tentará nos arrebatam nossa fé. Virão as provas dos perigos, da antipatia, dos sacrifícios, coisas nas quais tão freqüentemente o cristão se acha envolto. Mas o verdadeiro propósito para o qual essas circunstâncias nos são enviadas não é para nos fazer cair, senão para nos elevar. Não são enviadas para que nos derrotem, senão para que nós as derrotemos. Não são enviadas para que nos debilitem, senão para que nos fortaleçam. Portanto, não podemos nos lamentar por causa de tais provas mas sim, pelo contrário, nos exultar, nos alegrar. O cristão é como um bom atleta. Quanto mais pesada a tarefa que o treinador lhe atribui, quanto mais intensifica seu treinamento e por isso mais se alegra o atleta porque sabe que todo vai capacitando para o vigoroso esforço que o levará a vitória.

Como disse Browning, temos que "dar as boas-vindas a cada sacudida que torna áspera a suavidade da terra", porque cada obstáculo vencido é outro passo no caminho ascendente.

O RESULTADO DA PROVAÇÃO

Tiago 1:2-4 (continuação)

Tiago descreve este processo de provação com a palavra *dokimion*. Este é um vocábulo interessante. É a palavra que se usa para referir-se à cunhagem autêntica, à moeda genuína. O propósito da provação é nos livrar de toda impureza, queimar a escória do caráter humano, nos deixar limpos e purificados.

Se enfrentarmos esta provação em forma correta, ela produzirá perseverança. A palavra grega é *hypomone*. A Versão RC traduz este vocábulo como *paciência*, mas *paciência* é uma palavra muito passiva. *Hypomone* não é a simples capacidade de suportar adversidades, mas sim a capacidade para transformá-las em grandeza e em glória. O que assombrava os pagãos durante os séculos de perseguição era que os mártires não morriam tristes, mas sim cantando. Um destes sorria estando em meio das chamas e, ao perguntar-se o que encontrava ali para sorrir, respondeu: "Vi a glória de Deus, e me alvorecei." *Hypomone* é a qualidade que torna um homem capaz não só de sofrer adversidades, mas também de dar-lhes as boas-vindas e derrotá-las. O efeito da provação corretamente suportada é receber fortaleza para suportar ainda mais e assim vencer em batalhas ainda mais difíceis.

Esta indeclinável perseverança faz, finalmente, três coisas em favor do homem:

(1) Ela o torna *perfeito*. A palavra grega é *teleios*, que geralmente significa *perfeição para um fim determinado e para propósito dado*. Um animal para o sacrifício é *teleios* se for apto para ser devotado a Deus. Um estudante é *teleios* se se encontra mais além das etapas iniciais do conhecimento e é já amadurecido. Uma pessoa é *teleios* se tiver atravessado já a idade do desenvolvimento e alcançado seu pleno crescimento. De maneira, pois, que esta perseverança nascida da provação bem enfrentada, torna o homem *teleios*; quer dizer, capacita-o para aquela tarefa para a qual Deus o enviou ao mundo. Temos aqui,

então, um grande pensamento. Pela maneira em que enfrentamos cada experiência da vida estamos, ou nos capacitando, ou nos desqualificando a nós mesmos para a tarefa que Deus nos atribuiu.

(2) Ela o torna *completo*. A palavra é *jokleros* que, em grego, significa inteiro, perfeito em cada uma de suas partes. Usa-se com referência ao animal que é apto para ser devotado em sacrifício a Deus, e ao sacerdote que é idôneo para servir a Deus. Isto significa que tanto o animal como a pessoa não tem defeito algum que os desfigurem ou desqualifiquem. Uma após outra esta indeclinável perseverança vai eliminando as fraquezas e imperfeições do caráter do homem. Capacita-o diariamente para vencer velhos pecados, limpar antigas manchas e alcançar novas virtudes até que, finalmente, torna-se inteiramente perfeito para servir a Deus e ao próximo.

(3) Ela faz com que *em nada seja deficiente*. O verbo usado aqui é *leipesthai*. Esta palavra usa-se com referência à derrota de um exército ao abandono de uma luta ou ao fracasso em alcançar um ideal que devia ser alcançado. Se o homem enfrentar sua prova em forma correta, se dia a dia vai desenvolvendo esta indeclinável perseverança, então também dia a dia viverá mais vitoriosamente e, também dia a dia, se irá aproximando do ideal do mesmo Jesus Cristo.

A DÁDIVA DE DEUS E O PEDIDO DO HOMEM

Tiago 1:5-8

Há uma íntima relação entre esta passagem e a anterior. Tiago acaba de dizer a seus leitores que usarem em forma correta todas as experiências que a vida os depara, sairão delas com essa indeclinável perseverança que é a base de todas as virtudes. Mas imediatamente surge uma pergunta: "Como posso usar assim tais experiências de prova? Onde posso encontrar sabedoria e entendimento para utilizar em forma correta essas adversidades?" A resposta de Tiago é que "se alguém sentir que não tem sabedoria para usar acertadamente as experiências da vida — e

não há homem que por si mesmo possua esta sabedoria — que a peça a Deus."

Uma coisa se destaca aqui. Para Tiago, mestre cristão de formação judia, a sabedoria é algo prático. Não é especulação filosófica nem conhecimento intelectual. A sabedoria é sabedoria para a vida. Os estóicos definiam a sabedoria como o "conhecimento das coisas humanas e divinas".

Mas Ropes define esta sabedoria cristã como "a suprema e divina qualidade da alma mediante a qual o homem conhece e pratica a justiça". Hort, por outro lado, define-a como "esse dote do coração e da mente que é necessária para a reta condução da vida". Na vida cristã há, é obvio, conhecimento das coisas profundas de Deus; há, naturalmente, a busca e a meta da mente inquisitiva. Mas além de tudo isto, a sabedoria cristã é essencialmente prática; é o conhecimento transformado em ação em todas as decisões e relações pessoais da vida cotidiana. Quando o homem pede a Deus essa sabedoria, tem que lembrar duas coisas:

(1) Tem que lembrar *como dá Deus*. Deus dá generosamente e nunca lança em rosto a dádiva. "Toda sabedoria — diz Jesus filho do Sirac — vem do Senhor, e ela sempre esteve com ele" (Eclesiástico 1:1).^{*} Mas os sábios judeus estavam muito conscientes de como a melhor dádiva do mundo podia malograr-se devido à forma em que era outorgada. Eles tinham muito a dizer quanto à maneira em que o insensato dá. "Filho, não mistures a repreensão com teus benefícios, nem com palavras tristes teus presentes... Assim a palavra é melhor do que o presente... Mas o homem caridoso une as duas coisas. O insensato não dá nada e faz afronta, e o presente do invejoso queima os olhos" (quer dizer: "produz lágrimas") (Eclesiástico 18:15-18). "O presente do insensato não te serve para nada... Ele dá pouco e censura muito, abre a boca como um leiloeiro. Empresta hoje e amanhã pede de volta. É um

^{*} As citações de Eclesiástico e outros livros apócrifos foram tomadas da *Bíblia de Jerusalém*, Edições Paulinas, 1991.

homem odioso” (Eclesiástico 20:14-15). O mesmo escritor adverte contra as “palavras ofensivas diante dos amigos” (Eclesiástico 41:25). Há uma classe de doador que só dá com vistas a obter mais do que o que deu; que dá somente para alimentar sua própria vaidade e seu sentido de poder, colocando ao que recebe sob uma obrigação que este nunca poderá esquecer; que dá e que continuamente lança em rosto sua dádiva.

Contrariamente a isto, Deus dá com generosidade. Filemom, o poeta grego, chamou a Deus "o amante das dádivas", mas não no sentido de querer recebê-las, mas no sentido de outorgá-las. Deus tampouco lança em rosto o que concede. Ele dá com toda a esplendidez de seu amor porque sua natureza é dar.

(2) Temos que lembrar como deve pedir aquele que pede. Quem pede tem que fazê-lo sem dúvida de nenhuma espécie. Tem que estar seguro tanto do poder como do desejo de dar de Deus. Se pede duvidando, sua mente é como a água do mar aberto, a qual é levada de um lado para outro por qualquer vento. Diz que tal pessoa é como uma cortiça arrastada pelas águas, às vezes está perto da costa, outras vezes está mar adentro. Tal homem é instável em seu proceder. Hort sugere que o quadro é o de um ébrio, que se cambaleia de um lado ao outro do caminho sem chegar a lugar nenhum. Tiago usa uma palavra muito gráfica para descrever a tal pessoa. Diz que é *dipsycos*, que literalmente significa um homem com duas almas, ou com duas mentes, dentro dele. Uma mente crê, a outra duvida; e assim o homem anda como numa guerra civil na qual a confiança e a desconfiança em Deus livram uma contínua batalha uma contra a outra.

Queremos usar corretamente as experiências da vida para formar um genuíno caráter? Então teremos que pedir sabedoria a Deus. E quando a pedirmos teremos que lembrar a absoluta generosidade dEle e ter a certeza de estar pedindo na crença de que receberemos aquilo que Deus sabe que é bom e justo que tenhamos.

O QUE CADA CRISTÃO NECESSITA**Tiago 1:9-11**

Conforme o via Tiago, o cristianismo dá a cada um o que cada um necessita. Como diz Mayor: "Assim como o pobre desprezado aprende a respeitar-se a si mesmo, assim também o orgulhoso rico aprende a humilhar-se."

(1) O cristianismo dá ao pobre um novo sentido de sua própria valia. Da carência de valor em que vive é elevado a um novo sentido de dignidade e importância.

(a) Sabe que ele é importante *na Igreja*. Na Igreja primitiva não havia distinção de classes. Podia ocorrer, e em realidade às vezes sucedia assim, que um escravo fosse o ministro da congregação, aquele que pregava e administrava os sacramentos, enquanto que seu amo não passava de ser humilde membro da congregação. Na Igreja são eliminadas as distinções sociais que dividem os homens no mundo e, desta maneira, não há ninguém de mais importância que outro.

(b) Sabe que ele é importante *no mundo*. O cristianismo ensina que cada pessoa tem nesta Terra uma tarefa a cumprir e que enquanto Deus lhe permite estar no mundo tem um propósito atribuído para essa pessoa. Ninguém é inútil, porque cada um pode ser utilizado por Deus. Ainda que esteja prostrado numa cama, necessitado e enfermo, o poder de suas orações pode, mesmo assim, agir no mundo.

(c) Sabe que ele é importante *para Deus*. Como expressou Muretus há muito tempo: "Não chame indigno a nenhum homem pelo qual Cristo morreu." Toda pessoa é amada por Deus.

(2) O cristianismo dá ao rico um sentido novo de humildade. O grande perigo das riquezas é que tendem a dar ao homem um falso sentido de segurança. Crê que está seguro; crê que possui recursos para enfrentar qualquer coisa; crê que pode comprar tudo, crê que pode pagar para evitar qualquer situação desagradável.

Tiago traça um quadro vívido, muito familiar para o povo da Palestina. Nos lugares desertos, se houver algo de chuva, os magros caules de erva surgem com rapidez, mas um dia, repentinamente, o ardente Sol os faz desvanecer-se como se nunca tivessem existido. Este *calor abrasador* é o *kauson*, o vento do Sudeste, o Simún. Vem diretamente dos desertos e estala sobre a Palestina como uma explosão de ar quente, como quando se abre a porta de um forno. Em apenas uma hora pode varrer toda a vegetação com seu tremendo calor.

Todo isto é um quadro do que pode passar com uma vida que depende das riquezas. Um homem que põe sua confiança nas riquezas está dependendo de coisas que as vicissitudes e as mudanças da vida podem lhe arrebatam em qualquer momento. A própria vida é uma coisa incerta. Tiago tinha em mente uma figura utilizada por Isaías: “...Toda a carne é erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do SENHOR. Na verdade, o povo é erva” (Isaías 40:6b-7; cf. Salmo 103:15-16).

O que Tiago quer destacar é isto: Se a vida for tão incerta, se o homem é tão vulnerável, se o exterior da existência é tão perecível, então a calamidade e o desastre podem chegar em qualquer momento. Sendo assim é um insensato aquele que põe toda sua confiança em coisas como as riquezas — que pode perder em qualquer momento. O homem só é sábio se puser sua confiança em coisas que não pode perder.

Por conseguinte, Tiago insiste com os ricos a que deixem de confiar naquilo que podem acumular com seu poder. Insiste com eles para que compreendam e admitam sua própria fraqueza humana essencial, e a que, humildemente, ponham sua confiança em Deus pois Ele é o único que pode nos dar as coisas que permanecem para sempre. Tiago está fazendo um alegação por escrito para que os homens se gloriem nessa nova humildade que entende sua total dependência de Deus.

A COROA DA VIDA**Tiago 1:12**

Para o homem que enfrenta as tentações e as provas na forma correta, há alegria aqui e no mais além.

(1) Nesta vida pode tornar-se um homem de genuíno valor. É *dokimos*; é como o metal limpo e purificado de toda escória. As fraquezas de seu caráter são desarraigadas, são lavadas suas faltas, e surge forte e puro.

(2) Na vida vindoura recebe *a coroa da vida*. Há nisto muito mais que um pensamento. No mundo antigo, a coroa (*stefanos*) tinha, pelo menos, quatro grandes significados simbólicos:

(a) A coroa de flores era levada em época de alegria; nas bodas e nas festas (ver Isaías 28:1-2; Cant 3:11). A coroa era sinal de alegria e de alegria festiva.

(b) A coroa era um sinal de realeza. Usavam-na os reis e as pessoas que exerciam autoridade. Às vezes era a coroa de ouro; em outras ocasiões era uma faixa em torno das têmporas (Sal. 21:3; Jer. 13:18).

(c) A coroa de folhas de louro era a que se outorgava ao vencedor nos jogos, o prêmio que o atleta cobiçava sobre todas as coisas (2 Timóteo 4:8).

(d) A coroa era sinal de honra e dignidade. A instrução paterna pode outorgar uma coroa de graça ao filho que a recebe e obedece (Provérbios 1:9); a sabedoria concede ao homem uma coroa de glória (Provérbios 4:9); e em tempo de desastre e de desonra pode dizer-se “caiu a coroa da nossa cabeça” (Lamentações 5:16).

Não temos necessidade de escolher entre estes vários significados. Estão todos incluídos. O cristão tem uma alegria que nenhuma outra pessoa poderá ter jamais. Para ele a vida é sempre uma festa. O cristão tem uma *realeza* que outros jamais compreenderão porque, não importa quão humildes sejam suas circunstâncias terrestres, ele é nada menos que um filho de Deus. O cristão obtém uma *vitória* que outros jamais

poderão obter, porque ele enfrenta a vida e tudo o que esta demanda, com o triunfante poder da presença e da companhia de Jesus Cristo. Deus mesmo é quem lhe concede a vitória. O cristão tem uma nova dignidade porque sempre está consciente de que Deus o considerou como digno da vida e da morte de Jesus Cristo. Não há homem que pode carecer de valor, se Cristo morreu por ele.

O que é a coroa? É a *coroa da vida*. Esta frase significa que na coroa consiste a vida; a coroa é vida ela mesma. A coroa, a posseção do cristão, é uma nova classe de vida, de verdadeira vida; pois através de Jesus Cristo o cristão penetrou na vida mais abundante.

Tiago diz, pois, que se o cristão enfrenta as provas e as tentações da existência com a firme e indeclinável perseverança que Cristo pode lhe dar, então a vida se torna uma coisa muito mais imensamente esplêndida que o que ela jamais foi antes. A luta é o caminho rumo à glória, e a própria luta é uma glória.

LANÇAR A CULPA EM DEUS

Tiago 1:13-15

Como pano de fundo desta passagem há uma forma judia de crer que é também universal e da qual, em certa medida, todos somos culpados. Tiago está aqui repreendendo o homem que lança a culpa em Deus de suas próprias tentações.

O pensamento judeu estava apanhado pela divisão interna que há em cada ser humano. Era o mesmo problema que tanto preocupou a Paulo: “Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Romanos 7:22-23). Todo homem é uma espécie de guerra civil andante, puxado a duas direções opostas. Como simples interpretação da experiência, os judeus chegaram a formular uma doutrina segundo a qual em cada pessoa há duas tendências ou naturezas.

Chamaram-nas as *Yetser Hatob*, que significa a *boa tendência*, e *Yetser Hará*, ou seja *má tendência*. Entretanto, isto simplesmente apresenta o problema, mas não o explica. Particularmente, não diz de onde provém a má tendência. Devido a isso o pensamento judeu se lançou à tarefa de explicar a origem da má tendência.

O autor do Eclesiástico está profundamente impressionado com os estragos que causa a má tendência. “Ó perversa inclinação, por que foste criada, para cobrir a terra de malícia?” (Eclesiástico 37:3). Segundo este ponto de vista a má tendência vinha de Satanás, e a defesa contra ela era a própria vontade do homem. “Desde o princípio ele criou o homem e o abandonou nas mãos de sua própria decisão. Se quiseres, observarás os mandamentos: a fidelidade está no fazer a sua vontade” (Eclesiástico 15:14-15). De acordo com isto, foi Satanás quem pôs no homem a má tendência, mas o homem pode derrotá-la mediante o exercício de sua própria vontade.

Houve escritores judeus que rastrearam a origem desta tendência até o jardim do Éden. O livro apócrifo *A Vida de Adão e Eva* faz este relato: Satanás tomou a forma de um anjo e, falando através da serpente, pôs em Eva o desejo do fruto proibido, fazendo-a jurar que daria também a Adão desse fruto. "Quando me fez jurar — diz Eva— subiu à árvore. Mas no fruto que ele me deu para comer pôs o veneno de sua malícia; quer dizer, de sua concupiscência. Porque a concupiscência é o princípio de todo pecado. E ele dobrou o ramo para baixo, eu tirei do fruto, e o comi." Segundo este conceito foi o próprio Satanás quem inoculou no homem a má inclinação, e esta é identificada com a concupiscência da carne. Um posterior desenvolvimento desta narração chega a afirmar que o princípio de todo pecado foi em realidade a concupiscência de Satanás com relação a Eva.

O *Livro de Enoque* apresenta duas teorias. Um é que os anjos caídos são os responsáveis pelo pecado (85). A outra é que o próprio homem é responsável da má tendência e do pecado. "O pecado não foi enviado à terra, mas sim foi o homem quem o criou" (98:4).

Mas cada uma destas teorias não faz senão afastar a origem do problema. Porque, de onde veio finalmente a má tendência? Satanás pode tê-la posto no homem; os anjos caídos podem tê-la inoculado no homem; o homem pode tê-la posto em si mesmo... mas de onde veio em última instância?

Para enfrentar este problema alguns rabinos deram um passo atrevido e extremamente perigoso. Argumentavam que, pelo fato de Deus ter criado tudo, Ele deve ter criado também a má tendência. E é assim como temos interpretações rabínicas como a seguinte: "Disse Deus: estou arrependido de ter criado a má tendência no homem, porque se eu não tivesse feito isso ele não se teria rebelado contra mim. Eu criei a má tendência; eu criei a lei como um meio de cura. Se vocês se ocuparem na lei não cairão sob o poder dela. Deus pôs a boa tendência na mão direita do homem e a má tendência em sua mão esquerda."

O perigo deste tipo de raciocínios é evidente. Em última análise significa que o homem pode culpar a Deus por seu próprio pecado. Pode dizer, como disse Paulo: "Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim" (cf. Romanos 7:15-24). Entre as doutrinas extravagantes, a mais extravagante de todas é que Deus seja direta e finalmente responsável pelo pecado.

FUGIR DA RESPONSABILIDADE

Tiago 1:13-15 (continuação)

Continua sendo certo que desde o princípio dos tempos o instinto primário do homem foi culpar a outros por seu próprio pecado. O antigo escritor que relatou o primeiro pecado no jardim do Éden, era um excelente psicólogo com profundo conhecimento do coração humano. Quando Deus repreendeu a Adão por seu pecado, a resposta deste foi: "A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi." E quando ele repreendeu a Eva por sua ação, ela respondeu: "A serpente me enganou, e eu comi." Adão disse: "Não me culpe, culpa a Eva." Eva

disse: "Não me culpe; culpa a serpente" (Gênesis 3:12-13). O homem sempre foi um perito em evasões.

Robert Burns escreveu uma poesia que traduzida livremente diz em parte: "Tu sabes, ó Deus, que me formaste com paixões selvagens e fortes; e o escutar essa voz enfeitiçada muitas vezes me levou a desencaminhar." Em realidade, o poeta está dizendo que sua conduta era como era porque Deus o tinha feito como era. A culpa é lançada sobre Deus. Os homens culpam a seu próximo, culpam às circunstâncias; culpam à maneira em que são feitos, em vez de reconhecer que eles próprios são culpados por causa de seu próprio pecado.

Tiago refuta severamente este conceito. Para ele o responsável pelo pecado é o próprio desejo mau do homem. O pecado seria impotente se na pessoa não houvesse nada mau ao qual o pecado pudesse apelar. Se a tentação tocasse alguma corda insensível, então a tentação não seria tal. O desejo é algo que pode ser alimentado ou ser sufocado. O homem pode com disciplina controlar o mau desejo e, com a graça de Deus, até eliminá-lo, se o enfrentar e o tratar decididamente. Mas também pode deixar que seus pensamentos sigam certo rumo, pode permitir que seus passos o levem a determinados lugares e companhias, pode deixar que sua vista se demore sobre coisas proibidas, pode passar sua vida fomentando o desejo. Pode usar mente, coração, olhos, pés e lábios para nutrir seu desejo. Por outro lado, o homem também pode entregar-se de tal modo a Cristo e ao Espírito de Cristo que chegue a estar limpo de maus desejos. Pode estar de tal modo entregue às coisas boas que não sobre tempo nem lugar para o desejo. São as mãos ociosas as que Satanás ocupa em maldades; é a mente não ocupada a que joga com o desejo, e é o coração não comprometido aquele que resulta vulnerável à apelação da concupiscência.

Se uma pessoa nutre e estimula o desejo durante um tempo suficientemente prolongado, há uma inevitável conseqüência: *o desejo se transforma em ação*. Se um homem pensa a respeito de algo com persistência, se se permite a si mesmo cobiçar longamente, então todas

as probabilidades são que finalmente o fará. O desejo no coração termina engendrando o pecado na ação.

Além disso, os judeus ensinavam que o pecado tinha engendrado a morte. O antigo livro *Vida de Adão e Eva*, que já citamos, diz que no instante Eva de comer do fruto vislumbrou uma visão da morte. Tiago emprega no versículo 15 uma palavra que se traduziu *dá a luz o pecado*. Mas esta não é uma palavra humana de modo nenhum, mas sim uma expressão animal equivalente a nascimento; significa que o pecado *incuba* a morte. Dominado pelo desejo o homem se volta menos que homem e desce ao nível da criação animal.

O grande valor desta passagem consiste em que leva o homem a ver sua responsabilidade pessoal pelo pecado. Jamais houve alguém que não desejasse algo mau. E este desejo vai muito além do meramente sexual, porque há todo tipo de maus desejos. Não há pessoa que não seja fascinada por algo mau. E se a pessoa deliberadamente fomenta, alenta e nutre esse desejo até se tornar se monstruosamente forte e alcança seu máximo poder, então, inevitavelmente, desembocará na ação que é o pecado. E este é o caminho que leva a morte. Tal pensamento — e é um pensamento que toda experiência humana admite como verdadeiro — deve conduzir-nos àquela graça de Deus que é a única coisa que pode não só nos limpar mas também nos manter limpos, e que está ao alcance de todos.

A PERSEVERANÇA DE DEUS PELO BEM

Tiago 1:16-18

Mais uma vez Tiago sublinha a grande verdade de que cada dom que Deus nos concede é bom. O versículo 17 bem pode traduzir-se assim: "Toda dádiva é boa". Quer dizer: não há coisa alguma que venha de Deus que não seja boa. No grego há aqui um estranho fenômeno. A frase que traduzimos "toda boa dádiva e todo dom perfeito" é, em realidade, um perfeito verso hexâmetro. De maneira que ou Tiago tinha

um ouvido rítmico capaz de captar uma delicada cadência, ou estava citando aqui alguma obra que nós não conhecemos.

O que Tiago está destacando nesta passagem é a imutabilidade de Deus. E para fazê-lo emprega dois termos astronômicos. A palavra que foi traduzida como *mudança* é *parallage*; e a expressão *sombra de variação* no original é *trope*. Ambas as palavras têm que ver com a variação que mostram os corpos celestes, as diferenças na duração do dia e da noite, as aparentes variações no curso do Sol, as fases crescentes e minguantes da Lua, os distintos graus de luminosidade tanto nas estrelas como nos planetas, etc. Variedade e mudança são características de todas as coisas criadas. Deus é o criador dos luzeiros celestiais: o Sol, a Lua, as estrelas. Uma oração judia matutina diz: "Bendito Deus, o Senhor, que formou as luzes." As luzes mudam e variam, mas Aquele que as criou nunca muda. Tudo o que vem dEle não pode ser outra coisa senão que seja bom.

Além disso, o propósito divino é completamente benigno. A palavra de verdade é o evangelho; e Deus, ao enviar este evangelho, tem o propósito de que o homem nasça a uma nova vida. Quando o evangelho penetra na vida é como se a vida começasse de novo. As sombras terminam e chegou a fidedigna palavra de verdade.

E este renascer é um renascer na família e na possessão de Deus. No mundo antigo a lei era que todos os primeiros frutos fossem consagrados a Deus. Tomavam-se as primícias e as ofereciam em sacrifício de gratidão a Deus, porque pertenciam Ele. De modo que quando renascemos pela palavra verdadeira do evangelho, tornamo-nos propriedade de Deus, assim como o eram os primeiros frutos da colheita.

Desta maneira Tiago insiste em que as dádivas de Deus longe de jamais tentar o homem, são invariavelmente boas. Em meio a todas as mudanças de um mundo cambiante, elas nunca variam. O objeto supremo de Deus é recriar a vida mediante a verdade do evangelho, para que assim os homens saibam que lhe pertencem por direito.

QUANDO SER RÁPIDO E QUANDO SER LENTO**Tiago 1:19-20**

Poucos homens prudentes não terão sido impressionados pelos perigos que entranha o ser muito dispostos a falar e excessivamente resistentes para ouvir. Poderia compilar-se uma lista extremamente interessante das coisas nas quais conviria ser rápido, e aquelas outras nas que seria aconselhável proceder lentamente.

Nos *Ditos dos Pais Judeus* lemos:

"Há quatro espécies de estudantes: rápido para ouvir e rápido para esquecer; o logro deste é anulado por sua perda. Lento para ouvir e lento para esquecer; sua perda é cancelada por seu logro. Rápido para ouvir e lento para esquecer; este é sábio. Lento para ouvir e rápido para esquecer; esta é uma sorte deplorável."

Ovídio insiste com os homens a que sejam tardos para castigar e prontos para recompensar. Filo convida o homem a ser pronto para beneficiar a outros e lento para prejudicá-los. Os sábios foram particularmente impressionados pela necessidade de ser tardos para falar. Disse o rabino Simeão: "Todos os meus dias os passei entre sábios, e nada bom achei para o homem senão o silêncio... quem quer multiplique palavras ocasiona pecado."

Jesus, filho do Sirac, escreve: "Sê pronto para ouvir e tardo para responder. Se souberes alguma coisa, responde a teu próximo; se não, põe tua mão na boca" (Eclesiástico 9:11-12). O livro de Provérbios está repleto de referências aos perigos do falar apressado. "No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente." (Provérbios 10:19). "O que guarda a boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína" (Provérbios 13:3). "Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio, e o que cerra os lábios, por sábio." (Provérbios 17:28). "Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há para o insensato do que para ele" (Provérbios 29:20).

Hort opina que o homem bom de verdade estará muito mais ansioso por ouvir a Deus que de vozear arrogante, loquaz e ruidosamente suas próprias opiniões. Os escritores clássicos participavam da mesma idéia. Disse Zenon: "Temos dois ouvidos mas somente uma boca, assim podemos ouvir mais e falar menos." Quando foi perguntado a Demónax de que maneira podia um homem governar melhor, respondeu: "Sem ira, falando pouco e ouvindo muito." Bias aconselhava: "Se aborrecer a pressa no falar, não cairá no erro."

Certa vez se disse de um grande lingüista que podia guardar silêncio em sete idiomas diferentes. Muitos de nós bem faríamos em esperar e ouvir mais, e em nos apressar menos e falar menos.

O conselho de Tiago é que também deveríamos ser tardos para nos irar. Provavelmente com isto está refutando os argumentos de certa gente que afirma que há lugar na vida para a ira ardente. Isto é muito certo. O mundo seria um lugar tremendamente pobre sem aqueles que se acendem em indignação pura contra os abusos e as tiranias do pecado. Mas com freqüência isto se transforma numa desculpa; não se trata de uma ira justa e genuína, mas sim de petulância e irritação egoísta.

O *mestre* será tentado a irar-se com o aluno lento e atrasado, e mais ainda com o preguiçoso. Entretanto, salvo em raríssimas ocasiões, obterá mais pelo estímulo do que pelo látigo da língua. O *pregador* será tentado a irar-se. "Não ralhe" é sempre um bom conselho para o pregador pois este perde seu poder quando não deixa bem esclarecido, mediante cada palavra e cada gesto, que ama a seus ouvintes. Quando a ira no púlpito dá a impressão de ódio, desgosto ou desprezo, perde o poder para converter as almas dos homens. O *pai* será tentado a irar-se. Mas a ira do pai provavelmente produzirá uma resistência ainda mais obstinada, em vez de controle e direção. O acento do amor tem sempre maior poder que o acento da ira, e quando a ira se transforma em constante irritabilidade, petulante incômodo e ferina censura, sempre faz mais mal que bem.

Ser tardo para falar, tardo para irar-se e disposto para ouvir é sempre um excelente conselho para a vida.

O ESPÍRITO DÓCIL

Tiago 1:21

Tiago usa aqui uma série de vívidas palavras e figuras. Convida a seus leitores a desprender-se de todo vicio e imundície. A palavra traduzida como *despojando-vos* é a mesma que literalmente significa *despojar-se das roupas que se está usando*. Estimula a seus ouvintes para que se desprendam de toda imundície assim como a pessoa se desprende de suas roupas sujas ou como a serpente muda de pele.

As duas palavras que Tiago usa para significar imundície são vocábulos muito expressivos. A palavra traduzida como *imundície é ruparia*, e pode ser usada para significar a sujeira que mancha as roupas ou a que mancha o corpo. Mas, além disso, uma muito interessante particularidade. Trata-se de um derivado do vocábulo *rupos* que, usado em sentido médico, significa *cera no ouvido*. É possível que até aqui mantenha esse significado, de maneira que Tiago estaria dizendo a seus leitores que se despojem de tudo o que possa enclausurar seus ouvidos à verdadeira palavra de Deus. Quando a cera se acumula no ouvido pode deixar a pessoa surda, e assim também os pecados podem ensurdecer o homem com relação a Deus. Além disso, Tiago fala da *abundância (periseia)* de malícia. Pensa a respeito do vício como de uma emaranhada erva daninha que tem que ser cortada, ou como uma excrescência maligna no corpo humano ou numa árvore. A malícia é algo feio, algo como um câncer que vai contaminando a alma e que tem que ser extirpado.

Convida-os a receber com mansidão a *palavra implantada* ("enxertada", RC; "plantada", BJ). Em grego o termo é *emfytos* e é suscetível de dois significados gerais:

(1) Pode significar algo inato, contrário ao adquirido. Se Tiago o usar neste sentido pensa como Paulo, que falou dos gentios como fazedores da lei por natureza, pelo fato de que eles têm uma espécie de lei em seus corações (Romanos 2:14-15). É também a mesma figura que emprega o Antigo Testamento com relação à Lei: "...mui perto de ti, na tua boca e no teu coração" (Deuteronômio 30:14). Seria virtualmente igual à nossa palavra *conscientiza*. Se isto é o que Tiago quer dizer, significa que há no coração do homem um conhecimento instintivo do bem e do mal, e que devemos em todo momento obedecer à direção deste conhecimento.

(2) Pode significar *plantada*, como a semente que se deposita na terra. No livro de IV Esdras 9:31 lemos a respeito de Deus: "Eis aqui eu semeio minha lei em vós, e vós sereis exaltados para sempre." Se Tiago está usando a palavra neste sentido, a idéia bem pode relacionar-se com a parábola do Semeador (Mateus 13:1-8), a qual nos diz como é semeada a semente da Palavra nos corações humanos. Mediante seus profetas e seus pregadores e, especialmente, mediante Jesus Cristo, Deus semeia sua verdade no coração humano, implanta-a ali, e aquele que é sábio a recebe e aceita. Talvez não seja necessário escolher entre estes dois significados. Bem poderia ser que Tiago esteja sugerindo que o conhecimento da verdadeira Palavra de Deus vem de *duas* fontes: procede das profundidades de nosso próprio ser, e procede também do Espírito de Deus e do ensino de Cristo mediante a pregação humana. De dentro e de fora de nós chegam vozes, apontando-nos o caminho reto; e aquele que é sábio ouve e obedece essas vozes.

Fala-nos aqui de receber a palavra com *mansidão*. Este vocábulo representa um intento de traduzir o intraduzível termo *prautes*, que é aquele que Tiago emprega neste caso. Este é um grande vocábulo grego que não tem equivalente em nosso idioma. Aristóteles o define como o ponto médio entre a ira excessiva e a ausência de ira, é a característica do homem cujos sentimentos, emoções e impulsos estão sob controle perfeito. Andrônico de Rodas, comentando Aristóteles, escreve: "*Prautes*

é moderação com relação à ira... Pode definir *prautes* como a serenidade e o poder que não nos deixam arrastar pela emoção, mas sim controlam a esta segundo o dita a judiciousa razão." As definições platônicas dão a *prautes* como a regulação do movimento da alma causada pela ira. É o temperamento (*krasis*) de uma alma em que tudo está misturado em corretas proporções. Ninguém poderá jamais encontrar uma palavra para traduzir tudo isto, mais ainda, trata-se de um sumário do verdadeiro espírito dócil. O espírito dócil é amigável e dúctil e, portanto, o suficientemente humilde para aprender. O espírito dócil não tem ressentimento nem ira e, por conseguinte, é capaz de enfrentar a verdade mesmo quando esta fira e condene. O espírito dócil não está cegado por seus próprios tirânicos preconceitos, mas sim tem os olhos bem abertos à verdade. O espírito dócil não é seduzido pela preguiça, mas se controla tão bem a si mesmo que pode voluntária e fielmente aceitar a disciplina da aprendizagem. *Prautes* descreve o perfeito domínio e controle de tudo aquilo que na natureza do homem poderia ser um impedimento para ver, aprender e obedecer o relativo à verdade.

OUVIR E PRATICAR

Tiago 1:22-24

Novamente aqui Tiago nos apresenta dois desses vívidos quadros nos quais é tão consumado mestre. Em primeiro lugar, fala-nos do homem que vai a uma reunião da Igreja, que ouve ali a leitura e a exposição da Palavra e ele pensa que esse ouvir já o tornou cristão. Engana-se a si mesmo crendo que essa concorrência ao culto público, esse ouvir o que ali se lê e se diz, já é suficiente. Fechou os olhos ao fato de que o que se lê e se diz na igreja tem que ser vivido e praticado na vida. Até é possível confundir a assistência à Igreja e a leitura da Bíblia com o cristianismo, e crer que concorrer fielmente à Igreja e estudar diligentemente a Bíblia é ser um bom cristão. Aqueles que fazem isso

não chegam nem na metade do caminho, porque deixaram de ver que o realmente importante é converter em ação aquilo que ouviram.

Quem procede assim — sugere Tiago — é como um homem que viu no culto o ideal do que ele deveria ser, mas rapidamente o esquece. Então Tiago nos apresenta um segundo quadro. É como alguém que se olhe num espelho — os espelhos antigos não eram de vidro, mas sim de metal esmeradamente polido — e vê a sujeira que mancha seu rosto e o emaranhado de sua cabeleira, mas logo se retira da frente do espelho e se esquece de sua aparência e não faz nada para corrigir e melhorar seu aspecto. Ao ouvir a palavra verdadeira é revelado ao homem o que ele é e o que deveria ser. Vê o que vai mal, e também adverte o que deveria fazer para corrigi-lo. Mas se só se trata de um auditor, então permanece tal qual ele é, e todo seu ouvir foi completamente inútil.

Tiago faz bem em nos lembrar que aquilo que ouvimos no lugar santo temos que vivê-lo em todo lugar. De outra maneira não há finalidade alguma em ouvir.

A VERDADEIRA LEI

Tiago 1:25

Este é exatamente o tipo de passagens que tanto desgostava a Lutero na Epístola de Tiago. O reformador alemão se contrariava extremamente com a idéia de Lei e, junto com Paulo, teria dito "o fim da Lei é Cristo" (Romanos 10:4). "Tiago — comenta Lutero — nos conduz à Lei e às obras."

Entretanto, para além de toda dúvida há um sentido em que Tiago tem razão. No cristianismo há uma demanda ética; há uma lei do viver que os cristãos têm que entender, aceitar e tratar de pôr em prática. Esta lei encontra-se primeiro nos Dez Mandamentos, e depois em todos os ensinamentos éticos de Jesus.

Tiago chama esta lei de duas maneiras:

(1) Chama-a a *lei perfeita*. Existem três razões pelas que essa lei é perfeita.

(a) É lei de Deus, dada e revelada por Deus. O estilo de vida que Jesus estabeleceu para seus seguidores, é o estilo de vida que concorda com a vontade de Deus.

(b) É perfeita porque não pode ser melhorada. A lei cristã é a lei do amor, e a demanda de amor nunca pode ser satisfeita. Sabemos bem, quando amamos a alguém, que ainda que lhe déssemos todo o mundo, e ainda que lhe servíssemos toda a vida, mesmo assim não poderíamos satisfazer ou merecer seu amor. A lei cristã é perfeita porque não pode haver lei superior à lei do amor.

(c) Mas há ainda outro sentido no qual a lei cristã é perfeita. *Teleios* é a palavra que em nossa versão foi traduzida como *perfeita*, e *teleios* quase sempre descreve a perfeição para uma determinada finalidade. É perfeição com algum propósito e uso determinados. Agora, se a pessoa obedecer a lei de Cristo, compreenderá o propósito de sua condição de homem; cumprirá o propósito pelo qual Deus o pôs no mundo, será a classe de pessoa que deve ser, fará no mundo a contribuição que deve fazer. Será perfeito no sentido de que, obedecendo a lei de Deus, cumprirá o propósito para o qual foi enviado a este mundo.

(2) Chama-a também *lei da liberdade*. Quer dizer: uma lei que ao cumpri-la o indivíduo encontra sua verdadeira liberdade. Todos os grandes homens estiveram de acordo em que unicamente obedecendo a lei de Deus pode o ser humano tornar-se autenticamente livre. "Obedecer a Deus é ser livre", disse Sêneca. "Somente o sábio é livre, e tudo néscio é um escravo", afirmavam os estóicos. Filo expressou: "Todos aqueles que estão sob a tirania do ódio, do desejo ou de qualquer outra paixão são totalmente escravos; mas todos os que vivem com a ley são livres." Na medida em que o homem não obedece a não ser as paixões, emoções e desejos não é outra coisa senão um escravo. Quando o homem aceita a vontade de Deus é quando também se torna realmente livre, porque então fica livre para ser bom, livre para ser o que deve ser. Servir a Deus

é desfrutar de liberdade perfeita, e no fazer a vontade divina está nossa paz.

O CULTO VERDADEIRO

Tiago 1:26-27

Temos que ser cuidadosos para entender o que Tiago está dizendo aqui. Nossa versão traduz assim as frases iniciais do versículo 27: "*Religião* pura e sem mácula..." A palavra traduzida *religião* é *threskeia* e seu significado não é tanto religião como a expressão religiosa externa mediante ritual, liturgia e cerimônias. É *adoração* no sentido de parte dedicada exclusivamente ao culto nos serviços religiosos; é *culto* no sentido em que referimos às distintas classes de culto que se pode achar em diferentes igrejas. O que Tiago está dizendo é isto: "O mais belo ritual e a mais excelente liturgia que podem oferecer a Deus é o serviço aos pobres e a pureza pessoal." Para Tiago o verdadeiro culto não reside em elaboradas vestimentas, prazerosa liturgia, música majestosa e cerimônias cumpridas à perfeição, mas sim consiste no serviço prático à humanidade e na pureza da própria vida pessoal. Tiago insiste em que as mais belas formas de culto jamais poderão substituir a caridade cristã. É perfeitamente possível que uma Igreja esteja tão ensimesmada com a beleza da arquitetura de seus templos e com o esplendor de sua liturgia que já não sobre tempo nem dinheiro para o serviço cristão prático. E isto é o que Tiago está condenando.

Em realidade Tiago estava simplesmente condenando aquilo que os profetas tinham condenado desde muito tempo atrás. Disse o salmista que Deus era "Pai dos órfãos e juiz das viúvas" (Salmo 68:5). Zacarias se queixava de que o povo ignorasse e endurecesse o coração como a pedra quando era-lhe exigido administrar verdadeira justiça, mostrar misericórdia e compaixão cada um com o seu próximo, não oprimir à viúva, ao órfão, ao estrangeiro nem ao pobre, e não alimentar maus pensamentos contra o próximo (Zacarias 7:6-10). E Miquéias protestava,

dizendo que todos os sacrifícios rituais eram inúteis se o homem não praticasse a justiça e amasse a misericórdia, e se conduzisse humildemente perante Deus (Miquéias 6:6-8).

Em todos os tempos o homem buscou fazer do ritual e da liturgia um substituto do sacrifício e do serviço. Fez esplêndida a religião *dentro* da Igreja a preço de desatendê-la *fora* da Igreja. De modo nenhum quer dizer isto que seja mau busca oferecer a Deus o mais nobre e esplêndido culto dentro da casa de Deus. O que sim quer dizer é que todo culto é vão e inútil a menos que impulse o homem a sair ao mundo para amar a Deus amando a seu próximo, e a conduzir-se em forma mais pura em meio das tentações do mundo.

Tiago 2

Acepção de pessoas - 2:1

O perigo da lisonja dentro da igreja - 2:2-4

As riquezas da pobreza e a pobreza das riquezas - 2:5-7

A lei real - 2:8-11

A lei da liberdade e a vida em misericórdia - 2:12-13

A fé e as obras - 2:14-26

Professar e praticar - 2:14-17

Nem um nem outro, mas ambos, e além disso . . . - 2:18-19

A prova da fé - 2:20-26

ACEPÇÃO DE PESSOAS

Tiago 2:1

A acepção de pessoas no Novo Testamento significa uma parcialidade injusta; significa lisonjear, mostrar espírito servil ou prestar atenção especial a alguém porque se trata de uma pessoa rica, influente, poderosa ou famosa. Esta é uma falta que o Novo Testamento condena conseqüentemente. Uma falta da qual os líderes judeus ortodoxos absolveram por completo a Jesus. Tiveram que admitir que nEle não

havia discriminação alguma de pessoas e que a ninguém tratava com artificial consideração ou com prejudicado favoritismo (Lucas 20:21; Marcos 12:14; Mateus 22:16). Depois da visão do lençol com os animais puros e impuros, a lição que aprendeu Pedro foi que Deus não faz acepção de pessoas (Atos 20:34). Paulo estava convencido de que tanto judeus como gentios estavam igualmente sob o juízo divino porque para Deus não há diferença de pessoas nem favoritismos (Romanos 2:11). Esta é uma verdade em que Paulo insiste repetidamente (Efésios 6:9; Colossenses 3:25).

A própria palavra — *prosopolempsia* — é um termo interessante. O nome provém da expressão *prosopon tambanein*. *Prosopon* é o semblante, a aparência; e *tambanein* aqui significa *elevantar*. A expressão em grego é a tradução literal de uma frase hebraica original. Elevar a aparência de uma pessoa era considerá-la com favor, contrariamente, talvez, a rebaixar ou subestimar sua aparência.

Originalmente a palavra não era má de modo algum; só significava aceitar uma pessoa com favor, no bom sentido. Por exemplo: Malaquias pergunta se o príncipe se agrada do povo e aceitará suas pessoas se eles lhe levarem ofertas defeituosas (Malaquias 1:8-9). Mas rapidamente adquiriu um sentido mau. Começou a significar nem tanto favorecer a uma pessoa como mostrar para com ela favoritismo e parcialidade, deixar-se influenciar indevidamente pela posição social, pelo prestígio, pelo poder, pela influência ou pela riqueza dessa pessoa. Esta atitude é severamente condenada. Malaquias segue condenando o mesmo pecado quando diz que Deus acusa o povo de não guardar seus caminhos e de fazer acepção de pessoas em seus juízos (Malaquias 2:9).

A grande característica de Deus é sua honestidade, sua justiça, sua imparcialidade. Na lei está escrito: “Não farás injustiça no juízo, nem favorecendo o pobre, nem comprazendo ao grande; com justiça julgarás o teu próximo” (Levítico 19:15). Há nisto uma ênfase necessária. Uma pessoa pode ser injusta e adulatora pela forma em que lisonjeia os ricos; mas também pode ser igualmente injusta devido à oposta tendência a

adular os pobres. “Pois o Senhor é um juiz que não faz acepção de pessoas” (Eclesiástico 35:12).

O Antigo e o Novo Testamento concordam em condenar essa parcialidade no juízo e esse favoritismo no trato que se originam em dar indevida importância à posição social de um homem, ou a sua riqueza ou influência mundana. É uma falta da qual todos somos mais ou menos culpados em alguma medida. “O rico e o pobre se encontraram; a todos os fez o SENHOR” (Provérbios 22:2). “Não é justo desprezar um pobre inteligente, nem convém honrar um pecador” (Eclesiástico 10:23). Bem faremos em ter em conta que tanto lisonjear a povo como adular o tirano é fazer acepção de pessoas.

O PERIGO DA LISONJA DENTRO DA IGREJA

Tiago 2:2-4

Tiago teme que a lisonja possa invadir a Igreja. Traça um quadro de dois homens que entram na assembleia de cristãos. Um deles está bem vestido e em seus dedos resplandecem anéis de ouro. Os antigos mais jactanciosos usavam anéis em todos os dedos, exceto no maior, e levavam mais de um em cada dedo. Chegavam ao extremo de alugar anéis quando desejavam dar a impressão de grande riqueza.

"Adornamos nossos dedos com anéis e colocamos pedras preciosas em cada junta", declara Sêneca.

Clemente de Alexandria recomenda que o cristão use um anel somente e que o leve em seu dedo mindinho e que, além disso, esse anel tenha algum emblema religioso tal como uma pomba, um peixe ou uma âncora, já que assim poderá ser usado como selo.

Assim, pois, voltando agora para a cena descrita por Tiago, na assembleia cristã se apresenta um homem rico, elegantemente vestido e coberto de anéis. O outro visitante é pobre, vai humildemente embelezado porque não tem outras roupas para pôr e não leva jóia alguma. Então, segundo a descrição que faz Tiago, o rico é conduzido

com toda cerimônia e respeito a um assento especial; mas ao pobre lhe faz sinal de que permaneça de pé ou que se abanque no chão junto ao estrado do rico.

Que este quadro não é exagerado é provado por certas instruções incluídas em alguns dos antigos manuais de culto. Ropes cita uma típica passagem dos *Estatutos dos Apóstolos*, da Etiópia:

"Se qualquer homem ou mulher entra com belas roupas, seja pessoa do distrito ou de outros distritos, sendo irmãos, você, presbítero, enquanto está falando a palavra concernente a Deus, ou enquanto a está ouvindo ou lendo-a, não faça acepção de pessoas, nem deixe de ministrar para ordenar que busquem assentos. Pelo contrário: permanece tranqüilo, porque os irmãos os receberão, e se não houver lugar para eles, quem ama aos irmãos e às irmãs se levantará e lhes dará o lugar... E se um homem ou uma mulher pobres, do próprio distrito ou de outros distritos, vierem e não houver lugar para eles, você, presbítero, busque lugar para os tais de todo coração, ainda que você tenha que sentar no solo. Assim não haverá respeito pela pessoa do homem, mas por Deus."

Aqui temos o mesmo quadro. Até se sugere que quem preside o culto pode ser culpado de parar o culto e conduzir a lugar especial o visitante rico que acaba de chegar.

Não há dúvida que na Igreja primitiva deve ter havido problemas sociais. A Igreja era o único lugar do mundo antigo onde não existiam as distinções de classe. Ao princípio deve ter-se experimentado certo desconforto quando o amo se sentava junto a seu escravo ou quando o amo chegava ao culto onde seu escravo era quem realmente presidia a assembléia e administrava o sacramento. O abismo entre o escravo — que segundo a lei não era mais que uma ferramenta vivente — e o amo, deve ter sido tão grande para causar problemas de aproximação por ambos os lados. Além disso, naqueles longínquos dias a igreja era formada predominantemente por pessoas pobres e humildes. Portanto, se um rico se convertia e ingressava na irmandade, esta corria o risco de ser fortemente tentada a fazer ostentação e tratar a pessoa rica como se fosse um troféu especial ganho para Cristo.

A Igreja de Cristo tem que ser um lugar onde estejam apagadas todas as distinções. Quando os homens se reúnem na presença de Deus, que é o Rei de glória, não pode haver distinções devidas a posição, situação ou prestígio. Não pode haver diferencia por méritos ou dignidades quando os homens se congregam na presença da suprema santidade de Deus. Perante essa glória todas as distinções terrestres são nada menos que o pó, e toda justiça terrestre é como trapo de imundície. Na presença de Deus todos os homens são um.

No versículo 4 há um problema de tradução. Ali a palavra *diekrithete* pode ter dois significados.

(1) Pode significar: "Se agirem assim, estão oscilando, vacilando, duvidando em seus juízos." Quer dizer: "Se vocês honram especialmente o rico, então estão sendo assediados pela norma do mundo por um lado, e pela norma de Deus pelo outro, e dessa maneira vocês não podem decidir qual seja a que finalmente vocês vão aplicar."

(2) Pode também significar: "Vocês são culpados de fazer distinções de classe. "Vocês são culpados de estabelecer diferença entre homem e homem, coisa que não deveria existir na irmandade cristã." Preferimos este último significado já que Tiago continua dizendo "vos tornastes juízes tomados de perversos pensamentos". Quer dizer: "Estão quebrantando o mandamento daquele que disse: 'Não julgueis para que não sejais julgados' " (Mateus 7:1).

AS RIQUEZAS DA POBREZA E A POBREZA DAS RIQUEZAS

Tiago 2:5-7

"Deus deve amar o povo comum porque o fez tão numeroso", disse Abraão Lincoln. O cristianismo sempre teve uma mensagem especial para os pobres.

No primeiro sermão de Jesus, na sinagoga de Nazaré, sua alegação por escrito foi: "Pelo que me ungiu para anunciar boas novas aos pobres" (Lucas 4:18, TB). Sua resposta às intrigantes perguntas de João com

relação a se Ele (Jesus) era ou não o enviado de Deus, culminou com a afirmação: “Aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mateus 11:5). A primeira das Bem-aventuranças era certamente uma promessa: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:3). E Lucas é ainda mais definido: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lucas 6:20).

Jesus, ao ser excluído das sinagogas, cumpriu seu ministério a campo aberto, nas montanhas e à beira do mar. E ali as multidões formadas por homens e mulheres comuns foram precisamente as destinatárias de sua mensagem. Nos dias da Igreja primitiva os pregadores de rua falavam com as multidões, à massa do povo comum. E a mensagem do cristianismo afirmava basicamente que aqueles que eram sem importância, Deus os tinha especialmente em conta. Paulo escreveu aos Coríntios: “Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento” (1 Coríntios 1:26). E isto não quer dizer que Cristo ou a Igreja não desejem receber os ricos, os importantes, os sábios ou os poderosos. Temos que estar em guarda contra a lisonja à inversa, como já dissemos. Mas a simples realidade era que o evangelho oferecia tanto aos pobres e exigia tanto dos ricos, que aqueles eram atraídos à Igreja em grande número. Em realidade era o povo comum a que com agrado ouvia a Jesus, enquanto que o jovem rico se retirou triste porque tinha grandes posses. Tiago não está fechando a porta aos ricos, longe disso. Só está esclarecendo que o evangelho é especialmente precioso para os pobres; que pelo evangelho se dá as boas-vindas àqueles que não são aceitos por ninguém; e que, até o homem a quem o mundo considera como inútil, o evangelho lhe confere um valor especial.

É um fato que na sociedade contemporânea de Tiago os ricos oprimiam os pobres, e os arrastavam aos tribunais. Indubitavelmente isto era por causa das dívidas. No nível mais baixo da escala social as pessoas eram tão pobres que apenas podia viver. Os prestamistas eram numerosos e as extorquiam. No mundo antigo era costume prender

sumariamente. Se um credor encontrava-se na rua com alguém que lhe devia, podia tomá-lo pelo colarinho, quase afogando-o, e arrastá-lo aos tribunais. Isto era o que os ricos faziam com os pobres. Eram insensíveis; tudo o que eles desejavam era cobrar até o último centavo. Tiago não está condenando os ricos, mas sim a insensibilidade dos ricos.

Era o rico que abusava do *bom nome* pelo qual os cristãos eram chamados. Este nome pode ser o de *cristão*, como os gentios primeiro chamaram os seguidores de Cristo em Antioquia, designação que no princípio foi aplicada zombeteiramente, como um apelido. Também pode ser o próprio nome de Cristo, que era invocado sobre o crente, no dia de seu batismo. É interessante a palavra que Tiago usa para expressar o que nossa versão traduz como *invocado*. Em grego é *epikaleisthai*. É a mesma palavra que se emprega para dizer que a esposa toma o nome de seu marido mediante o casamento, ou quando um menino recebe o nome de seu pai. O cristão recebe seu nome de Cristo; é chamado segundo o nome de Cristo. É como se ele tivesse casado com Cristo, ou como se tivesse nascido e sido adotado na família de Cristo.

Os ricos e os amos teriam motivos de sobra para aborrecer o nome de cristão. Um escravo que se tornava cristão teria uma nova independência; o escravo cristão já não adularia a seu amo por causa do poder deste; o castigo deixaria de aterrorizá-lo; enfrentaria o seu amo revestido de uma nova dignidade. Teria uma nova honestidade. Isto faria dele um melhor escravo, mas também implicava que já não seria mais o instrumento de seu amo para práticas ardilosas e atos desonestos como antes tinha sido. Teria, além disso, um novo sentido da adoração e no Dia do Senhor insistiria em deixar de lado o trabalho para poder adorar junto com o povo de Deus. Certamente terá havido oportunidades de sobra para que os amos de escravos encontrassem razões para insultar o nome de cristão e amaldiçoar o nome de Cristo.

A LEI REAL**Tiago 2:8-11**

A relação de pensamento entre esta passagem e a anterior é esta: Tiago esteve condenando a quem prestava atenção especial a um rico que entrava na igreja. Agora, aquele poderia responder dizendo: "A lei me diz que ame a meu próximo como a mim mesmo. Portanto, tenho a obrigação de dar as boas-vindas a esse homem quando vier à igreja". Tiago responde: "Muito bem. Se você realmente der as boas-vindas a esse homem porque o ama como a si mesmo e você deseja recebê-lo como gostaria que recebessem a si mesmo, está certo. Mas se lhe dá as boas-vindas especiais porque é rico, isso é fazer acepção de pessoas, coisa que está errado e, longe de guardar a lei, o que você está fazendo é quebrantá-la. Você não ama a seu próximo, pois então não desatenderia o pobre. O que você ama é a riqueza, e isso não é o que ordena a lei".

Com relação ao grande mandamento de amar ao próximo como a nós mesmos, Tiago o chama a *lei real*. Esta frase pode ter vários sentidos. Pode significar a lei de *excelência suprema*, a parte suprema da lei. Pode significar a *lei que foi dada pelo Rei dos reis*, a que é em forma única a lei do rei. Pode ser que o grande mandamento seja a rainha *das leis*, aquela à luz da qual as demais leis têm que ser consideradas e aplicadas. Também poderia significar *a lei que faz reis e que é apta para os reis*. Os cristãos são um sacerdócio real que pertence a Deus (Apocalipse 1:6). Guardar essa lei suprema é tornar-se rei do próprio povo e rei entre os homens. É uma lei apta para os que são de estirpe real e capaz de tornar reis aos homens.

Tiago prossegue estabelecendo um grande princípio a respeito da lei de Deus. Quebrantar qualquer parte da mesma é tornar-se infrator. O juízo era propenso a considerar a Lei como uma série de mandamentos recortados uns de outros. Guardar um desses mandamentos era obter crédito; quebrantá-lo era incorrer em dívida. Portanto, uma pessoa podia somar os mandamentos que tinha guardado e subtrair os que tinha

quebrantado e concluir assim com um balanço credor ou com um balanço devedor. Circulava este dito rabínico: "Qualquer pessoa que cumpra somente uma lei, ser-lhe-á outorgada ventura; seus dias serão prolongados e herdará a terra." Também muitos rabinos sustentavam que "o sábadado contrapesa todos os preceitos", e que guardá-lo era guardar toda a Lei. Deste modo um homem pode guardar algumas leis e quebrantar outras e, mesmo assim, terminar com um saldo a seu favor.

Não obstante, segundo Tiago via as coisas, *a totalidade* da lei é a vontade de Deus; quebrantar uma parte dela é infringir a vontade divina e, portanto, ser culpado de pecado. Isto é perfeitamente certo. Quebrantar uma parte da lei é tornar-se em principio infrator da lei. Até sob as leis humanas, o indivíduo se converte em delinqüente quebrantando uma só lei. Por isso, Tiago raciocina assim: "Não importa quão bom você tenha sido em outros aspectos, se você fizer acepção de pessoas, agiu contra a vontade de Deus, você quebrantou a lei de Deus e é um transgressor."

Aqui temos uma grande verdade, pertinente e prática. Digamo-lo em forma singela. Alguém pode ser em muitos aspectos, ou em quase todos eles, uma boa pessoa e, apesar disto, com uma só falta pôr tudo a perder. Pode ser moral em seu agir, puro em seu falar, cuidadoso em sua devoção, mas ao mesmo tempo pode também ser duro e querer justificar-se a si mesmo; pode ser implacável e insensível; e sendo é assim, toda sua bondade se corrompe devido ao delito que infecta todo o resto.

Bem faremos em lembrar que, ainda que possamos alegar ter feito muitas obras boas e ter resistido a muitas coisas más, ainda pode haver em nós algo que estraga o resto e assim toda nossa bondade não serve para nada.

A LEI DA LIBERDADE E A VIDA EM MISERICÓRDIA

Tiago 2:12-13

Ao chegar aqui no final de uma seção, Tiago lembra a seus leitores dois grandes fatos da vida cristã.

(1) O cristão vive sob a lei da liberdade, e conforme esta lei será julgado. O que Tiago quer dizer é isto: Diferente do fariseu e do judeu ortodoxo, o cristão não é alguém cuja vida esteja governada por toda uma série de regras e regulamentos que lhe são impostos de fora. Em realidade, o seguidor de Cristo está regido pelo impulso interior da lei do amor. Quer dizer: o cristão é governado e dirigido pelo amor que age em seu coração. Segue o caminho correto, o caminho do amor a Deus e do amor ao próximo. Mas isto não é devido ao fato de que uma lei externa a obrigue a proceder assim, nem tampouco porque alguma legislação punitiva o atemorize para operar nessa forma, mas sim porque o amor de Cristo opera em seu coração e o leva a desejar essa maneira de proceder. O cristão não está governado por leis formuladas pelo homem, mas pelo amor prodigalizado por Deus.

(2) O cristão deve sempre lembrar que só aquele que mostra misericórdia achará misericórdia. Este é um princípio que flui através de toda a Escritura. Diz o salmista: "Com o misericordioso te mostrarás misericordioso" (Salmo 18:25). Ben Sirac recomenda: "Perdoa ao teu próximo a injustiça, e então ao rezares, ser-te-ão perdoados os teus pecados. Um homem guarda rancor contra outro: do Senhor pedirá cura? Para com o seu semelhante não tem misericórdia, e pede o perdão de seus pecados?" (Eclesiástico 28:2-4, BJ). E Jesus prometeu: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia" (Mateus 5:7). "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas" (Mateus 6:14-15). "Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também" (Mateus 7:1-2). Também nos adverte o Senhor a respeito da condenação que caiu sobre o servo que não perdoou e finaliza essa parábola dizendo: "Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (Mateus 18:22-35).

Todo o ensino da Escritura concorda em afirmar que aquele que deseja achar misericórdia terá ele mesmo que ser misericordioso. E Tiago vai ainda mais além porque no final diz que a misericórdia triunfa sobre o juízo. E com isto quer significar que no dia do juízo o homem que mostrou misericórdia encontrará que essa sua misericórdia apagou seu próprio pecado.

A FÉ E AS OBRAS

Tiago 2:14-26

Esta é uma passagem que temos que considerar como um todo antes de analisá-la em partes, pois muito freqüentemente se usa a passagem com a intenção de demonstrar que Tiago e Paulo diferiam por completo. Aparentemente, Paulo põe a ênfase em que o homem é salvo mediante a fé e somente mediante a fé, e que las obras absolutamente intervêm no processo. “Concluímos pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Romanos 3:28). “...sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus... pois, por obras da lei, ninguém será justificado” (Gálatas 2:16). Freqüentemente aduz-se que Tiago não só difere de Paulo, mas também está em aberta oposição a ele. Vejamos.

(1) Podemos começar notando que a ênfase de Tiago é, em realidade, também a mesma ênfase característica de todo o Novo Testamento. João Batista pregava que os homens deviam produzir frutos dignos de arrependimento (Mateus 3:8; Lucas 3:8); que tinham que demonstrar a realidade de seu arrependimento mediante a excelência de suas obras. Segundo a pregação de Jesus, os homens deveriam viver de tal modo que o mundo pudesse ver suas boas obras e dar por isso glória a Deus (Mateus 5:16). Além disso, o Senhor insistia em que os homens tinham que ser conhecidos mediante seus frutos, e que uma fé expressa unicamente em palavras nunca poderia substituir uma fé que se manifestasse no fazer verdadeiramente a vontade de Deus (Mat. 7:15-21).

Tampouco falta esta ênfase no próprio Paulo. Poucos mestres sublinharam tanto o efeito ético do cristianismo como o tem feito Paulo. Não importa quão doutriniais ou teológicas sejam suas epístolas, nunca deixa por isso de concluir com uma seção ética na qual sublinha a expressão do cristianismo em obras. Além desta característica geral, Paulo repetidamente deixa claro a importância que atribui às obras. Diz que Deus pagará a cada qual segundo as suas obras (Romanos 2:6). Insiste em que cada um de nós dará conta de suas obras a Deus (Romanos 14:12). Insiste com os homens a despojar-se das obras das trevas e a cobrir-se com a armadura da luz (Romanos 13:12). Cada um, diz, receberá sua recompensa conforme o seu trabalho (1 Coríntios 3:8). Todos — nos adverte Paulo — teremos que comparecer perante o tribunal de Cristo para que cada um receba as coisas feitas por meio do corpo, conforme ao que fez, seja bom ou mau (2 Coríntios 5:10). O cristão tem que se despojar do velho homem com todas as suas obras (Colossenses 3:9). Ninguém pode ler as Cartas de Paulo sem perceber a importância que atribui às obras como parte da vida cristã. Através de todo o Novo Testamento torna-se evidente que o cristianismo tem que ser eticamente demonstrado como uma parte essencial da fé cristã.

(2) Todo o anterior é indubitável. Mas mesmo assim Tiago dá a impressão de estar em desacordo com Paulo porque, apesar de tudo o que temos dito, a maior ênfase de Paulo recai sobre a graça e sobre a fé; enquanto que Tiago faz maior insistência na ação e nas obras. Mas terá que deixar claro isto: o que Tiago está condenando não é o paulinismo, mas sim uma corrupção do paulinismo. A posição paulina, sumariamente expressa, é a seguinte: "Crê no Senhor Jesus Cristo, e será salvo" (Atos 16:31). Evidentemente, a importância que atribuíamos a esta exigência dependerá por completo do significado que atribuíamos à palavra *crer*.

Há duas classes de crença. Alguém é a crença puramente intelectual, que consiste em aceitar um fato mentalmente. Por exemplo, eu creio que o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo equivale à soma dos quadrados dos outros dois lados. Não tenho dúvida

alguma quanto a que isto é certo. Se tivesse que prová-lo, estaria em condições de prová-lo — mas isto não faz nenhuma diferença em minha vida nem em minha maneira de viver. É um fato que aceito mas que não tem efeito algum sobre mim.

Por outro lado, entretanto, eu sei que vinte e vinte são quarenta. Portanto, eu me negarei rotundamente — por exemplo — a pagar mais de quarenta reais por dois objetos que custam vinte reais cada um. Aceito este fato e governo minha vida conforme ele. Tomo este fato não só como um simples dado mental mas sim, cada vez que corresponde, faço-o agir em minha existência. E ao que Tiago está-se opondo é, em realidade, à primeira classe de crença, à aceitação de um fato sem deixar que este influa de modo nenhum sobre a vida. Os demônios estão intelectualmente convencidos da existência de Deus mas, mesmo assim não por isso são menos demônios; sua crença não os mudou no mais mínimo. Pelo contrário, o que Paulo sustentava era, em realidade, a segunda classe de crença. Crer em Jesus era pôr essa crença em ação em cada aspecto da existência, e viver segundo essa fé.

É fácil tergiversar o paulinismo e privar à palavra *crer* de todo significado efetivo. Mas não é o paulinismo, mas sim o paulinismo mal entendido ou corrompido o que Tiago condena. Está ajuizando a profissão de fé que carece de prática; está condenando a aceitação meramente intelectual do cristianismo como oposta à aceitação plena, por toda a personalidade. E com esta condenação Paulo teria estado totalmente de acordo.

(3) Não obstante, até concedendo isto, ainda há algumas diferenças entre Tiago e Paulo. A mais importante é que *começam em distintos momentos da vida cristã*. Paulo, começa no próprio início. Insiste em que ninguém pode jamais ganhar o perdão de Deus; ninguém pode retificar sua própria relação com Deus. Este passo inicial tem que vir da livre graça divina; o homem a única coisa que pode fazer é aceitar o perdão que Deus lhe oferece em Jesus Cristo; não pode fazer outra coisa a não ser receber o oferecimento de Deus de um caminho aberto para

Ele. Este passo inicial tem que vir exclusivamente da ação e da iniciativa divinas.

Tiago, por outro lado, começa muito mais tarde. Começa com *aquele que professa ser cristão*, o homem que já pretende ter sido perdoado, que afirma estar já em correta relação com Deus. Tal pessoa, como bem diz Tiago, deve viver uma existência nova porque é uma nova criatura. foi *justificado*, e agora tem que demonstrar que está *santificado*. E também com isto Paulo teria estado completamente de acordo.

O fato é que ninguém pode ser salvo mediante as obras, mas tampouco *ninguém pode ser salvo sem produzir obras*. A melhor analogia disto é a de um grande amor humano. Aquele que é amado está muito seguro de não ser digno de tal amor, nada há nele que mereça tão imenso privilégio. Mas também tem a convicção de que ele deve empregar o resto de sua vida em buscar ser digno desse amor, esforçando-se por fazer de si uma pessoa digna de ser amada. Não pode *ganhar* o amor de que é objeto, mas está obrigado a tentar *merecê-lo* — ou não sabe o que é o amor.

Assim, pois, a diferença entre Tiago e Paulo reside no ponto de partida. Paulo parte do grande fato básico do perdão de Deus, perdão que ninguém pode ganhar ou merecer; Tiago, pelo contrário, parte da atitude daquele que professa ser cristão, e insiste em que, a menos que este prove seu cristianismo por meio de suas obras, de modo nenhum é cristão. Não somos salvos *pelas* obras, somos salvos *para* fazer obras. Estas são as verdades gêmeas da vida cristã. E toda a ênfase de Paulo recai sobre a primeira verdade; enquanto que Tiago insiste na segunda. Em realidade, Tiago e Paulo não se contradizem um com o outro, mas sim que se complementam. A mensagem de ambos é essencial para a fé cristã em sua expressão mais plena.

PROFESSAR E PRATICAR**Tiago 2:14-17**

O que Tiago não pode tolerar é a profissão de fé sem a prática, as palavras sem obras. E para esclarecer seu pensamento escolhe uma vívida ilustração. Suponhamos que alguém não tem nem roupas para cobrir-se nem comida para alimentar-se; suponhamos também que um assim chamado amigo expressa-lhe sua mais sincera simpatia pela triste condição em que se acha; e suponhamos, além disso, que tal simpatia não vai além das palavras e que não faz esforço algum para aliviar a situação do desafortunado. Do que serve isso? Que valor tem a simpatia se não for acompanhada de algum intento de traduzi-la em efeitos práticos? Por isso — assinala Tiago — a fé sem obras é morta. Esta é uma passagem que apelaria especialmente a um judeu.

(1) Para o judeu o dar esmolas era algo de suprema importância. Tanto era assim que fazer justiça e dar esmolas podiam, para o judeu, significar uma e a mesma coisa. O dar esmolas era considerado como a defesa do homem no momento em que fosse julgado por Deus. “A água apaga a chama, a esmola expia os pecados”, diz Ben Sirac (Eclesiástico 3:30). Em Tobias está escrito: “Pois a esmola libra da morte e impede que se caia nas trevas. Dom valioso é a esmola, para quantos a praticam na presença do Altíssimo (Tobias 4:10-11, BJ). Quando os dirigentes da Igreja de Jerusalém resolveram que Paulo fosse enviado aos gentios, a única coisa que lhe pediram foi que não se esquecesse dos pobres (Gálatas 2:10). Esta insistência na ajuda prática é um dos maiores e mais belos sinais da piedade judia.

(2) Esta ênfase na simpatia, a piedade e as esmolas era totalmente estranho a um aspecto da religião grega. Os estóicos se esforçavam por alcançar a *apatheia*, quer dizer: a completa ausência de todo sentimento ou emoção. Para eles o propósito da vida era a serenidade. A emoção perturba a serenidade. O caminho rumo à perfeita calma consistia — segundo os estóicos — em aniquilar todo sentimento e toda emoção. A

compaixão é uma mera perturbação da isolada calma filosófica na qual o homem deveria propor-se a viver. Assim, Epicteto afirma que só aquele que desobedece o mandamento dos deuses é quem sentirá tristeza ou piedade (*Discursos* 3:24, 43). Quando Virgílio em suas *Geórgicas* (2:498) traça o quadro da perfeita felicidade humana, caracteriza o homem feliz pela completa ausência de compaixão em seu coração. Não se tem piedade do pobre nem se compadece do aflito, pois tais emoções teriam perturbado sua própria serenidade. Este é um ponto de vista completamente oposto ao dos judeus. Para o estóico a bem-aventurança significava estar envolto em seu próprio isolamento e calma filosófica; para o judeu, pelo contrário, sua bem-aventurança era compartilhar ativamente as desditas de outros.

(3) Tiago ao focar este assunto está perfeitamente correto. Nada há tão perigoso como experimentar repetidamente uma bela emoção sem fazer intento algum de transformá-lo em ação. É um fato comprovado que cada vez que alguém experimenta um elevado sentimento sem transformá-lo em ação, é menos provável que algum dia o faça. Num sentido é justo dizer que ninguém tem direito de sentir piedade e simpatia a não ser que ao menos busque transformar essa piedade e essa simpatia em ação. Uma emoção não é algo em que gloriar-se; é algo que, à custa de esforços, lutas, disciplina e sacrifício, a pessoa precisa converter em substância da vida.

NEM UM NEM OUTRO, MAS AMBOS, E ALÉM DISSO...

Tiago 2:18-19

Tiago está enfrentando aqui uma possível objeção. Pensa em alguém que pode argüir assim: "A fé é boa, e também as obras são boas. Ambas são manifestações perfeitamente reais e genuínas da verdadeira religião. Mas a mesma pessoa não possui necessariamente ambas as coisas. Um homem pode ter fé, e outro pode ter obras. Sendo assim, siga

você adiante com suas obras e eu seguirei com minha fé. Assim os dois seremos verdadeiramente religiosos, cada um à sua própria maneira."

Este ponto de vista significa que a pessoa pode ter *ou fé ou obras*; e que a fé e as obras são expressões optativas da religião cristã. Mas Tiago não quer saber nada disto. Não é — segundo ele o vê — questão *de fé ou de obras* (como incompatíveis entre si), mas sim é questão tanto de fé como de obras. É verdade que as pessoas têm a tendência de apresentar à religião como um assunto *disto ou daquilo*, mas em realidade tem que ser um assunto de *ambas as coisas* y...

(1) Numa vida bem proporcionada tem que haver *pensamento e ação*. É freqüente a tentação de pensar que o homem pode ser ou *uma pessoa de pensamento* ou *uma pessoa de ação*. Segundo isto o homem de pensamento estará sentado em seu estudo, elaborando profundos conceitos, enquanto que, por sua vez, o homem de ação estará fora, no mundo, levando a cabo notáveis obras e atividades. Isto é um erro. O pensador, a menos que converta em ação seus pensamentos, será somente um homem pela metade. Nem sequer poderá inspirar a outros à ação se ele mesmo não se incorporar à batalha e compartilha a luta com eles. Por outro lado, tampouco o homem de ação pode ser realmente tal, a menos que tenha pensado nos grandes princípios eternos nos quais sua ação deve estar fundada, e que são a causa propulsora de todos seus atos.

(2) Para que uma vida seja bem proporcionada tem que haver nela *oração e esforço*. E novamente é tentador dividir os homens em duas classes: os santos, que passam sua encerrada existência de joelhos entregues a uma constante devoção e os lutadores, que trabalham no meio do pó e do calor do dia. Mas não há tal coisa.

Diz-se que Martinho Lutero era íntimo amigo de outro monge. Este se achava tão completamente convencido da necessidade de levar a cabo a reforma da Igreja como o estava o próprio Lutero. Fizeram, pois, um acerto. Lutero sairia ao mundo e ali travaria a batalha; o outro monge, por sua vez, permaneceria em sua cela orando todo o tempo pelo êxito das atividades do Lutero. Mas uma noite o monge teve um sonho. Neste

viu um colhedor solitário ocupado na impossível tarefa de colher sozinho e sem ajuda um campo imenso. O colhedor solitário investiu a cabeça: era o próprio Martinho Lutero... E assim o monge aprendeu neste sonho que devia deixar sua cela e suas orações para sair a ajudar.

É certo, naturalmente, que há aqueles que por causa de sua idade ou por sua fraqueza física, não podem fazer outra coisa senão orar, e suas orações são certamente um reforço e um apoio. Mas se qualquer pessoa normal crê que a oração pode ser um substituto do esforço, suas orações são meramente uma via de escape. A oração e o esforço têm que ir de mãos dadas.

(3) Para que uma vida possa ser bem proporcionada tem que haver nela *fé e obras*. Só mediante as obras pode a fé provar-se e mostrar-se a si mesma; e só mediante a fé pode tentar-se fazer obras. A fé está destinada a transbordar em ação e a ação começa só quando um homem tem fé na grande causa ou em algum grande princípio que Deus lhe mostrou.

Queremos que nossa vida seja bem proporcionada e plenamente efetiva em serviço e em devoção? Então nunca devemos esquecer de pensar em termos *disto ou daquilo* (como coisas incompatíveis) mas em termos de *ambas as coisas e além disso...*

A PROVA DA FÉ

Tiago 2:20-26

Tiago oferece duas ilustrações sobre o ponto de vista no qual está insistindo. Abraão é o grande exemplo da fé, mas Abraão demonstrou sua fé mediante sua disposição para sacrificar a Isaque perante a evidente demanda de Deus. Raabe era uma figura importante na lenda judia. Ela tinha dado refúgio aos espiões enviados a explorar a terra prometida (Josué 2:1-21). Uma lenda posterior contava que adotou a fé judia, que se casou com Josué e que muitos sacerdotes e profetas, inclusive Ezequiel e Jeremias, foram descendentes dela. Foi sua maneira de tratar os espiões o que demonstrou que verdadeiramente ela tinha fé.

Tanto Paulo como Tiago têm razão nisto. Se Abraão não tivesse tido fé, nunca se teria arriscado a identificar seu futuro com o destino de Israel. A fé operou certamente como causa motriz da ação, tanto em Abraão como em Raabe. Mas mesmo assim, a menos que Abraão tivesse estado preparado para obedecer incondicionalmente a Deus, sua fé teria sido algo irreal; e a menos que Raabe tivesse estado preparada para arriscar tudo, ajudando os espiões, sua fé teria sido inútil.

Estes dois exemplos mostram plena e definitivamente que a fé e as obras não são incompatíveis; pelo contrário, são inseparáveis. Ninguém será movido jamais à ação sem ter primeiro fé; e tampouco a fé de ninguém é verdadeira se não o move à ação. A fé e as obras são as duas caras da experiência que o homem tem de Deus.

Tiago 3

Os perigos do mestre - 3:1

O perigo universal - 3:2

Pequena mas poderosa - 3:3-5a

Um fogo destruidor - 3:5b-6

A corrupção interior - 3:5b-6 (cont.)

Indomável - 3:7-8

Bênção e maldição - 3:9-12

Aquele que nunca deveria ser mestre - 3:13-14

A sabedoria equivocada - 3:15-16

A verdadeira sabedoria (1) - 3:17-18

A verdadeira sabedoria (2) - 3:17-18 (cont.)

OS PERIGOS DO MESTRE

Tiago 3:1

Na Igreja primitiva os mestres eram de primeiríssima importância. Sempre que são mencionados é-lhes rendido honra. Na Igreja de Antioquia era-lhes outorgado igual posição que aos profetas que

enviaram a Paulo e a Barnabé em sua primeira viagem missionária (Atos 13:1). Na lista que Paulo faz daqueles que possuem grandes dons dentro da Igreja, os mestres são avantajados unicamente pelos apóstolos e pelos profetas (1 Coríntios 12:28; comp. com Efésios 4:11). Os apóstolos e os profetas estavam sempre em marcha. Seu campo de ação era a Igreja toda, e não se demoravam muito tempo em nenhuma congregação. Os mestres, pelo contrário, trabalhavam dentro da congregação e a grande importância de seu trabalho consistia em que os conversos ao cristianismo lhes eram confiados para sua instrução no evangelho e para sua edificação na fé cristã. A imensa responsabilidade do mestre consistia em pôr o selo de sua própria fé e conhecimento naqueles que estavam ingressando na Igreja pela primeira vez.

No próprio Novo Testamento chegamos a ver biografias de instrutores que fracassaram em sua responsabilidade e em sua tarefa, e que se converteram em falsos mestres. Houve mestres que trataram de fazer do cristianismo outra classe de judaísmo, e que tentaram introduzir a circuncisão e a observância da Lei (Atos 15:24). Houve mestres que ensinavam a outros enquanto eles próprios não experimentavam nada da verdade que estavam ensinando, mestres cuja vida contradizia seu ensino, e que não faziam outra coisa senão trazer desonra sobre a fé que representavam (Romanos 2:17-29). Houve alguns que buscaram ensinar antes de saber eles mesmos (1 Timóteo 1:6-7). Houve outros que gostavam de lisonjear os maus desejos da multidão (2 Timóteo 4:3).

Tiago está convencido de que — além do problema dos falsos mestres — o ensino é uma ocupação perigosa para qualquer pessoa. O instrumento do mestre é a fala e seu agente a língua, e como diz Ropes, Tiago estava preocupado em destacar "a responsabilidade dos mestres e o perigoso caráter do instrumento que tinham que usar".

O mestre cristão se ingressava numa tradição perigosa. Na Igreja cristã ocupava o lugar que tinha o rabino na religião judia. Houve muitos rabinos ilustres e santos, mas o rabino era tratado numa forma suscetível de arruinar o caráter de qualquer pessoa. Seu próprio nome significa

"meu grande". Onde quer que fora o tratava com o maior respeito. Em realidade se afirmava que o dever de um homem para com seu rabino era maior que o devido a seus próprios pais, porque os pais somente o haviam trazido à vida deste mundo, enquanto que o mestre o havia trazido à vida do mundo vindouro. Chegava-se ao extremo de dizer que, no caso de que o pai e o rabino de certa pessoa fossem seqüestrados, era o rabino a quem era preciso resgatar primeiro. Se os rabinos e os pais necessitavam ajuda, primeiro era preciso socorrer os rabinos. A verdade é que ao rabino não era permitido receber dinheiro em troca de seu ensino e que ele devia atender a suas necessidades materiais trabalhando em alguma outra coisa; mas também considerava-se como obra especialmente piedosa e meritória recebê-lo em casa, sustentá-lo e lhe prodigalizar todo tipo de cuidados. Por isso, para um rabino era extremamente fácil chegar a ser o tipo de pessoa que Jesus descreveu: um tirano espiritual; um que faz ostentosa demonstração de sua piedade, ansioso por ocupar os mais elevados postos em qualquer função, uma pessoa que se gloriava no respeito quase servil que outros lhe demonstravam em público (Mateus 23:4-7). Qualquer mestre corre o risco de converter-se no "senhor Oráculo". Nenhuma profissão está mais exposta a gerar orgulho espiritual e intelectual.

Existem dois perigos que todo mestre deve evitar. Em virtude de seu ofício ensinará ou aos que são jovens em idade, ou aos que são meninos na fé. Portanto, durante toda sua vida terá que lutar para tentar evitar duas coisas. Terá que pôr todo cuidado em estar ensinando a verdade e não suas próprias opiniões, ou até seus preconceitos. É infelizmente fácil para um mestre tergiversar a verdade; ensinar não a versão de Deus, mas sim sua própria versão da verdade. Tem que cuidar-se muito de que sua vida não contradiga o que está ensinando; que não se veja forçado a dizer continuamente não "Faz o que eu faço", mas sim "Faz o que eu digo". O mestre nunca deve chegar à situação em que seus alunos já não possam ouvir o que diz por ter que ver o que é. Como diziam os próprios rabinos judeus: "Não o aprender, mas sim o fazer é o

fundamento; e aquele que multiplica palavras multiplica pecado" (*Ditos dos Pais* 1:18).

Tiago adverte que o mestre abraçou por decisão própria esta carreira especial e que, portanto, está também sob uma especial responsabilidade se fracassa nela. As pessoas às quais Tiago estava escrevendo cobiçava o prestígio e o lugar de honra de que desfrutavam os mestres, e por isso ele lhes exigia não esquecer jamais a responsabilidade que implica ser mestre.

O PERIGO UNIVERSAL

Tiago 3:2

Aqui Tiago apresenta duas idéias que estavam entretecidas tanto no pensamento como na literatura judia.

(1) Não há ninguém neste mundo que não peque em algo. A palavra que usa Tiago literalmente significa *cometer um deslize*.

"A vida — opinou Lord Fisher, o grande navegante — está semeada com cascas de laranjas." Muitas vezes o pecado não é cometido deliberadamente mas sim resulta de um escorregão quando estamos desprevenidos.

Esta universalidade do pecado aparece através de toda a Bíblia. "Não há justo, nem mesmo um", cita Paulo. "Por quanto todos pecaram, e estão destituídos da glória de Deus" (Romanos 3:10, 23). "Se dissermos que não temos pecado", — diz João — "enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1 João 1:8). "Certamente não há homem justo na terra, que faça o bem e nunca peque" (Eclesiastes 7:20). "Não há homem — afirma o sábio judeu — entre os nascidos que não tenha agido impiamente; e entre os fiéis não há ninguém que não tenha sido incorreto" (2 Esdras 8:35). Na vida humana não há lugar para o orgulho, porque não existe ninguém sobre a terra que não tenha alguma mancha de que envergonhar-se. Inclusive os pensadores pagãos participavam dessa mesma convicção quanto ao pecado. "É da natureza

humana pecar tanto em particular como em público", disse Tucídides (3:45). "Todos pecamos, alguns gravemente; outros em forma mais leve" (De *Clementia* 1:6). Todos estamos envoltos no pecado.

(2) Não existe pecado no qual seja mais fácil cair e que tenha conseqüências mais graves que o pecado da língua. Também isto se acha entretecido no pensamento judeu. Jesus mesmo nos advertiu que teremos que dar conta de cada palavra que digamos. "Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado." (Mateus 12:36-37). E em Provérbios 15:1, 4 somos ensinados: "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira. ... A língua serena é árvore de vida, mas a perversa quebranta o espírito."

De todos os escritores judeus, Jesus Ben Sirac, o autor do Eclesiástico, é aquele que mais impressionado estava com as terríveis potencialidades da língua. "Honra e confusão acompanham o loquaz, e a língua do homem é a sua ruína. Não te faças chamar de caluniador, não armes uma emboscada com tua língua ... e de amigo não te tornes inimigo. Porque herdarás má fama, vergonha, opróbrio; assim acontece com o pecador de palavra dúplice." (Eclesiástico 5:13-6:1, BJ). "Feliz o homem que não pecou com a sua boca" (14:1, BJ). "Quem nunca pecou com a própria língua?" (19:16, BJ). "Quem me colocará um guarda na boca e sobre os lábios o selo da sagacidade, para que eu não caia por sua falta e minha língua não me arruíne?" (22:27, BJ). Tem além disso, uma extensa passagem em que se expressa tão nobre e apaixonadamente que bem vale a pena citá-la integralmente:

Maldito o murmurador e o velhaco, porque arruínam a muitos que vivem em paz. A terceira língua agitou a muitos, dispersou-os de nação em nação; destruiu fortes cidades e devastou as casas dos grandes. A terceira língua expulsou de casa mulheres excelentes, despojou-as do fruto de seus trabalhos. Aquele que a atende não encontrará mais descanso nem terá morada tranqüila. Um golpe de chicote deixa marca, mas um golpe de língua quebranta completamente os ossos. Muitos caíram pelo fio da espada,

porém muito mais foram os que caíram por causa da língua. Feliz do que se protege contra ela, que não passou pelo seu furor, que não arrastou o seu jugo e não foi amarrado pelas suas cadeias. Porque o seu jugo é um jugo de ferro, e as suas cadeias são cadeias de bronze. A sua morte é uma morte dura, e o Xeol a ela é preferível! Ela não tem poder sobre os justos, estes não se queimarão em sua chama. Os que abandonam o Senhor caem nela e ela os consumirá sem se apagar; como um leão, será lançada contra eles, como uma pantera os despedaçará. Vê: circunda com espinhos a tua propriedade, fecha bem a tua prata e o teu ouro. Faze pra as tuas palavras ponha uma balança e um peso; para a tua boca, porta e ferrolho. Vela para não dares passo em falso com a língua, cairias diante daquele que te espreita. (28:13-26, BJ).

Ninguém pode dizer que não foi advertido dos perigos da língua, e ninguém pode afirmar que os evitou por completo.

PEQUENA MAS PODEROSA

Tiago 3:3-5a

Poderia alegar-se contra o terror que Tiago tem à língua, que esta é uma parte muito pequena do corpo para fazer tal alvoroço a respeito dela e lhe atribuir tamanha importância. Para combater este argumento Tiago usa duas figuras retóricas.

(1) Colocamos freio na boca dos cavalos porque sabemos que se podemos dominar sua boca dominaremos também tudo seu corpo. Similarmente Tiago sugere que se podemos dominar a língua também estaremos em condições de dominar todo o corpo; mas se a língua não está sob controle, a vida toda está entregue ao mau caminho.

(2) O leme é muito pequeno se comparado com as grandes dimensões, volume e peso de uma nave. Entretanto, exercendo pressão sobre esse pequeno instrumento o timoneiro pode alterar o rumo do navio e conduzi-lo com segurança.

Muito antes Aristóteles já havia usado a mesma figura falando da ciência da mecânica: "Um leme é pequeno e está aderido no extremo

do casco de navio, mas tem tanto poder que por esse mesmo pequeno leme e pela ação de um homem — brandamente exercida — pode-se mover o grande volume de um barco". O leme é pequeno, mas mesmo assim pode dirigir o curso de todo o casco de navio. A língua é pequena e, em que isso pese, pode dominar o curso de todo o corpo e de toda a vida de uma pessoa.

Filo chamou a mente de o auriga ou o timoneiro da vida humana. Quando a mente controla cada palavra e cada emoção, e quando a mente mesma é controlada por Cristo, então é quando a vida está segura.

Deve-se ter em conta que Tiago de maneira nenhuma está dizendo que seja melhor guardar silêncio que falar. Não está advogando por uma vida de monastério monótono onde é proibido falar. O que ele está defendendo é o controle da língua.

Aristipo, o Grego é autor deste sábio pensamento: "O vencedor do prazer não é o homem que nunca desfruta do prazer, mas sim aquele que usa o prazer como o cavaleiro conduz o seu cavalo ou como o timoneiro dirige uma nave, e dessa maneira os leva aonde deseja."

A abstenção de algo nunca é um completo substituto do controle de seu uso. E Tiago não está favorecendo um silêncio covarde, mas sim o sábio uso do falar.

UM FOGO DESTRUIDOR

Tiago 3:5b-6

O dano que a língua é capaz de causar é como o prejuízo que um incêndio pode originar num bosque. A figura do incêndio no bosque é freqüente na Bíblia. O salmista roga que Deus faça aos ímpios como folhagem diante do vento, e que a tempestade de Deus os destrua assim como o fogo queima o bosque e como as chamas consomem a montanha (Salmo 83:13-14). Isaías vê este quadro: "...a maldade lavra como um fogo, ela devora os espinheiros e os abrolhos; acende as brenhas do bosque..." (Isaías 9:18). E Zacarias fala dos capitães do Judá "como um

braseiro ardente debaixo da lenha” (12:6). Este quadro era conhecido pelos judeus da Palestina, pois na estação de seca a erva e os arbustos espinhosos estavam tão ressecados como a isca. Eram acesos e as chamas se estendiam como uma onda impossível de conter.

A figura da língua como um fogo é também uma metáfora judia. Diz o autor de Provérbios: “O homem depravado cava o mal, e nos seus lábios há como que fogo ardente” (Provérbios 16:27). “Uma luta repentina acende o fogo, uma discussão precipitada derrama sangue” (Eclesiástico 28:11).

Há duas razões pelas quais o dano que a língua pode causar é como o de um fogo.

(1) É de vasto alcance. O perigoso da língua é que pode causar danos a grande distancia. Uma palavra casual deslizada num extremo do país ou da cidade pode terminar produzindo dano, tristeza e quebra de coração no outro extremo.

Os rabinos judeus utilizavam esta figura:

“A vida e a morte estão nas mãos da língua. Acaso a língua tem mãos? Não, mas assim como a mão mata, assim também a língua mata. A mão mata de perto, mas a língua é como uma flecha que mata à distância. Uma flecha mata a quarenta ou cinqüenta passos, mas da língua diz-se no Salmo 73:9 ‘Contra os céus desandam a boca, e a sua língua percorre a terra’. Este é certamente o perigo da língua. O homem com o braço pode proteger-se de um golpe porque o atacante está em pessoa. Mas alguém pode deslizar numa palavra maliciosa ou repetir uma calúnia com relação a outro a quem nem sequer conhece e que se acha a milhares de quilômetros de distância e, mesmo assim, causar-lhe imenso dano.”

O extraordinário alcance que a língua pode ter é seu maior perigo.

(2) É difícil de dominar. Nos ressecados bosques e matagais da Palestina, um incêndio ficava imediatamente fora de controle. E tampouco há alguém capaz de controlar o mal que pode causar a língua. “Três coisas há que não retornam: a flecha lançada, a palavra falada e a oportunidade perdida.” Uma vez pronunciada a palavra não há maneira de fazê-la retornar. Nada há tão impossível de sufocar como um rumor;

nada há tão difícil de cicatrizar como os efeitos de uma história ociosa e maligna. Lembremos o homem que uma vez que disse a palavra está fora de seu controle. Portanto, pense bem antes de falar porque, ainda que não possa fazê-la retornar, terá que responder pela palavra que pronuncie.

A CORRUPÇÃO INTERIOR

Tiago 3:5b-6 (continuação)

Dedicaremos algo mais de tempo a esta passagem porque nele há duas frases especialmente difíceis.

(1) A língua — diz nossa versão — é *mundo de iniquidade*. Esta é uma tradução defeituosa. Teria que ser é *o mundo de iniquidade*, o que provavelmente significa *o mundo iníquo*. Em nosso corpo, diríamos, a língua representa todo o mundo mau. Em grego esta frase é *ho kosmos chás adikias*.

Captaremos melhor o significado lembrando o que quer dizer a palavra *kosmos*. O vocábulo *kosmos* pode ter dois sentidos:

(a) Pode significar *adorno*, ainda que este é o sentido menos freqüente. Em tal caso poderia indicar que a língua é o adorno do mal. Isto significaria que a língua é o órgão que fatal e sedutoramente pode fazer com que o mal seja atraente. Porque mediante a língua os homens podem fazer com que a pior razão apareça como a melhor; e mediante a língua podem desculpar-se, defender-se e tratar de justificar com explicações suas próprias maldades, e mediante a língua podem convencer e seduzir outros a pecarem. Não há dúvida que este significado provê excelente sentido; mas não é totalmente seguro que a frase signifique isso.

(b) *Kosmos* pode significar *mundo*. Quase em todo lugar do Novo Testamento a palavra *kosmos* significa mundo, com uma marcada sugestão de *mundo mau*. O mundo não pode receber o Espírito (João 14:17). Jesus se manifesta aos discípulos, mas não ao mundo (João

14:22). O mundo o aborrece e, portanto, aborrece também a seus discípulos (João 15:18-19). O reino de Jesus não é deste mundo (João 18:36). Paulo condena a sabedoria deste mundo (1 Coríntios 1:20). O cristão não tem que conformar-se com este mundo (Romanos 12:2). Quando *kosmos* é usado neste sentido significa *o mundo sem Deus*, o mundo que ignora a Deus e que às vezes lhe é hostil. Por conseguinte, se chamarmos a língua de ímpio *kosmos*, significa que a língua é como um mundo hostil para com Deus e ignorante dEle. É a parte de nós que desobedece e desafia a Deus, que se rebela contra Ele.

(2) A segunda frase difícil é aquela que nossa versão traduz assim: *a carreira da existência humana (trochos geneseos)*. ("o curso da vida", TB). Literalmente esta frase significa "a roda do ser".

Os antigos usavam a figura da roda para descrever a vida de quatro maneiras distintas.

(1) A roda é um círculo, um todo redondo e completo. Portanto, a roda da vida pode significar a totalidade da existência, tudo o que está contido na vida e no viver.

(2) A roda sempre está em movimento; qualquer ponto particular da mesma está sempre movendo-se para cima e para baixo. Por conseguinte, a roda da vida pode significar *os altos e baixos da existência*, as oportunidades e as mudanças. Nesta linha o sentido se aproxima da roda da fortuna, sempre cambiante e sempre variável.

(3) A roda é circular: sempre está girando em torno de si mesma exatamente no mesmo círculo. Portanto, a roda deve significar *a repetição cíclica da vida*, o constante ir e vir das gerações, o tedioso girar de uma existência que sempre se está repetindo a si mesmo sem avançar.

(4) A frase tinha um uso técnico especial. As religiões órficas criam no nascimento e no renascimento. Criam que a alma humana estava sempre nascendo e morrendo, e voltando a nascer. A meta da vida era escapar dessa teoria de morte e nascimento, e nascimento e morte para com um ser infinito e interminável. E assim o devoto da religião órfica

poderia dizer: "Voei fora da tediosa e fatigante roda." Neste sentido a roda da vida pode significar a fatigante e desventurada teoria da constante reencarnação.

É muito improvável que Tiago conhecesse algo a respeito das reencarnações órficas. Não é provável que alguns cristãos pensassem em termos de uma vida circular e cíclica, uma existência que não ia a parte alguma. Tampouco é provável que um cristão estivesse atemorizado pelas circunstâncias e as mudanças da vida. Por conseguinte, a frase muito provavelmente signifique *a totalidade da vida e do viver*. Portanto, o que Tiago está dizendo é que a língua pode acender um fogo que destrua toda a vida, e que a própria língua é acesa pelo fogo do próprio inferno. Aqui reside certamente o terror da língua.

INDOMÁVEL

Tiago 3:7-8

A idéia de domar a criação animal, pondo-a a serviço da humanidade é freqüente na literatura judia. Podemos observá-la no relato da criação. Deus disse ao homem e à mulher: "Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra" (Gênesis 1:28). É muito provável que Tiago aqui esteja referindo-se retrospectivamente a este versículo. A mesma promessa é repetida a Noé: "Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar nas vossas mãos serão entregues" (Gênesis 9:2).

O autor do Eclesiástico insiste na mesma idéia: "A toda carne inspirou o temor do homem, para que ele domine feras e pássaros" (Eclesiástico 17:4). Também o salmista pensava segundo essa mesma linha: "Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos

mares” (Salmo 8:6-8). O mundo romano conhecia os peixes mansos nos lagos situados no *atrium* ou pátio aberto central das casas romanas. A serpente era o emblema do deus Esculápio. Estes répteis, domesticados, deslizavam-se em seus templos sendo considerados como encarnações do deus. Os doentes dormiam de noite nos templos de Esculápio e se alguma das serpentes deslizava sobre um deles, isso era considerado como o toque de cura do deus.

O engenho humano, segundo Tiago, domou todas os animais, unicamente a língua permanece indômita. Domar significa dominar, fazer útil e benéfico; mas como, diz Tiago, é o que ninguém por si só pôde fazer jamais com sua língua.

BÊNÇÃO E MALDIÇÃO

Tiago 3:9-12

Bem sabemos por experiência que há uma patética contradição na natureza humana. No homem há algo de diabo e algo de anjo, algo de herói e algo de vilão, algo de santo e muito de pecador. Tiago está convencido de que em nenhuma outra parte esta contradição faz-se tão evidente como na língua.

Com ela — observa Tiago — abençoamos a Deus. Isto era especialmente significativo para um judeu. Sempre que se mencionava o nome de Deus, o israelita tinha que responder: "Bendito seja Ele!" Três vezes por dia o judeu devoto tinha que repetir o *Shemoneh Esreh*, as famosas dezoito orações chamadas *Eulogías*, cada uma das quais começa com "Bendito você seja, OH Deus!" Deus era certamente *eulogetos*, o que literalmente significa "O Bendito", Aquele que é continuamente bendito. E apesar disto, essa mesma boca e essa mesma língua que tão freqüente e piedosamente abençoavam a Deus, eram a mesma boca e a mesma língua que podiam amaldiçoar e condenar ao próximo. Para Tiago há nisto algo antinatural. É contrário à natureza que de uma mesma fonte flua simultaneamente água doce e água salgada, ou que

uma planta frutífera produza diferentes tipos de frutas. Mas antinaturais e equivocadas como são tais atitudes, não por isso deixam de ser tragicamente comuns.

Pedro pôde afirmar: “Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei” (Mateus 26:33), mas foi essa mesma língua que também pôde negar a Jesus com juramentos e maldições (Mateus 26:69-75). O mesmo João que disse: "Amados, amemo-nos uns aos outros", é aquele que uma vez quis pedir que caísse fogo do céu para arrasasr uma aldeia samaritana (Lucas 9:51-56). Até as línguas dos próprios santos e apóstolos puderam dizer coisas muito distintas.

João Bunyan, no Peregrino, conta-nos que Loquaz era "um santo fora e um diabo em sua casa". Mais de uma pessoa fala com perfeita cortesia aos estranhos e até recomenda o amor e a amabilidade e, em que pese a isto, em casa dirige-se a sua família com acritude, com maneiras impacientes e palavras irritantes. Não é raro encontrar homens que no domingo falam piedosamente e que na segunda-feira amaldiçoam os operários que estão sob suas ordens. Não é incomum que um homem expresse num dia os mais piedosos sentimentos e que no dia seguinte relate as histórias mais obscenas. Não deixa de ser conhecida a atitude da mulher que na Igreja fala com a maior doçura e simpatia e que, assim que sai, fere a reputação de alguma pessoa mediante seu língua maliciosa e murmuradora.

Estas coisas — diz Tiago — não deveriam ser. Há algumas droga — por exemplo, a estricnina e o ópio — que podem ser tanto veneno como remédio, mas que, sabiamente controladas pelos médicos podem ser benéficas para o ser humano. A língua é capaz de abençoar ou amaldiçoar, é capaz de ferir ou de curar; a língua pode expressar os mais puros sentimentos e pode pronunciar as palavras mais sujas. Um dos mais difíceis e, ao mesmo tempo, mais claros deveres da vida é buscar fazer com que a língua não se contradiga a si mesmo, mas sim que ela sempre fale unicamente palavras que possam agradar a Deus.

AQUELE QUE NUNCA DEVERIA SER MESTRE**Tiago 3:13-14**

Aqui é como se Tiago voltasse ao início do capítulo. Sua argumentação se expõe assim: "Há alguém de vocês que deseja ser um verdadeiro sábio ou um verdadeiro mestre? Então que viva uma vida de autêntica benignidade mostrando assim a todos que a bondade está entronizada nele como o poder que controla seu coração. Porque se você padecer de uma fanática amargura e está dominado pela ambição pessoal, não importa quais sejam as pretensões que você tenha em sua arrogância, a única coisa que você faz é ser infiel à verdade que você pretende ensinar".

Nesta passagem aparecem duas palavras interessantes. O termo que Tiago usa para expressar a idéia de ciúmes é *zelos* e esta é em grego uma palavra muito significativa. De modo nenhum tem mau sentido. Frequentemente significa a nobre emulação que o homem experimenta frente à grandeza e à bondade. Mas há uma linha divisória muito sutil entre a nobre emulação e a indigna inveja ou o ciúme.

O vocábulo usado por Tiago para expressar *ciúmes amargos* é *eritheia*, a qual tampouco era uma palavra que necessariamente tinha mau significado. Originalmente queria dizer *fiar por um salário*, e se referia às mulheres da servidão. Logo veio a significar qualquer trabalho remunerado. Depois chegou a significar qualquer tipo de trabalho que se faz única e exclusivamente com o propósito de obter algum benefício dele. Posteriormente chegou ao terreno da política e significou a egoísta ambição de quem se preocupa unicamente por si mesmo e nada mais, a atitude daquele que está disposto a intrigar e tramar utilizando toda classe de meios para obter seus fins.

O erudito e o mestre estão sempre sob uma dupla tentação.

(1) Estão sob a tentação da *arrogância*. A arrogância era o pecado que assediava os rabinos. Os principais mestres judeus estavam muito conscientes disto. Em *As Afirmações dos Pais* lemos: "Aquele que é

arrogante em suas decisões, é néscio, ímpio, inflado de espírito". O prudente conselho de um dos sábios era: "É assunto de seus colegas decidir se adotarão ou não adotarão sua opinião; não corresponde a ti impor-lhe." Poucos se encontram em tão permanente perigo espiritual como o mestre e o pregador. Estão acostumados a serem ouvidos; estão habituados a que suas palavras sejam aceitas; estão mais acostumados a falar às pessoas que a escutá-la. Inconscientemente tendem a dizer aquilo que Shakespeare põe na boca de um de seus personagens:

Sou o Senhor Oráculo,
e quando abro meus lábios que não ladre nenhum cão!

É muito difícil ser pregador ou mestre e manter uma atitude humilde. Mas por difícil que seja, é absolutamente necessário praticá-lo.

(2) Estão sob a tentação de *irritar-se*. Bem sabemos quão facilmente a discussão acadêmica pode produzir paixão. O *odium tehologicum* é notório.

Sir Thomas Browne tem uma passagem a respeito do selvagem antagonismo dos eruditos: "Os eruditos são homens de paz, não portam armas, mas suas línguas são mais afiadas que a navalha de Actius; suas penas chegam mais longe e informam mais ruidosamente que o trovão; prefiro resistir o ataque de um basilisco antes que a fúria de uma pena desumana".

H. F. Stewart ao descrever a argumentação de Pascal com os jesuítas diz que estes lhe faziam lembrar a luta do Alan Brec com os tripulantes do *Covenant* quando ele os mantinha a raia espada em emano segundo o relato do Stevenson em *Seqüestrado*.

Uma das coisas mais difíceis é discutir sem apaixonar-se e enfrentar os argumentos sem ferir. Estar plenamente convencido de suas próprias crenças sem ser por isso agressivo para com os que sustentam outra posição, não é coisa fácil. Entretanto, é de primeira necessidade tanto para o mestre como para o erudito cristão.

Nesta passagem podemos achar quatro características do ensino falso.

(1) É *fanática*. Sustenta sua posição violenta e desequilibra, e não com razoável convicção.

(2) É *ressentida*. Considera seus oponentes como inimigos que têm que ser aniquilados e não como amigos que devem ser persuadidos.

(3) É *egoísta e ambiciosa*. Em última instância está mais interessada em exibir-se a si mesmo que em mostrar a verdade; tem maior interesse no triunfo de suas próprias opiniões que na vitória da verdade.

(4) É *arrogante*. Toda sua atitude é orgulhar-se de seu próprio conhecimento, antes, que humilhar-se por sua ignorância. O verdadeiro erudito está muito mais consciente do que não sabe que do que sabe.

A SABEDORIA EQUIVOCADA

Tiago 3:15-16

Esta assim chamada sabedoria, ressentida e arrogante, é muito distinta da verdadeira sabedoria. Tiago a descreve primeiro em si mesma e depois em seus efeitos.

Em si mesma ela constitui três coisas.

(1) É terrestre. Tanto suas pautas como suas origens são terrestres. Mede seu próprio êxito em termos mundanos e seus propósitos são também mundanos.

(2) É característica do homem natural. A palavra usada por Tiago é difícil de traduzir. É o termo *psyquikos*, que vem da palavra *psyque*. Os antigos dividiam o homem em três partes: corpo, alma e espírito. O corpo (*soma*) é nossa carne, sangue e constituição física, a alma *psyque* é a vida física que também possuem os animais, não é mais que a vida animal; o espírito (*pneuma*) é aquilo que somente o homem possui, aquilo que o diferencia dos animais e que faz dele uma criatura racional, semelhante a Deus. Isto é um tanto confuso para nós já que estamos

acostumados a usar a palavra alma com o mesmo sentido em que os antigos usavam a palavra espírito; enquanto que para eles o termo alma significava a vida física que não é característica exclusiva do homem mas sim esta a compartilha com toda a criação animal que possui vida.

De maneira que o que Tiago está dizendo é que esta é a errônea classe de sabedoria que faz com que uma fera lance uma dentada ou um rugido sem outro pensamento que o de apanhar uma presa ou sobreviver. A sabedoria equivocada é aquela que o homem compartilha com os animais e que pertence à sua natureza inferior.

(3) Finalmente, Tiago afirma que esta classe de sabedoria é diabólica. Sua origem está não em Deus, mas no diabo. Produz não o tipo de gente nem o tipo de situação em que Deus se deleita, mas sim aquela outra na qual o diabo sente prazer.

Depois Tiago descreve esta arrogante e ressentida sabedoria quanto a seus efeitos. O mais destacado é que termina em desordem. Quer dizer, que em vez de unir as pessoas ela a separa. Em lugar de produzir paz, produz contenda. Em lugar de produzir companheirismo, produz conflito nas relações pessoais.

Há certa classe de pessoas que são sem dúvida inteligentes, com um pensamento brilhante, com uma palavra eloqüente mas cuja influencia em qualquer comissão de igreja ou associação causa dificuldades, separa as pessoas, fomenta conflitos, causa problemas, interfere nas relações pessoais. É judicioso ter em conta que tal classe de sabedoria tem mais de diabólica que de divina, e que promove a obra de Satanás, em vez da obra de Deus. Todas as forças que trabalham pela divisão são forças contrárias à vontade de Deus e favoráveis à causa do diabo.

A VERDADEIRA SABEDORIA (1)

Tiago 3:17-18

Os sábios judeus sempre estiveram de acordo em que a verdadeira sabedoria vem do alto. Não é algo que o homem obtém, mas sim algo

que Deus outorga. O *Livro da Sabedoria* descreve esta sabedoria como um "eflúvio do poder de Deus, uma emanção puríssima da glória do Onipotente" (Sabedoria 7:25, BJ). No mesmo livro se roga: "Dá-me a Sabedoria contigo entronizada" (9:4, BJ); e novamente: "Dos céus sagrados, envia-a, manda-a de teu trono de glória" (9:10, BJ). Ben Sirac começa seu livro com esta afirmação: "Toda sabedoria vem do Senhor, ela está junto ele desde sempre" (Eclesiástico 1:1, BJ) e faz a sabedoria dizer: "Saí boca do Altíssimo" (24:3, BJ). Apenas os sábios judeus estão acordes em que a sabedoria chega aos homens do alto, desde Deus.

Tiago usa oito palavras para descrever esta sabedoria, e cada uma delas implica uma figura de profundo significado.

(1) A verdadeira sabedoria é pura. O vocábulo em grego é *jagnos*. Em sua raiz a palavra *jagnos* significa *suficientemente puro para aproximar-se dos deuses*. No princípio só tinha um significado cerimonial, não queria dizer senão que as pessoas tinham passado através das corretas purificações rituais. Assim, por exemplo, Eurípides pode fazer dizer a um de seus personagens: "Minhas mãos são puras mas meu coração não o é". Nesta etapa *jagnos* descreve a pureza ritual, mas não necessariamente a pureza moral. Mas com o passar do tempo chegou a descrever a pureza moral com a que unicamente é possível aproximar-se dos deuses.

À entrada do templo de Esculápio, no Epidauro, havia esta inscrição: "Quem deseja entrar no templo divino terá que ser puro (*jagnos*); e ser puro é ter uma mente que pensa pensamentos santos". A verdadeira sabedoria é aquela que está tão isenta de todo motivo ulterior, tão limpa de egoísmo que chegou a ser o suficientemente pura para ver a Deus. Pelo contrário, a sabedoria mundana queria fugir da vista de Deus. A sabedoria verdadeira é capaz de submeter-se ao escrutínio de Deus mesmo.

(2) A verdadeira sabedoria é *eirenikos*, que em nossa versão foi traduzida como *pacífica*. *Eirene* significa paz, e quando esta palavra é usada com referência a pessoas sua significado básico é *correta relação*

entre homem e homem, e entre homem e Deus. A verdadeira sabedoria é a que produz corretas relações. Há uma classe de sabedoria manhosa e arrogante que separa os homens entre si e que faz com que alguém olhe ao próximo com um sentido de depreciativa superioridade. Há uma espécie de sabedoria cruel que se deleita em ferir outros com palavras engenhosas e agudas. Há uma classe de sabedoria corrompida e malvada que seduz os homens, afastando-os da pureza e de sua lealdade a Deus. Mas a verdadeira sabedoria é aquela que em todo tempo aproxima os homens entre si e a estes com Deus.

(3) A verdadeira sabedoria é *epieikes*. De todas as palavras gregas do Novo Testamento esta é a menos traduzível. Aristóteles a descreve como "aquilo que está para além da lei escrita". Define-a também como "justiça e melhor que justiça". Define-a, além disso, como "aquilo que intervém para corrigir as coisas quando a própria lei se torna injusta". O homem que é *epieikes* é aquele que sabe quando de fato é injusto aplicar a letra estrita da lei. É o homem que sabe perdoar, mesmo quando a estrita justiça lhe concede o perfeito direito de condenar. É o homem que sabe quando fazer concessões, que sabe quando não fazer uso de seus direitos, que sabe como moderar a justiça com a misericórdia; é aquele que sempre lembra que na vida há coisas superiores às regras e aos regulamentos. É impossível achar uma palavra em nosso idioma para traduzir todas estas características.

Matthew Arnold a chamou "doce razoabilidade". É a capacidade de estender a outros a bondosa consideração com a qual teríamos gostado de ser recebidos.

A VERDADEIRA SABEDORIA (2)

Tiago 3:17-18 (continuação)

(4) A verdadeira sabedoria é *eupeithes*. Aqui temos que escolher entre dois significados.

(a) *Eupeithes* pode significar *sempre preparado para obedecer*. A primeira das regras de William Law para a vida era "Fixar profundamente em minha mente que não tenho em minhas mãos mais de um só assunto: buscar a felicidade eterna fazendo a vontade de Deus". Se tomarmos a palavra neste sentido, significa que o verdadeiro homem sábio está sempre preparado e desejoso de obedecer a Deus cada vez que a voz deste chega até ele.

(b) *Eupeithes* pode significar *fácil de persuadir*, mas não no sentido de ser indeciso e fraco, mas no sentido de não ser teimoso, de estar disposto a ouvir, raciocinar e apelar.

Vindo neste caso depois de *epieikes* provavelmente tenha aqui o segundo significado. A verdadeira sabedoria não é rígida nem solene nem insensível a toda apelação. Está disposta a escutar, deseja aprender e adestrar-se e sabe quando terá que ceder.

(5) Tomemos juntos os dois termos que seguem. A verdadeira sabedoria está *cheia de misericórdia (eleos) e de bons frutos*. *Eleos*, misericórdia, é uma palavra que no pensamento cristão adquiriu um significado bastante novo. Os gregos definiam *eleos* como *piedade para com quem está sofrendo injustamente*. Mas *eleos* com o cristianismo quer dizer muito mais que isso.

(a) No pensamento cristão *eleos* significa misericórdia para com quem está em dificuldade, até no caso de que essa dificuldade seja por sua própria culpa. A misericórdia cristã é um reflexo da misericórdia de Deus; e a misericórdia de Deus não chegou aos homens quando estes estavam sofrendo injustamente, mas sim quando estavam padecendo por causa de seus próprios pecados e devido a suas próprias faltas. Estamos inclinados a dizer com referência a pessoas afligidas por algum problema sério: "Isso lhe está ocorrendo por sua própria culpa; ele mesmo o trouxe". Em conseqüência, não cremos ter responsabilidade alguma com relação a essa pessoa. Mas a misericórdia cristã é para todo aquele que se

encontra em dificuldades, ainda que essa dificuldade tenha sido atraída por quem a sofre sobre si mesmo.

(b) No pensamento cristão *eleos* significa misericórdia que resulta em bons frutos. Quer dizer, misericórdia que se manifesta em ajuda prática. A misericórdia cristã não é uma mera emoção, é ação. A misericórdia cristã não é um simples sentimento de tristeza com relação a alguém, mas sim é converter a tristeza, a simpatia e a piedade em obras. Nunca poderemos dizer que nos compadecemos verdadeiramente de alguém até que não lhe tenhamos socorrido.

(6) A verdadeira sabedoria é *adiakritos, indivisível*. Isto significa que a verdadeira sabedoria não é sinuosa nem dúbia nem vacilante; significa que conhece sua própria mente, escolhe seu rumo e persevera nele. Significa que tem certas convicções que não mudarão. Há aqueles que pensam que é inteligente nunca formar uma opinião a respeito de nada. São os que falam de ter uma mente aberta, de manter o juízo em suspense. Mas a sabedoria cristã está baseada em certezas cristãs que nos chegam de Deus através de Jesus Cristo.

(7) A verdadeira sabedoria é *anypokritos, sem hipocrisia*. Quer dizer, a sabedoria cristã não é uma pose, nunca representa uma comédia. Não utiliza o engano para obter seus próprios fins. Não é uma sabedoria hábil em disfarçar e ocultar seus verdadeiros propósitos e motivos. A sabedoria cristã é honesta; nunca pretende ser o que não é; nunca faz uma comédia para obter seus fins.

(8) Finalmente, Tiago diz algo que toda Igreja, todo agrupamento e toda irmandade cristã deveria lembrar e ter escrito em seu coração: "O fruto de justiça se semeia em paz para aqueles que fazem a paz". Esta é uma expressão extremamente concisa. Começamos lembrando que paz (*eirene*) significa *relação correta entre homem e homem*, significa um estado no qual os homens se acham numa ininterrupta amizade e camaradagem entre si.

De maneira que o que Tiago está expressando é isto: "Nós todos estamos tratando de colher o fruto, a recompensa e os resultados que

produz uma vida boa. Mas as sementes que produzem abundante colheita nunca podem germinar em outra atmosfera que a das corretas relações entre homem e homem. As adaptadas relações são o único solo em que estas podem crescer. E as únicas pessoas que podem semear tais sementes e que colherão a recompensa são aquelas cuja tarefa na vida foi produzir tal classe de relações".

Dito em outras palavras: nada bom pode jamais crescer numa atmosfera em que os homens estão em oposição uns aos outros. Um grupo, uma Igreja, qualquer associação de pessoas onde há amargura e contenda é um solo árido e estéril, no qual as sementes da justiça nunca podem crescer, e do qual não pode vir recompensa alguma. O indivíduo que perturba as relações pessoais, que é responsável por contendas e rancores se excluiu a si mesmo da recompensa que Deus outorga aos que vivem conforme a sua vontade. Sem corretas relações entre homem e homem a justiça não pode existir, e todo esforço humano em prol da justiça resulta inútil e estéril.

Tiago 4

O prazer do homem ou a vontade de Deus? - 4:1-3

Conseqüências da vida dominada pelo prazer - 4:1-3 (cont.)

Infidelidade a Deus - 4:4-7

Amizade com o mundo e inimizade com Deus - 4:4-7 (cont.)

Deus, o amante zeloso - 4:4-7 (cont.)

A glória da humildade e a tragédia do orgulho - 4:4-7 (cont.)

Pureza piedosa - 4:8-10

Tristeza piedosa - 4:8-10 (cont.)

Humildade piedosa - 4:8-10 (cont.)

O pecado de julgar os outros - 4:11-12

Confiança infundada - 4:13-17

O PRAZER DO HOMEM OU A VONTADE DE DEUS?**Tiago 4:1-3**

Tiago está confrontando aqui a seus leitores com esta pergunta básica: *Vocês têm o seu propósito na vida submeter-se à vontade de Deus ou, pelo contrário, vocês querem gratificar seus próprios desejos com os prazeres deste mundo?* Então adverte que se o prazer for o propósito que domina a vida, nada pode surgir disso, mas sim contendas, ódios e divisões. O resultado da dominante busca de prazer é *polemoi e macai*. *Polemos* é guerra e *maqué* é batalha; ou seja que se o que domina é o desejo de prazer e a busca febril do mesmo, isto terminará em ressentimentos de longa duração que são como guerras, e em repentinas explosões e choques de inimizade que são como batalhas. Os antigos moralistas teriam estado completamente de acordo com Tiago.

Ao observar a sociedade humana freqüentemente vemos em espreita um complexo de atitudes competitivas e de rivalidades carregadas de ódio. Filo escreve: "Considerem a contínua guerra que prevalece entre os homens até em tempos de paz, a qual existe não só entre nações, países e cidades, mas também entre as casas particulares, nas famílias ou, mais ainda, está presente em cada indivíduo. Observem a inexprimível tempestade que ruge nas almas dos homens excitada pelo violento ímpeto dos assuntos da vida; e lhes perguntarão se é que há alguém que possa desfrutar de tranqüilidade no meio do fluxo desse mar enfurecido".

A causa e raiz deste incessante conflito não é outra coisa senão o desejo. Filo assinala que os Dez Mandamentos culminam com a proibição da cobiça que é desejo, porque o desejo é a pior de todas as paixões da alma. Não é devido a esta paixão que se rompem as relações e a natural boa vontade se transforma em desesperada inimizade? Não é por isso que vastas e populosas nações são desoladas por desavenças internas? Não é por isso que a terra e o mar estão sempre cheios de novos desastres por causa de operações militares e de batalhas navais?

Porque as guerras famosas por serem trágicas... surgiram que uma fonte: o desejo, já seja de dinheiro, de glória ou de prazer. Por estas coisas a raça humana se torna louca.

Luciano, por outro lado, expressa: "Todos os males que sobrevêm ao homem — revoluções e guerras, intrigas e matanças — provêm do desejo. Todas essas coisas têm como sua fonte principal o desejo de cada vez mais".

Platão afirma: "A única causa das guerras, das revoluções e das batalhas não é outra coisa senão o corpo e seus desejos". E Cícero assinala: "São os desejos insaciáveis os que transtornam não só os indivíduos, mas também a famílias inteiras e até fazem cair o Estado. Dos desejos surgem o ódio, os cismas, as discórdias, as rebeliões e as guerras".

O desejo é, pois, a raiz de todos os males que arruínam a vida e dividem aos homens.

No Novo Testamento claramente se manifesta que o tirânico desejo dos prazeres deste mundo está sempre ameaçando perigosamente a vida espiritual. São os cuidados, as riquezas e os prazeres desta vida os que se combinam para afogar a boa semente (Lucas 8:14). A pessoa pode tornar-se escrava de suas concupiscências e prazeres e, ao fazê-lo, a malícia, a inveja e o ódio entram na vida (Tito 3:3).

A opção final na vida está entre agradar-se a si mesmo ou agradar a Deus; e um mundo no qual o primeiro propósito dos indivíduos é agradar-se a si mesmos é um campo de batalha, de selvageria e de divisão.

CONSEQÜÊNCIAS DA VIDA DOMINADA PELO PRAZER

Tiago 4:1-3 (continuação)

Esta vida dominada pelo prazer tem certas conseqüências inevitáveis.

(1) Faz com que os homens se lancem uns contra outros. Os desejos, tal como Tiago os vê, são poderes típica e intrinsecamente belicosos. Não quer dizer que combatam dentro do homem — ainda que isto também é verdade — mas sim lançam os homens em luta uns contra outros. Os desejos básicos são pelas mesmas coisas, dinheiro, poder, prestígio, bens terrestres, gratificação dos apetites físicos. Ao lutar todos por obter as mesmas coisas, a vida se converte num campo de combate. Os homens pisoteiam uns aos outros em seu desenfreio por obter as mesmas coisas. Estão dispostos a tudo a fim de eliminar um rival que compete pela coisa ou pela pessoa que eles ardem em desejos de possuir. A obediência à vontade de Deus aproxima os homens entre si, porque a vontade divina é que os homens se amem e se sirvam uns aos outros. Mas ao obedecer às cobiças dos prazeres os indivíduos se apartam uns de outros já que o prazer os conduz a sangrentas rivalidades, a competências e a lutas pelas mesmas coisas. Obedecer à vontade de Deus é ser essencialmente generoso; pelo contrário, servir à vontade dos prazeres é ser essencialmente egoísta.

(2) A cobiça de prazeres conduz os homens a obras vergonhosas. Ela os conduz à inveja, ao ciúme, e à inimizade e até pode levá-los ao assassinato. Antes que uma pessoa possa chegar a consumir uma ação tem que haver certa força impulsora emocional em seu coração. O homem pode abster-se de muitas coisas que o desejo de prazer o leva a realizar, mas o fato é que enquanto esse desejo permanecer em seu coração nunca estará seguro. Em qualquer momento pode resultar numa desastrosa ação. Os passos neste processo são muito simples e muito terríveis. O homem deseja algo. Esse algo começa a dominar seus pensamentos; e assim se encontra pensando involuntariamente nisso enquanto está acordado e sonhando com isso enquanto dorme. Nasce assim o que foi acertadamente chamado uma *paixão dominante*. Começa então a traçar planos e projetos para obter o que deseja; planos e projetos que bem podem incluir imaginárias formas de eliminar àqueles que se interpõem no caminho. Por longo tempo tudo isto pode continuar na

mente e no coração do homem. Mas um dia as imaginações acumuladas podem estalar em ação e então se encontrará dando os necessários e horríveis passos para obter o que deseja. Todos os crimes deste mundo se originaram no desejo, que o princípio era só um sentimento no coração mas que, alimentado durante suficiente tempo, chegou por fim a converter-se em ação.

(3) A sede de prazeres finalmente fecha a porta à oração. Se as orações de uma pessoa são simplesmente para pedir coisas que satisfaçam seus desejos, então essas orações são essencialmente egoístas e, portanto, não é possível que Deus as responda favoravelmente porque essa resposta não seria outra coisa que prover o homem de meios para pecar. O verdadeiro propósito da oração quer dizer a Deus: "Seja feita tua vontade"; mas a oração do homem que está dominado pelo desejo de prazeres é: "Sejam satisfeitos os meus desejos". Então, se quando uma pessoa ora, sua petição é só pelas coisas que podem ajudá-la a satisfazer seus próprios desejos, nesse caso dirigiu a Deus uma oração que Ele não pode responder. Um dos atos mais desalentadores é que o homem egoísta dificilmente pode orar dirigindo-se a Deus em forma correta. Nunca poderemos orar como é devido até que não arranquemos nosso ego do centro de nossa vida e ponhamos a Deus ali.

Qual será o principal objeto de nossa existência? Nossos próprios desejos, ou a vontade de Deus? Se escolhermos os primeiros, ficaremos separados de nosso próximo e de Deus.

INFIDELIDADE A DEUS

Tiago 4:4-7

Não se faz referência aqui ao adultério físico, mas sim ao espiritual. Todo o conceito está baseado na idéia do Antigo Testamento que apresenta ao Senhor como o marido de Israel e a Israel como a esposa do Senhor. Esta figura é comum em todo o Antigo Testamento.

“Porque o teu Criador é o teu marido; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome” (Isaías 54:5).

“Deveras, como a mulher se aparta perfidamente do seu marido, assim com perfídia te houveste comigo, ó casa de Israel, diz o SENHOR” (Jeremias 3:20).

Esta idéia do Senhor como marido e da nação israelita como esposa, explica a maneira em que o Antigo Testamento constantemente expressa a infidelidade espiritual em termos de adultério físico. Fazer uma aliança com os deuses de uma terra estranha e oferecer-lhes sacrifícios e mesclar-se com esses povos mediante casamentos é algo aborrecível para Deus (Êxodo 34:15-16). Deus adverte a Moisés que chegará o dia quando o povo “se prostituirá, indo após deuses estranhos na terra para cujo meio vai”, e que eles abandonariam ao verdadeiro Deus (Deuteronômio 31:16). A ameaçadora advertência do salmista é que Deus destruirá a todos aqueles que se apartam dele (Salmo 73:27). Oséias queixa-se de que o povo fornicou apartando-se de Deus (Oséias 9:1). Neste mesmo sentido espiritual o Novo Testamento fala de “geração má e adúltera” (Mateus 12:39; 16:4; Marcos 8:38). Esta figura foi introduzida no pensamento cristão com o conceito da Igreja como esposa de Cristo (2 Coríntios 11:2; Efésios 5:24-28; Apocalipse 19:7; 21:9).

Esta forma de expressão pode ofender a sensibilidade contemporânea, mas a figura de Israel como esposa de Deus, e de Deus como marido de Israel têm em si mesmo algo de precioso. Significa que desobedecer a Deus é como quebrantar os votos do matrimônio. Significa que todo pecado é pecado contra o amor. Significa que nossa relação com Deus não é como o distante vínculo de um rei com seu súdito, ou de um amo com seu escravo, mas sim semelhante à última vinculação do marido com sua esposa. Significa que pecar é ser infiel ao amor e que, ao pecar, quebrantamos o coração de Deus assim como o coração de um dos cônjuges é quebrantado quando um deles, cruel e deliberadamente, abandona-o.

AMIZADE COM O MUNDO E INIMIZADE COM DEUS**Tiago 4:4-7 (continuação)**

Nesta passagem Tiago afirma que amar ao mundo é inimizar-se com Deus e que aquele que é amigo do mundo por isso mesmo se constitui em inimigo de Deus. É importante o que Tiago quer dizer.

(1) Esta não é uma expressão de ódio ou desprezo para com o mundo. Não se afirma isto partindo do ponto de vista que considera a Terra como um lóbrego deserto e que denigre tudo o que encerra o mundo natural.

Conta-se que um puritano tinha saído a dar um passeio pelo campo com um amigo. O amigo notou uma flor muito bela a um lado do caminho e exclamou: "Que flor tão bela!" E a resposta do puritano foi: "Aprendi a não chamar belo a nada deste mundo perdido e pecador".

Mas este não é o ponto de vista de Tiago, ele teria reconhecido este mundo como criação de Deus e, como Jesus, teria se alegrado na beleza e no encanto da criação. Assim, pois, não se deve ler esta passagem como se fosse uma desdenhosa condenação de todas as coisas criadas.

(2) Já vimos que o Novo Testamento usa com frequência a palavra *kosmos*, que ordinariamente significa *mundo* no sentido de *mundo separado de Deus*, o mundo ímpio, o mundo que não leva em conta a Deus, o mundo que se opõe às normas de Deus, o mundo que insiste em seus próprios caminhos e rechaça o caminho de Deus.

Há duas passagens no Novo Testamento que podem ilustrar o que Tiago quer dizer aqui. Paulo escreve: "Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus... os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Romanos 8:7-8). Com isto se quer dizer que aqueles que insistem em determinar tudo segundo normas humanas, aqueles cujos interesses são puramente humanos, estão necessariamente em conflito com Deus. A segunda passagem é um dos mais trágicos epitáfios de toda a literatura cristã: "...Demas me abandonou, tendo amado o mundo presente" (2 Timóteo 4:10, TB). Aqui a idéia é a da *mundanidade*. Se um homem

for mundano não pode ser piedoso. Se sua vida está dedicada às coisas materiais, não pode dedicá-la a Deus. Quem tem dedicado sua vida ao mundo neste sentido, é um inimigo de Deus.

(3) O melhor comentário disto o encontramos nas palavras de Jesus: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mateus 6:24). Há duas atitudes para com as coisas deste mundo e para com as coisas deste tempo. Podemos estar tão consagrados a elas, tão inundados nelas, tão dominados por elas que o mundo se converte em nosso amo. Pelo contrário, podemos usar as coisas do mundo de maneira tal que sirvamos a nossos próximo e nos mesmos nós preparemos para a eternidade, em cujo caso o mundo já não será nosso amo, mas sim nosso amigo. O homem pode ou servir ao mundo, ou deixar que o mundo se sirva dele. Pode fazer com que o mundo seja seu servo ou pode resignar-se a que o mundo seja seu tirano. Usar o mundo para servir a Deus e para servir ao próximo é, em realidade, ser amigo de Deus, porque isso é o que Deus quer que o mundo seja. Deixar que o mundo nos domine e seja o ditador de nossa vida é estar em inimizade com Deus, porque isso é, precisamente, o que Deus nunca quis que o mundo fosse.

DEUS, O AMANTE ZELOSO

Tiago 4:4-7 (continuação)

O versículo 5 é extraordinariamente difícil. Para começar, é apresentado como uma citação da Escritura mas não há parte alguma da Bíblia em que possa reconhecer-se algum indício desta citação. Podemos supor que Tiago sejam de algum livro que se perdeu e que ele considerava como parte da Escritura, ou que está sintetizando aqui numa oração o que freqüentemente é no Antigo Testamento o sentido eterno de toda a Escritura, e que não pretende citar especificamente nenhuma passagem em particular.

Há duas possíveis traduções que finalmente têm, mais ou menos, o mesmo sentido. "Ele (quer dizer, Deus) com ciúme deseja a devoção do

espírito que fez habitar em nós", ou "O Espírito que Deus fez habitar dentro de nós com ciúme deseja a plena devoção de nossos corações". (A Versão RA traduz assim: "Com zelos anela por nós o Espírito que ele fez habitar em nós").

Em todos os casos o sentido é que Deus é um amante zeloso que não tolera rival e que não compartilhará o coração humano com nenhum outro amante. O Antigo Testamento não vacilava em aplicar a Deus o qualificativo de *ciumento*. Moisés diz ao povo referindo-se a Deus: "Com deuses estranhos o provocaram a zelos, com abominações o irritaram" (Deuteronômio 32:16). E ouve o Senhor dizer: "A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus" (Deuteronômio 32:21). Ao insistir em seu exclusivo direito a ser adorado, Deus ordena nos Dez Mandamentos com referência às imagens: "...Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso..." (Êxodo 20:5). "O nome do SENHOR é Zeloso; sim, Deus zeloso é ele" (Êxodo 34:14). Zacarias ouve Deus dizer: "Tenho grandes zelos de Sião e com grande indignação tenho zelos dela" (Zacarias 8:2). *Zeloso* vem da palavra grega *zelos* que implica a noção de ardente calor. A idéia é que Deus ama os seres humanos com tal paixão que não pode tolerar nenhum amor rival no coração deles.

Pode ser que o qualificativo de *zeloso* seja hoje difícil de relacionar com Deus, porque o termo certamente adquiriu um significado pejorativo; mas atrás dele está a grande, preciosa e admirável verdade de que Deus ama as almas dos homens. Há um sentido no qual o amor tem que ser prodigalizado a todos os seres humanos e a todos os filhos de Deus; mas há outro sentido no qual o amor outorga e exige uma devoção exclusiva a uma pessoa.

É inquestionavelmente certo que a pessoa não pode estar apaixonada por mais que de uma pessoa ao mesmo tempo. Se pensar de outra maneira não sabe o que significa o amor. O que Tiago quer dizer é que Deus é um amante ciumento, que não tolerará rival no coração

humano, e que tem que receber de nós um amor que transcenda todo afeto terrestre.

A GLÓRIA DA HUMILDADE E A TRAGÉDIA DO ORGULHO

Tiago 4: 4-7 (continuação)

Tiago prossegue agora para defrontar-se com uma quase inevitável reação a esta figura que representa a Deus como um amante ciumento. Se Deus for assim, haverá alguém capaz de prestar-lhe a devoção que Ele requer? A resposta de Tiago é que se Deus faz grandes demandas, também concede abundante graça para cumpri-las e que, quanto maior é a demanda, maior também é a graça que concede. Somente a graça divina pode nos capacitar a corresponder o amor de Deus. Mas a graça tem uma característica constante, o homem não pode receber graça até que se der conta de sua necessidade da mesma e acudiu a Deus humildemente rogando ajuda. Portanto, sempre se deve lembrar que Deus opõe-se ao orgulhoso mas prodigaliza graça ao humilde. “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”. Esta é uma citação de Provérbios 3:34, que se encontra novamente em 1 Pedro 5:5.

O que é, então, este *orgulho* destrutivo? A palavra grega equivalente a *orgulho* é *hyperefanos* a qual literalmente significa *alguém que se mostra a si mesmo como superior a outros*. Teofilacto, o escritor cristão, chamava-o "cidadela e cúpula de todos os males". O verdadeiramente aterrador deste orgulho é que se trata de uma coisa do coração. Certamente significa *altivez*, mas o homem que sofre disso bem pode aparentar que anda com a maior humildade enquanto que em todo momento há em seu coração um total desprezo por seu próximo. Este orgulho se exclui a si mesmo da relação com Deus por três razões:

(1) *Não conhece sua própria necessidade*. Admira tanto a si mesmo que não reconhece necessidade alguma de ser ajudado. Comporta-se com altiva suficiência.

(2) *Mima sua própria independência.* Não se sujeita a ninguém, nem sequer a Deus. Não admite depender de nada nem de ninguém, seja divino ou humano.

(3) *Não reconhece seu próprio pecado.* Está abstraído pensando em sua própria bondade, jamais se dá conta de que tem pecado do qual precisa ser calvo. Um orgulhoso assim nunca pode receber ajuda visto que nem sequer sabe que a necessita e, portanto, não pode pedi-la. Não ama a Deus, mas sim se ama a si mesmo. Até os gregos aborreciam este orgulho. Teofrasto o descrevia como "certo desprezo pelos demais".

Por outro lado, a humildade pela qual Tiago está advogando não é uma atitude servil. Distingue-se por duas características principais.

(1) Sabe que se adotar-se uma atitude firme frente ao diabo, afinal este mostrará que é um covarde. "O diabo — assegura Hermas — pode lutar contra o cristão, mas não pode vencê-lo." Esta é uma verdade estimada pelos seguidores de Cristo, pois Pedro afirma o mesmo (1 Pedro 5:8-9). O grande exemplo e a grande inspiração é a atitude de Jesus ao enfrentar suas próprias tentações. Ali Jesus mostrou que o diabo é vulnerável e que, ao ser enfrentado com a Palavra de Deus, como ele o fez, finalmente o diabo é posto em fuga. O cristão é humilde mas esta humildade o leva a reconhecer que suas batalhas contra o tentador não podem ser sacadas com seu próprio poder, mas com o de Deus.

(2) Sabe que tem o maior de todos os privilégios: o de aproximar-se de Deus. O cristão sabe que ele pode aproximar-se de Deus pois Deus sempre está aproximando-se dele. Isto é algo absolutamente *excepcional*, pois o direito de acesso a Deus sob a antiga ordem de coisas correspondia exclusivamente aos sacerdotes. Estes eram as únicas coisas que podiam aproximar-se a Deus (Êxodo 19:22). A tarefa do sacerdote era aproximar-se a Deus em representação do povo poluído pelo pecado (Ezequiel 44:13). Mas mediante a obra de Jesus Cristo toda pessoa pode chegar-se confiantemente ao trono de Deus com a certeza de encontrar misericórdia, graça e socorro em tempo de necessidade (Hebreus 4:16). Houve um tempo quando somente o sumo sacerdote

podia ingressar no Lugar Santíssimo, mas nós temos um caminho novo e vital, uma esperança melhor mediante a qual nos aproximamos de Deus (Hebreus 7:19).

Certamente o cristão tem humildade, mas é uma humildade que lhe infunde uma coragem intrépida; é uma humildade que reconhece que o caminho a Deus está aberto ao mais temeroso e trememente dos santos.

PUREZA PIEDOSA

Tiago 4:8-10

No pensamento de Tiago as demandas éticas do cristianismo nunca estão longe. Acaba de falar da graça que Deus concede aos humildes, a graça que Deus provê para que o homem possa enfrentar seus grandes demanda. Mas o apóstolo está seguro de que há algo que necessita, além do passivo pedir e receber. Está seguro de que o esforço moral é uma necessidade primitiva.

Faz, portanto, um pedido aos *pecadores*. A palavra grega é *hamartolos*, que significa pecador contumaz, homem mau, indivíduo cujo pecado é aberto, evidente, notório. Suidas define *hamartolos* como "aqueles que preferem viver em companhia da desobediência à Lei, aqueles que amam uma vida corrupta." A tais pessoas Tiago exige uma reforma moral, uma reforma que abranja tanto sua conduta exterior como seus desejos íntimos. Exige tanto mãos limpas como coração puro (Salmo 24:4).

A frase *limpai as mãos* é interessante. Originalmente não denotava mais que a lavagem cerimonial, a purificação ritual, externa, com água que tornava o homem limpo cerimonialmente para que estivesse em condições de adorar a Deus. Os sacerdotes deviam lavar-se e banhar-se antes de começar o serviço (Êxodo 30:19-21; Levítico 16:4). O judeu ortodoxo devia lavar cerimonialmente as suas mãos antes de comer (Marcos 7:3). Mas os homens chegaram a compreender que Deus requer muito mais que uma lavagem externa, de maneira que a frase chegou a

ter um significado de pureza moral. “Lavo as mãos na inocência” (Salmo 26:6). Isaías exige: “Lavai-vos, purificai-vos”, o que equivale a cessar de fazer o mal (Isaías 1:16). Na primeira Carta a Timóteo se insiste com os homens a que levantem mãos santas em oração (1 Timóteo 2:8). A mesma história da frase mostra um aprofundamento crescente do que Deus demanda. Começou-se pensando em termos de lavar externo — algo corriqueiro e cerimonial — e se terminou compreendendo que a demanda de Deus é de caráter ético, e não de algo meramente ritual.

O pensamento bíblico demanda uma quádrupla limpeza. Demanda limpeza de *lábios* (Isaías 6:5-6). Demanda limpeza de *mãos* (Salmo 24:4). Demanda limpeza do *coração* (Salmo 73:13). Demanda limpeza de *mente* (Tiago 4:8). Quer dizer que as demandas éticas da Bíblia exigem que as palavras, as obras, as emoções e os pensamentos devem ser todos limpos, purificados. Interior e exteriormente o homem tem que ser limpo porque só os limpos de coração verão a Deus (Mateus 5:8).

TRISTEZA PIEDOSA

Tiago 4: 8-10 (continuação)

Ao requerer uma piedosa tristeza Tiago está retornando àquilo que Jesus havia dito: “Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados” (Mateus 5:4; Lucas 6:20-26). Não devemos introduzir forçadamente nesta passagem aquilo que Tiago não deseja dizer. Não está negando a alegria da vida cristã. Não está exigindo que os homens vivam uma existência sombria num mundo escurecido. Tiago está aqui assinalando duas coisas. Em primeiro lugar está advogando a sobriedade em lugar da frivolidade — e o faz com toda a energia de alguém cujos instintos naturais são puritanos. Em segundo lugar, está descrevendo não o fim, mas sim o princípio da vida cristã. E exige três coisas.

(1) Exige o que ele chama *aflição*. O verbo grego é *talaiporein* o qual pode descrever — Tucídides assim o emprega — as experiências de um exército cujos abastecimentos se esgotaram e que carece de refúgio

em tempo de tormenta. O que Tiago está demandando é uma abstinência voluntária do luxo desenfreado e do efeminado conforto. Está falando com pessoas apaixonadas pelo mundo; está insistindo em que não façam do luxo e da comodidade as normas mediante as quais é valorizada toda a existência. É a disciplina que forma o sábio; é o rigoroso treinamento o que modela o atleta; e é uma prudente abstinência a que produz o cristão que sabe como usar deste mundo e de seus frutos corretamente.

(2) Exige que os homens se *lamentem*, que sua risada seja mudada em pranto e sua alegria em tristeza. Tiago está descrevendo aqui o *primeiro* passo da vida cristã. A vida cristã começa quando a pessoa se depara com Deus e com seu próprio pecado. E esta é certamente uma experiência desalentadora e lastimosa.

Quando João Wesley pregou aos mineiros do Kingwood, estes foram comovidos até as lágrimas e essas lágrimas deixavam rastros ao descer por seus sujos rostos. Mas este não é, de modo algum, o termo da vida cristã. A entristecedora tristeza que vem de compreender o pecado leva ao sublime regozijo dos pecados perdoados. Para chegar o segundo o homem tem que atravessar pelo primeiro. O que Tiago está demandando de seus satisfeitos, preguiçosos, refinados, agradados e despreocupados leitores é que se defrontem com seus próprios pecados e que se envergonhem, aflijam-se e temam; porque somente então poderão alcançar a graça e experimentar uma alegria que vai muito mais além de todos os prazeres terrestres.

(3) Exige que *chorem*. Talvez não seja forçar muito esta passagem se dissermos que aqui Tiago bem pôde ter estado pensando em *lágrimas de simpatia*. Até esse então essa gente rica e amante do luxo tinha vivido em completo egoísmo. Tinham estado inconscientes e sido bastante insensíveis a isso que o poeta chamou "a chuva de lágrimas do mundo". Tiago insiste em que têm que inteirar-se das lágrimas alheias; que as tristezas, as aflições, as desgraças e as necessidades de outros deveriam perfurar a couraça de seu próprio prazer e comodidade, que deveriam desenvolver uma nova sensibilidade para com as necessidades do

próximo. O homem não é cristão até que não toma consciência da aguda necessidade e do clamor dessa humanidade pela qual Cristo morreu.

Assim, pois, com palavras deliberadamente escolhidas para despertar as almas adormecidas, Tiago exige que seus leitores mudem sua vida de luxo por uma vida de sobriedade e abstinência; que levem em conta suas próprios pecados e se lamentem por eles, que estejam conscientes das aflições e das necessidades do mundo e que chorem por causa disso.

HUMILDADE PIEDOSA

Tiago 4: 8-10 (continuação)

Tiago conclui com uma demanda de piedosa humildade. Através de toda a Bíblia se manifesta a convicção de que somente aquele que se humilha pode conhecer as bênçãos de Deus. Deus salvará a pessoa humilde (Jó 22:29). O orgulho derruba o homem mas a humildade o sustenta com honra (Provérbios 29:23). Deus habita nas alturas mas também está junto ao humilde e ao de espírito contrito (Isaías 57:15). Aqueles que temem ao Senhor humilharão suas almas perante Ele; quanto mais importante seja um homem tão mais deveria humilhar-se é que quer encontrar favor aos olhos de Deus (Eclesiástico 2:17; 3:17). O próprio Jesus repetidamente afirmou que aquele que se humilha a si mesmo é o único que será exaltado (Mateus 23:12; Lucas 14:11).

Somente quando o homem percebe sua própria ignorância, pode pedir a guia de Deus. Só quando compreende sua própria pobreza nas coisas realmente importantes, rogará pelas riquezas da graça de Deus. Só quando compreende sua própria fraqueza nas coisas necessárias irá buscar fortaleza em Deus. Somente quando compreende que não pode defrontar-se com a vida com suas forças, se ajoelhará perante o Senhor de toda vida boa. Somente quando compreende seu próprio pecado entenderá sua necessidade de um Salvador e de ser perdoado por Deus.

Na vida há um pecado básico que pode considerar-se como o fundamento de todos os outros pecados; e é o pecado de esquecer que nós somos criaturas e que Deus é o Criador. Quando o ser humano compreende sua condição essencial de criatura é também quando percebe sua substancial impotência e é então quando vai à única fonte na qual essa impotência pode ser remediada.

Tal dependência engendra a única independência verdadeira, porque então o homem enfrenta a vida não com suas próprias forças, mas com as forças de Deus, e a vida é levada à vitória. Mas enquanto o homem se considera a si mesmo como independente de Deus está em caminho de ser, mais tarde ou mais cedo, vencido e exterminado.

O PECADO DE JULGAR OS OUTROS

Tiago 4:11-12

A palavra que Tiago emprega para expressar a idéia de *murmurar a respeito de* outros é o verbo grego *katalalein*. Geralmente este verbo significa falar mal de alguém que está ausente, criticá-lo, insultá-lo, caluniá-lo sem que esteja presente para defender-se. Este pecado de caluniar, de insultar, de falar mal do próximo é condenado através de toda a Bíblia. O salmista acusa ao homem mau: “Sentas-te para falar contra teu irmão e difamas o filho de tua mãe” (Salmo 50:20). O salmista ouve a Deus dizendo: “Ao que às ocultas calunia o próximo, a esse destruirei” (Salmo 101:5). Nas Cartas paulinas *katalalia*, o substantivo, é, traduzido como maledicência, murmuração. Paulo o menciona entre os pecados característicos do irredento e ímpio mundo pagão (Rom. 1:30); e é um dos pecados que teme encontrar na belicosa Igreja de Corinto (2 Coríntios 12:20). É significativo destacar que nestas duas passagens *katalalia* está imediatamente relacionada com a idéia de *murmurar*. *Katalalia* é o pecado daqueles que se reúnem em pequenos grupos e fazem circular confidencialmente informações fragmentárias recebidas através de rumores que destroçam a reputação e o bom nome de pessoas

que não estão ali para defender-se. O mesmo pecado, traduzido neste caso como *detrações*, é condenado em 1 Pedro 2:1. Assim, pois, esta é uma falta condenada universalmente. Há uma grande necessidade a respeito de que somos advertidos, pois somos lentos para entender que poucos pecados haverá que a Bíblia tão conseqüentemente condena como o pecado da murmuração irresponsável e maliciosa. Poucas atividades há nas quais a pessoa média encontre maior delícia que na intriga mordaz, em contar e em escutar uma história escandalosa — especialmente a respeito de pessoas proeminentes. Faremos bem em lembrar o que Deus pensa a respeito disto. Tiago condena a murmuração por duas razões principais:

(1) É uma infração à lei real. Esta lei diz que devemos amar a nosso próximo como a nós mesmos (Tiago 2:8; Lev. 19:18). Evidentemente, a pessoa não pode amar a seu próximo e, ao mesmo tempo, falar escandalosamente a respeito dele. Agora, quando alguém quebranta a lei sabendo que a está quebrantando, coloca-se acima da lei. Quer dizer, constitui-se a si mesmo em juiz da lei. Senta-se para julgar a lei e faz com que sua própria vontade tenha maior vigência que a própria lei. Mas nosso dever não é julgar a lei, mas sim obedecê-la. De maneira que quem fala mal de seu próximo se colocou como juiz da lei, e se adotou o direito de quebrantar a lei, e portanto está condenado.

(2) É uma violação da prerrogativa de Deus. Falar mal de nosso próximo, criticá-lo, caluniá-lo ou insultá-lo é, em realidade, ditar condenação contra ele. E nenhum ser humano tem direito de julgar a outro ser humano; o direito de julgar corresponde a Deus, e unicamente a Deus.

Só Deus pode salvar e destruir. Esta grande prerrogativa de Deus se manifesta através de toda a Escritura: “Eu mato e eu faço viver” (Deuteronômio 32:39). “O SENHOR é o que tira a vida e a dá”, confessa Ana em sua oração (1 Samuel 2:6). “Acaso, sou Deus com poder de tirar a vida ou dá-la?”, pergunta surpreso um rei israelita a quem Naamã foi em busca de cura para sua lepra (2 Reis 5:7). Jesus nos adverte que não

deveríamos temer os homens pois estes somente podem matar o corpo, mas sim deveríamos temer Aquele que pode destruir tanto o corpo como a alma (Mateus 10:28). Como diz o salmista, somente a Ele pertencem os assuntos da vida e da morte (Salmo 68:20). Julgar a outro é apropriar-nos de um direito que unicamente pertence a Deus; e todo homem que deliberadamente infrinja as prerrogativas de Deus é um insensato atrevido.

É provável que digamos que falar mal de nosso próximo não é um pecado muito sério. Mas a Escritura diria que é um dos piores pecados, porque ao cometê-lo quebrantamos a lei real e nos adotamos direitos que unicamente pertencem a Deus.

CONFIANÇA INFUNDADA

Tiago 4:13-17

Novamente temos aqui uma descrição que um leitor contemporâneo de Tiago teria reconhecido facilmente e em que bem poderia identificar seu próprio retrato. Os judeus eram os grandes comerciantes do mundo antigo; e de muitas maneiras aquele mundo lhes dava oportunidades de praticar sua habilidade mercantil. Era aquela uma época de fundação de muitas cidades; e freqüentemente quando os fundadores buscavam habitantes para as mesmas, ofereciam livremente a cidadania aos judeus, pois aonde estes chegavam também chegava o comércio e o dinheiro. Assim, pois, este é o quadro de um homem que está observando um mapa. Assinala nele um ponto determinado e diz: "Aqui há uma cidade nova com grandes oportunidades comerciais. Irei lá e conseguirei uma sólida posição, trabalharei um par de anos, ganharei uma fortuna e voltarei rico." A resposta de Tiago é que não há homem que tenha possibilidades de fazer confiantemente planos para o futuro porque não há pessoa que saiba sequer o que um só dia pode proporcionar-lhe. O homem pode propor, mas Deus é quem dispõe, porque o futuro está em suas mãos.

Pensadores de todas as culturas foram profundamente impressionados pelo essencialmente incerto do futuro. O sábio hebreu escreveu: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Provérbios 27:1). Jesus relatou a história do homem rico e insensato que fez fortuna e traçou planos para o futuro esquecendo que naquela mesma noite podia lhe ser requerida sua alma (Lucas 12:16-21).

Ben Sirac escreveu: “Há quem se enriquece por avareza; esta será a sua recompensa: Quando ele disser: ‘Encontrei descanso, agora comerei dos meus bens’, não sabendo quando virá aquele dia, deixará tudo a outros e morrerá” (Eclesiástico 11:18-19).

Sêneca fez este comentário: "Quão insensato é o homem que faz planos para sua vida quando nem mesmo o dia seguinte está sob seu controle." E acrescenta: "Não há quem tenha amigos tão ricos que possa prometer-se a si mesmo um amanhã."

Os rabinos tinham este provérbio: "Não se preocupem com o amanhã porque vocês nem mesmo sabem o que o dia de hoje pode lhes trazer. Talvez vocês nem sequer se encontrem com o amanhã."

Conta-se que Sir James Barrie — o famoso novelista e dramaturgo escocês — à medida que ia envelhecendo não queria fazer nenhum compromisso, nem mesmo de tipo social, para uma data longínqua. "Agora já resta pouco tempo", respondia sempre.

Prossigamos com Tiago. Esta incerteza da vida não tem que ser motivo nem para temer nem para cair na indolência devido à insegurança do futuro. Deve ser, sim, motivo para que compreendamos e aceitemos nossa completa dependência de Deus. Paulo escreve aos coríntios: “Em breve, irei visitar-vos, se o Senhor quiser” (1 Coríntios 4:19). E também: “...espero permanecer convosco algum tempo, se o Senhor o permitir” (1 Coríntios 16:7).

Xenofonte expressa: "Seja tudo isto assim, se os deuses assim o desejarem. E se alguém se admira de que encontremos com tanta freqüência a frase 'se os deuses assim o desejarem', eu teria prazer em lhe

fazer saber que uma vez que ele tenha experimentado os riscos da vida, já não se admirará tanto."

Platão relata uma conversação entre Sócrates e Alcibíades. Este último diz: "Eu o farei se você quiser, Sócrates." Sócrates responde: "Alcibíades, essa não é maneira de falar. Como deveria falar? Deveria dizer: 'Se *Deus* quiser'." Entre os árabes constantemente encontra-se a expressão *inshallah* (em português, "Oxalá") que significa "se Deus quiser".

O curioso é que parece não ter havido uma frase equivalente entre os judeus. Nisto os israelitas teriam algo a aprender.

O verdadeiro proceder cristão não é deixar-se aterrorizar pelo temor e ficar paralisado pela inação por causa da incerteza do por vir, antes, o que temos que fazer é consagrar a Deus o futuro e pôr todos os nossos projetos em suas mãos. E também devemos lembrar que nossos planos podem não estar dentro dos propósitos de Deus.

O homem que não se lembrar disso será culpado de jactanciosa soberba. Esta palavra, em grego, é *alazoneia*. *Alazoneia* era originalmente a característica do curandeiro ambulante. Oferecia curas que não eram tais e se gabava de coisas que não era capaz de realizar. *Alazoneia* é a característica do homem que pretende possuir o que realmente não possui e que se gaba de fazer o que não pode fazer. O futuro não está em mãos dos homens; e ninguém pode pretender arrogantemente ter poder para decidi-lo.

Assim, pois, Tiago conclui com uma ameaça. Se alguém souber que uma coisa está errada continua fazendo-a, peca. Em realidade Tiago está dizendo: "Vocês foram advertidos; a verdade foi posta agora diante de seus olhos." Persistir no hábito de confiar em si mesmo tratando de dispor da própria vida é pecado, porque o homem foi já enfaticamente advertido de que o futuro não está em suas mãos, mas nas mãos de Deus.

Tiago 5

A inutilidade das riquezas - 5:1-3

- A paixão social na Bíblia - 5:1-3 (cont.)
- O caminho do egoísmo e seu fim - 5:4-6
- Aguardando a vinda do Senhor - 5:7-9
- A vinda do Rei - 5:7-9 (cont.)
- A paciência triunfante - 5:10-11
- A inutilidade e a insensatez dos juramentos - 5:12
- Uma igreja que canta - 5:13-15
- Uma igreja que cura - 5:13-15 (cont.)
- Uma igreja que ora - 5:16-18
- A verdade deve ser praticada - 5:19-20
- A máxima conquista humana - 5:19-20 (cont.)

A INUTILIDADE DAS RIQUEZAS

Tiago 5:1-3

Nos primeiros seis versículos deste capítulo Tiago tem dois propósitos. Em primeiro lugar, propõe-se demonstrar a inutilidade última de todas as riquezas terrestres. E, em segundo lugar, propõe-se mostrar o caráter detestável daqueles que possuem riquezas. Com isto quer advertir a seus leitores que não ponham suas esperanças e seus desejos nas coisas terrestres.

Se vocês soubessem o que estão fazendo — diz aos ricos — vocês chorariam e uivariam de terror por causa do juízo que vem agora sobre vocês com a chegada do Dia do Senhor. O vívido deste quadro é reforçado pelo uso que Tiago faz do verbo *ololuzein*, traduzido como *uivar*. *Ololuzein* é uma palavra onomatopéica, leva seu significado em seu próprio som, mas significa ainda mais que uivar: é dar alaridos, é ulular. No Antigo Testamento freqüentemente aparece para descrever o terrível pânico daqueles sobre quem cai o juízo de Deus (Isaías 13:6; 14:31; 15:3; 16:7; 23:1,14; 65:14; Amós 8:3). Bem poderíamos dizer que este vocábulo descreve aqueles que estão passando pelas torturas da condenação.

Em toda esta passagem as palavras são vívidas, pictóricas e cuidadosamente selecionadas. No Oriente havia três principais fontes de riqueza, e Tiago tem uma palavra para descrever a decadência de cada uma delas. Havia grãos e cereais, quer dizer: riqueza que se apodrece (*sepein*). Havia vestimentas. No Oriente as vestimentas eram riqueza. José deu a seus irmãos várias mudas de vestidos (Gênesis 45:22). Por causa de um belo manto babilônico Acã atraiu o desastre sobre a nação israelita e a morte sobre si mesmo e sobre sua família (Josué 7:21). Sansão prometeu mudas de vestidos a quem pudesse declarar seu enigma (Juízes 14:12). Foram vestes o que Naamã levou como obséquio ao profeta de Israel e Geazi pecou para obtê-los (2 Reis 5:5, 22). Paulo afirmava que nem o dinheiro nem a veste de ninguém tinha cobiçado (Atos 20:33). Estas vestes tão esplêndidos serão, em que pese a tudo, alimento das traças (*setobrotos*, cf. Mateus 6: 19). O clímax da inevitável decadência do mundo chega a seu fim. Até o ouro e a prata serão corroídos pela ferrugem que os penetrará por completo (*katiasthai*).

Agora, em rigor de verdade, nem o ouro nem a prata se emboloram, de maneira que Tiago, na mais vívida forma, está fazendo a advertência de que até os objetos mais preciosos e na aparência indestrutíveis estão condenados à decadência e à dissolução. Mais ainda: é um aterrador chamado de atenção. O desejo de possuir essas coisas é como um sinistro mofo, um horrível câncer que vai carcomendo os corpos e as almas dos homens. E vem então um patético e espantoso sarcasmo: Belo tesouro está amontoando para si mesmo o homem que se entrega a essas coisas! O único tesouro que chegará a possuir é o fogo consumidor que o arrasará por completo.

Tiago está convencido de que ao concentrar-se em coisas materiais o homem não só se entrega a uma corrupta e cadavérica ilusão, mas também produz seu próprio aniquilamento e desastre.

A PAIXÃO SOCIAL NA BÍBLIA**Tiago 5:1-3 (continuação)**

Nem mesmo o mais superficial leitor da Bíblia pode deixar de ser impressionado com a paixão social que arde através de suas páginas. Platão diz que cada cidade é uma interminável guerra civil, a eterna contenda entre os ricos e os pobres, entre os abastados e os sem recursos. Não há livro que condene as riquezas desonestas e egoístas com tão demolidora paixão como a Bíblia.

O livro do profeta Amós foi chamado por J. E. McFadyen "O clamor por justiça social". Amós condena aqueles que amontoam violência e roubo em seus palácios (Amós 3:10). Condena os que pisoteiam o pobre e vivem em casas de pedra lavrada e possuem belas vinhas mas que, por causa da ira de Deus, nunca desfrutarão delas (Amos 5:11). Deus desata sua esmagadora ira sobre aqueles que dão pesos ou medidas falsas, aqueles que compram o necessitado por prata e ao carente por um par de sapatos, aqueles que enganam o pobre e rechaçam o seu trigo. "Eu não me esquecerei de todas as suas obras", diz Deus (Amós 8:4-7). Isaías 5:8 é uma advertência para aqueles que constituem grandes patrimônios adicionando uma casa a outra e um campo a outro. O sábio insistiu em que aquele que confia nas riquezas fracassará (Provérbios 11:28). No Novo Testamento Lucas cita uma afirmação de Jesus: "Ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação" (Lucas 6:24). Somente com dificuldade poderão entrar no Reino de Deus aqueles que têm riquezas (Lucas 18:24). As riquezas são uma tentação e uma armadilha, são culpados de despertar cobiças insensatas e daninhas que terminam em ruína porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (1 Timóteo 6:9-10).

Na literatura do período intertestamentário aparece a mesma nota: "Ai de vós os que adquiris prata e ouro injustamente... Eles perecerão junto com suas posses e com vergonha serão seus espíritos lançados no forno de fogo!" (Enoque 97:8). No livro da Sabedoria de Salomão há

uma contundente alegação por escrito no qual o sábio faz falar o rico egoísta com relação a sua própria maneira de viver, comparando-a com a do homem justo: "Venham, pois, e desfrutemos dos bens presentes, desfrutemos das criaturas com o ardor da juventude. Fartemo-nos de vinhos deliciosos e de perfumes, não se nos passe nenhuma flor primaveril, coroemo-nos de rosas antes que se murchem; não falte a nossa orgia nenhum de nós, deixemos em qualquer parte a perseverança de nossa alegria; porque nossa parte é esta, esta nossa herança."

"Oprimamos o justo pobre, não poupemos a viúva, não respeitemos as velhas cãs do ancião. Que nossa força seja a lei da justiça, pois o fraco, com certeza, é inútil. Cerquemos o justo, porque nos incomoda, e se opõe às nossas ações, censura as faltas contra a Lei, nos acusa de faltas contra a nossa educação" (Sabedoria de Salomão 2:10-12, BJ).

Um dos mistérios do pensamento social é como a religião — pelo menos a religião cristã — pôde chegar a ser considerada como o "ópio dos povos", ou como pôde chegar a parecer um assunto de outro mundo, algo que se despreocupa deste mundo para concentrar-se em coisas de um mundo vindouro. *Não existe livro em nenhuma literatura com tão ardente paixão social como a Bíblia.* Não há livro que fale em maneira tão explosiva e dinâmica a respeito das injustiças sociais, como a Bíblia. Não há livro tão apaixonadamente consciente de que o profundo abismo entre riqueza e pobreza é uma ativa e espantosa transgressão da Lei e da vontade de Deus. Em realidade não há livro que tenha demonstrado uma dinâmica social tão poderosa como a que mostra a Bíblia.

A Palavra de Deus não condena a riqueza como tal, mas não existe livro que tão vigorosamente insista na responsabilidade dos ricos e nos perigos de que está rodeado o homem abundantemente bendito com bens deste mundo.

O CAMINHO DO EGOÍSMO E SEU FIM**Tiago 5:4-6**

Temos aqui a condenação do estilo de vida dos ricos egoístas, e também uma advertência quanto a onde conduz esse caminho.

(1) O rico egoísta obteve sua riqueza mediante a injustiça. A Bíblia sempre insiste em que o trabalhador é digno de seu salário (Lucas 10:7; 1 Timóteo 5:18). Na Palestina o trabalhador vivia sempre à beira da própria inanição. Seu salário era muito exíguo e, portanto, resultava-lhe impossível economizar algo. Por isso que se o salário lhe era retido, ainda que fosse um só dia, tanto ele como sua família não poderiam comer, e isto dito literalmente. É por isso que as sensíveis leis da Escritura várias vezes insistem no pago imediato do salário aos operários contratados. “Não oprimirás o jornaleiro pobre e necessitado, seja ele teu irmão ou estrangeiro que está na tua terra e na tua cidade. No seu dia, lhe darás o seu salário, antes do pôr-do-sol, porquanto é pobre, e disso depende a sua vida; para que não clame contra ti ao SENHOR, e haja em ti pecado” (Deuteronômio 24:14-15). “A paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã” (Levítico 19:13). “Não digas ao teu próximo: Vai e volta amanhã; então, to darei, se o tens agora contigo” (Provérbios 3:27-28). “Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça e os seus aposentos, sem direito! Que se vale do serviço do seu próximo, sem paga, e não lhe dá o salário” (Jeremias 22:13). Os que “defraudam o salário do jornaleiro” estão sob a condenação de Deus (Malaquias 3: 5). “Mata o próximo o que lhe tira o sustento, derrama sangue o que tira o salário ao diarista” (Eclesiástico 34:22, BJ). “Não retenhas até o dia seguinte o salário daqueles que trabalham para ti, mas entrega-o imediatamente” (Tobias 4:14).

A lei da Bíblia é nada menos que o contrato do jornaleiro. A preocupação social da Bíblia se expressa por igual nos preceitos da Lei, nas palavras dos profetas e no pensamento dos sábios. Diz-se que o clamor dos trabalhadores defraudados chegou aos ouvidos do Senhor dos

Exércitos, e estes exércitos são as hostes do céu, as estrelas e as potências celestiais. O ensino conseqüente da Bíblia nos assegura que o Senhor do universo, que mantém as estrelas em sua mão e que ordena aos anjos, preocupa-se com os direitos do trabalhador.

(2) O rico egoísta usou sua riqueza em seu exclusivo benefício. Viveu em deleites e em dissipação, e se entregou à desenfreada libertinagem. A expressão traduzida *viver em prazeres* em grego é *trufein*, a qual vem de uma raiz que significa abater-se, desbaratar-se e descreve a vida abrandada que finalmente mina e destrói a fibra moral do homem; descreve um enervante luxo que termina destruindo a fortaleza tanto do corpo como da alma. A palavra traduzida como *dissolutos* (*spatalan*) é um termo muito pior, pois significa viver em prostituição, em lascívia e em escandalosa libertinagem. Os ricos egoístas estão condenados por causa de ter usado seus bens para gratificar seus próprios desejos de luxo, satisfazendo sua luxúria e esquecendo-se de todo dever para com o próximo.

(3) Qualquer pessoa que escolher este caminho escolherá também o fim a que ele conduz. O fim dos animais especialmente engordados é ser sacrificados para alguma festa; e aqueles que buscaram essa vida de luxo e essa egoísta libertinagem são como homens que estiveram cevando-se eles mesmos para o dia do juízo. O final de seus prazeres é a amargura, e a meta de seu luxo é a morte. O egoísmo sempre conduz à morte da alma.

(4) Finalmente, Tiago diz que eles deram morte ao homem justo que não lhes oferecia resistência. É duvidoso a quem isto se refere. Poderia ser uma alusão a Jesus: “Vós, porém, negastes o Santo e o Justo (*dikaios*) e pedistes que vos concedessem um homicida” (Atos 3:14). Estêvão acusa os judeus de sempre terem matado os mensageiros de Deus até o tempo da própria vinda do Justo (Atos 7:52). Paulo declara que Deus escolheu os judeus para que vissem o Justo, ainda que eles o rechaçaram (Atos 22:14). Pedro diz que Cristo sofreu por nossos pecados, o Justo pelos injustos (1 Pedro 3:18). O servo sofredor do

Senhor não ofereceu resistência. Não abriu sua boca como ovelha muda diante dos seus tosquiadores (Isaías 53:7), passagem esta que Pedro cita ao descrever a Jesus (1 Pedro 2:23). Bem poderia ser que Tiago esteja dizendo que os ricos egoístas ao oprimir os pobres e os justos estão crucificando novamente a Cristo, que cada ferida infligida ao povo de Cristo é uma ferida infligida ao próprio Cristo. Viver egoisticamente é sacrificar a Cristo outra vez.

Pode ser que, quando fala do justo Tiago não esteja lembrando especificamente a Jesus; antes esteja pensando no ódio instintivo que a pessoa má sente para com a pessoa boa. Já citamos a passagem da Sabedoria de Salomão onde se descreve a conduta do rico. Esta passagem continua assim:

“Declara (o homem justo) de ter o conhecimento de Deus e se diz filho do Senhor; ele se tornou acusador de nossos pensamentos, basta vê-lo para nos importunarmos; sua vida se distingue da dos demais e seus caminhos são todos diferentes. Ele nos tem em conta de bastardos; de nossas vias se afasta, como se contaminassem. Proclama feliz o destino dos justos e se gloria de ter a Deus por pai. Vejamos se suas palavras são verdadeiras, experimentemos o que será do seu fim. Pois se o justo é filho de Deus, Ele o assistirá e o libertará das mãos de seus adversários. Experimentemo-lo pelo ultraje e pela tortura para apreciar a sua serenidade e examinar a sua resignação. Condenemo-lo a uma morte vergonhosa, pois diz que há quem o visite (Sabedoria de Salomão 2:13-20). Estas — comenta o sábio — são palavras de homens cegados pela maldade.

Alcíbiades era um bom amigo de Sócrates e, em que pese a seu grande talento, freqüentemente tinha levado uma vida escandalosa e dissipada. Em ocasiões acostumava lhe dizer ao filósofo: "Sócrates, odeio-te porque cada vez que te vejo você me mostra o que sou." O malvado gostosamente eliminaria ao bom, pois este lhe faz lembrar o que ele é e o que deveria ser.

AGUARDANDO A VINDA DO SENHOR**Tiago 5:7-9**

A Igreja primitiva vivia esperando a imediata Segunda Vinda de Jesus Cristo. Assim, pois, Tiago exorta aos seus a que esperem com paciência os poucos anos que ainda restam. O agricultor tem que aguardar suas colheitas até que tenham caído a chuva temporã e a chuva serôdia. A Escritura fala freqüentemente das chuvas temporã e da chuva serôdia, porque na Palestina elas eram de suma importância para o agricultor (Deuteronômio 11:14; Jeremias 5:24; Joel 2:23). A chuva temporã era a que caía em fins de outubro e em princípios de novembro; sem ela a semente semeada não germinaria absolutamente. A chuva serôdia era de abril e maio, sem a qual o grão não maturaria. O agricultor necessita paciência para aguardar até que a natureza faça sua obra. O cristão, por sua vez, necessita paciência para aguardar até que Cristo venha.

Durante essa espera os crentes têm que confirmar sua fé. Não devem culpar-se uns aos outros pelos contratempos ou pela situação desfavorável em que se acham. Se fizerem tal coisa estarão quebrando o mandamento que proíbe aos cristãos julgar uns aos outros (Mateus 7:1), e se quebrarem esse mandamento serão condenados. Tiago não tem dúvida alguma quanto à proximidade da vinda de Cristo. O juiz está às portas, diz, utilizando uma figura que o próprio Jesus tinha usado (Marcos 13:29; Mateus 24:33).

Mas aconteceu que a Igreja primitiva estava equivocada e que Jesus não retornou dentro do término de uma geração. Entretanto, será interessante reunir o ensino do Novo Testamento com relação à Segunda Vinda para que possamos ver a verdade essencial que há no centro da mesma.

Notemos primeiro que o Novo Testamento usa três palavras distintas para descrever a segunda vinda de Cristo.

(1) A palavra mais comum é *parousia*, vocábulo que chegou sem mudança ao nosso idioma. É usado em Mateus 24:3, 27, 37, 39; 1 Tessalonicenses 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; 2 Tessalonicenses 2:1; 1 Coríntios 15:23; 1 João 2:28; 2 Pedro 1:16; 3:4. No grego secular comum esta palavra é a mais freqüente para descrever a presença ou a chegada de alguém. Mas tem outros dois usos, um dos quais se tornou particularmente técnico. Empregava-se para referir-se à invasão de um país por um exército e, especialmente, com referência à visita de um rei ou de um governador a uma província de seu império. De maneira que quando esta palavra é usada com relação a Jesus, significa que a *parousia*, a Segunda Vinda de Cristo, é a invasão final da Terra pelo Céu, é a vinda do Rei para receber a submissão e a adoração definitivos de parte de seus súditos.

(2) O Novo Testamento também usa a palavra *epifaneia* para referir-se à Segunda Vinda de Cristo (Tito 2:13; 2 Timóteo 4:1; 2 Tessalonicenses 2:9). No grego comum esta palavra tinha dois significados especiais. Utilizava-se com referência à aparição de um deus a seu adorador; e era usada com relação ao acesso de um imperador a seu trono imperial em Roma. De maneira que quando esta palavra se emprega com referência a Jesus significa que sua *epifaneia*, sua Segunda Vinda, é Deus aparecendo a seu povo, tanto aos que o estão aguardando como aos que se rebelaram contra Ele e não o têm em conta; é Deus subindo por fim ao trono do universo depois de ter submetido a seus inimigos.

(3) Finalmente o Novo Testamento usa a palavra *apokalypsis* para referir-se à Segunda Vinda de Cristo (1 Pedro 1:7, 13). Este vocábulo no grego comum significa *revelar* ou *deixar a descoberto*. Quando é usada com relação à Segunda Vinda de Cristo significa que essa vinda é deixar a descoberto, pôr em plena exibição, descobrir o poder e a glória de Deus que veio sobre a humanidade.

Temos, pois, aqui uma série de grandes figuras. A Segunda Vinda de Jesus Cristo é a chegada do Rei; é Deus que aparece a seu povo e

sobe a seu trono eterno; é Deus que lança sobre o mundo todo o fulgor de sua glória celestial.

A VINDA DO REI

Tiago 5:7-9 (continuação)

Podemos agora resumir o ensino neotestamentário com relação à Segunda Vinda, e os vários usos que faz da totalidade dessa idéia.

(1) O Novo Testamento é categórico quanto ao fato de que ninguém sabe o dia nem a hora em que Cristo virá novamente. Tão secreto é isto que, em realidade, nem o próprio Cristo Jesus sabia; Deus e somente Deus o conhece (Mateus 24 36; Marcos 13:32). Partindo deste fato básico uma coisa é evidente: as especulações humanas a respeito da Segunda Vinda não só são inúteis, mas também blasfemas; porque ninguém deve pretender um conhecimento que está oculto para o próprio Jesus Cristo, e que está na mente de Deus.

(2) A única coisa que o Novo Testamento diz a respeito da Segunda Vinda é que esta será tão repentina como o relâmpago e tão inesperada como um ladrão noturno (Mateus 24:27,37, 39; 1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10). Não é algo para o qual alguém possa preparar-se quando já chegou; deve estar preparado antes da sua vinda.

Portanto, e em vista da Segunda Vinda, o Novo Testamento insiste com os cristãos a cumprir certos deveres.

(1) Devem estar sempre vigiando (1 Pedro 4:7). Devem ser como servos cujo senhor se ausentou e que não sabem quando retornará, e por isso devem ter tudo preparado para sua volta, se vier pela manhã, ou ao meio-dia ou de noite (Mateus 24:36-51).

(2) A longa tardança não deve originar desalento ou esquecimento (2 Pedro 3:4). Deus não mede o tempo como os homens o medem; para Ele mil anos são como uma das vigílias da noite (2 Pedro 3:8). Ainda que transcorram muitos anos, Deus não mudou nem abandonou o seu propósito.

(3) Os cristãos devem usar o tempo que lhes foi concedido para preparar-se para a vinda do Rei. Devem ser sóbrios (1 Pedro 4:7). Devem ser santos (1 Tessalonicenses 3:13). Devem manter-se irrepreensíveis em corpo e espírito (1 Tessalonicenses 5:23). Devem despojar-se das obras das trevas e vestir as armadura de luz, agora que o dia já está avançado (Romanos 13:11-14). Devem usar o tempo que lhes é concedido para ser tais que possam acudir prazerosamente à volta do Rei sem envergonhar-se.

(4) Quando chegar esse momento os cristãos têm que ser achados em comunhão. Pedro usa o pensamento da Segunda Vinda para insistir no amor e na hospitalidade (1 Pedro 4:8-9). Paulo ordena que tudo seja feito com amor — *Maranatha* (o Senhor está perto) — (1 Coríntios 16:14,22). Diz que nossa *moderação* (amabilidade, NVI) deve ser conhecida por todos porque o Senhor está próximo (Filipenses 4:5). No original grego a palavra traduzida por *moderação* ou *amabilidade* é *epieikes*, que significa um espírito mais disposto a oferecer perdão que a demandar justiça. O autor da Carta aos Hebreus requer ajuda mútua, companheirismo cristão e alento recíproco porque o dia se aproxima (Hebreus 10:24-25). O Novo Testamento afirma que, em vista da vinda de Cristo devemos em dia com nosso próximo. O Novo Testamento insiste em que ninguém deveria descansar nem concluir um dia sem ter resolvido algum conflito com o próximo, não suceda que Cristo volte nessa mesma noite.

(5) João utiliza a Segunda Vinda como uma razão para insistir aos homens a permanecer em Cristo (1 João 2:28).

Certamente que a melhor preparação para encontrar-se com Cristo é viver perto dEle cada dia da vida.

É bem sabido que muito do simbolismo vinculado à Segunda Vinda de Cristo é simbolismo judeu, e que forma parte do tradicional esquema com relação às últimas coisas segundo a antiga mentalidade judia. Sabemos que há muitas coisas que não podem ser tomadas literalmente e que tampouco tiveram esse propósito. Mas a grande verdade no pano de

fundo de todas essas imagens temporárias da Segunda Vinda é que este mundo não é algo carente de propósito, algo sem meta nem plano, mas sim que se está dirigindo a algum ponto, a um divino acontecimento longínquo rumo ao qual marcha a criação inteira.

A PACIÊNCIA TRIUNFANTE

Tiago 5:10-11

É sempre um consolo saber que outros já atravessaram por aquelas circunstâncias através das quais também nós teremos que passar. Tiago lembra a seus leitores que os profetas e os homens de Deus nunca poderiam ter feito sua obra e dar seu testemunho se não tivessem padecido pacientemente. Lembra-lhes que o próprio Jesus havia dito que o homem que suportasse até o fim seria bem-aventurado, porque receberia a salvação (Mateus 24:13).

E logo cita o exemplo de Jó, de quem eles teriam que ter ouvido com freqüência, nos discursos da sinagoga. Geralmente falamos da *paciência* de Jó. Mas paciência é uma palavra muito passiva. Há um sentido no qual Jó foi qualquer coisa menos paciente. Ao ler o tremendo drama de sua vida o vemos apaixonadamente ressentido pelo que se amontoou sobre ele, questionando acalorado os argumentos convencionais e ortodoxos de seus supostos amigos, agonizando desafiante frente ao terrível pensamento de que Deus pode tê-lo esquecido e abandonando. Poucos homens há que pronunciaram palavras tão apaixonadas como Jó. Mas o fato notável com relação a Jó é que, apesar de sua corrente de perguntas, apesar das agonizantes dúvidas que rasgavam seu coração, nunca perdeu a fé em Deus. "Ainda que ele me matar, nele esperarei" (Jó 13:15). "Nas céus está minha testemunha, e meu testemunho nas alturas" (Jó 16:19). "Eu sei que o meu Redentor vive" (Jó 19: 25). A grandeza de Jó reside no fato de que, apesar de tudo, o que rasgava seu coração, nunca deixou de aferrar-se à fé, e sua fé estava posta em Deus. A submissão de Jó não é uma submissão servil,

passiva e cega. Jó lutou, interrogou e questionou; às vezes chegou até a desafiar. Mas a chama de sua fé nunca se extinguiu em seu coração.

A palavra usada com relação à atitude de Jó é esse grande vocábulo neotestamentário *hypomone*, a palavra que descreve não uma paciência passiva, mas sim um espírito valoroso que pode enfrentar as ondas da dúvida, a desdita e o desastre e, em que pese a tudo, manter-se firme com uma fé ainda mais robusta e chegar à outra margem. Pode haver uma fé que nunca em sua vida se queixou nem questionou; mas maior ainda é a fé que, torturada por interrogantes, mesmo assim ainda crê. Essa foi a fé que mantida em meio de circunstâncias espantosas alcançou a outra margem porque “abençoou o SENHOR o último estado de Jó mais do que o primeiro” (Jó 42:12).

Haverá momentos na vida em que pensemos que Deus nos esqueceu. Não obstante, se nos aferrarmos aos restos da fé, no fim da vida também nós veremos que Deus é muito bondoso e muito misericordioso.

A INUTILIDADE E A INSENSATEZ DOS JURAMENTOS

Tiago 5:12

Aqui Tiago está repetindo o ensino do próprio Jesus no Sermão da Montanha (Mateus 6:33-37). Era este um ensino muito necessário nos dias da Igreja primitiva. O apóstolo não está pensando no que nós chamamos más palavras ou em jurar no sentido de blasfemar. Está-se referindo a prestar juramento, a confirmar uma declaração, uma promessa ou um compromisso mediante um juramento. No mundo antigo havia duas más práticas.

(1) Fazia-se distinção — especialmente no mundo judeu — entre juramentos que obrigavam e juramentos que não obrigavam. A distinção consistia nisto: qualquer juramento no qual se usasse diretamente o nome de Deus, considerava-se como obrigando definitivamente, enquanto que o juramento que não fazia direta menção de Deus não se considerava

como obrigatório. A idéia era que, uma vez que se mencionava expressamente o nome de Deus, este se convertia em sócio ativo no negócio; mas isto não sucedia a menos que o nome de Deus fosse claramente mencionado. Como consequência disto os homens se fizeram peritos em juramentos evasivos; com astúcia e habilidade buscavam encontrar algum tipo de juramento que não tivesse caráter de obrigação. Evidentemente isto fazia com que toda a prática de confirmar promessas mediante juramentos fosse uma zombaria.

(2) Nessa época a prática de prestar juramento chegou a ter uma extraordinária difusão. Isto em si mesmo era já bastante desacertado. Para começar, o valor de um juramento está dado em grande medida pelo fato de que só em casos excepcionais seja necessário tomá-lo. O impressionante desse ato consiste em seu caráter excepcional; portanto, quando o juramento se converte em algo vulgar deixa de ser respeitado como deveria sê-lo. Além disso, a prática de tomar juramentos não era outra coisa senão uma prova da prevalência da mentira, da fraude, da falsidade e do roubo. Numa sociedade honesta o juramento não é necessário; só quando não se pode confiar na palavra dos homens é quando se deve recorrer aos juramentos. A prevalência desta prática era prova da prevalência da falsidade.

Nisto os antigos escritores sobre moral concordavam por completo com Jesus. Filo opinava: "O juramento freqüente engendra perjúrio e impiedade." Quanto maior é a freqüência com que se presta juramento, tanto maior é também a obscenidade com que os homens consideram este ato. Os rabinos judeus diziam: "Não se acostume aos votos, porque mais cedo ou mais tarde estará fazendo falsos juramentos." Os essênios proibiam todo juramento. Sustentavam que se é preciso um juramento para que alguém diga a verdade, esse homem já está assinalado como indigno de confiança, e já está sob condenação. Os grandes gregos sustentavam que a melhor garantia para uma afirmação não era um juramento mas sim o caráter do homem que o fazia, e que o ideal era fazer de nós mesmos pessoas tais que ninguém tivesse jamais

necessidade de nos exigir um juramento, pois assim todos teriam a certeza de que sempre dizemos a verdade.

O ponto de vista do Novo Testamento é que cada palavra é pronunciada na presença de Deus e que, portanto, toda palavra também tem que ser veraz. O Novo Testamento diria que o cristão tem que ser conhecido como uma pessoa tão veraz que se faça totalmente desnecessário jamais exigir dele um juramento. O Novo Testamento condenaria categoricamente os juramentos, mas ao mesmo tempo, deploraria a tendência humana à falsidade que, ocasionalmente, os torna necessários.

UMA IGREJA QUE CANTA

Tiago 5:13-15

Temos aqui desdobradas perante nós várias grandes características dominantes na Igreja primitiva.

A Igreja primitiva era uma *Igreja que cantava*. Os primitivos cristãos se caracterizavam por estar sempre dispostos a estalar em cânticos. Na descrição que Paulo faz das reuniões da Igreja de Corinto achamos que o canto era parte integrante das mesmas (1 Coríntios 14:15,26). Quando pensa na graça de Deus que alcança os gentios, isto o faz lembrar o prazeroso canto do salmista: “Eu te glorificarei entre os gentios e cantarei louvores ao teu nome” (Romanos 15:9; cf. Salmo 18:49). Era coisa característica dos cristãos o falar-se uns aos outros com salmos, com hinos e com canções espirituais, entoando em seus corações melodias ao Senhor (Efésios 5:19). Cada vez que agradeciam se sentiam compelidos a cantar. A palavra de Cristo habitava neles e ensinavam e admoestavam uns aos outros com salmos e com cânticos espirituais, cantando com graça em seus corações ao Senhor (Colossenses 3:16). A alegria que havia no coração dos cristãos se expressava através de seus lábios com cânticos de louvor pela misericórdia e pela graça de Deus.

Em realidade, o mundo pagão foi sempre um mundo triste, enfasiado e atemorizado. Em contraste, o cristianismo se caracterizou pela alegria que expressam os cânticos. Isso foi o que impressionou a João Bunyan quando ouviu as quatro mulheres pobres conversando sentadas ao Sol: "Pareceu-me que falavam como se a alegria as fizesse falar."

Quando Bilney, o mártir inglês, captou a maravilha da graça redentora, exclamou: "Foi como se repentinamente a aurora resplandecesse em meio de uma noite tenebrosa."

Archibald Lang Fleming, primeiro bispo do Ártico, esse grande pioneiro das missões modernas, cita a seguinte afirmação de um caçador esquimó: "Antes de vocês virem o caminho era escuro e tínhamos medo. Agora não temos medo porque a escuridão se retirou; tudo é luminoso quando andamos pelo caminho de Jesus."

Sempre a Igreja foi uma Igreja que canta. Quando Plínio, o governador de Bitínia, escreveu ao imperador Trajano no ano 111 d.C. para informá-lo a respeito desta nova seita de cristãos, manifestava-lhe que, pelo que ele sabia, "eles tinham o hábito de reunir-se em determinado dia, antes de que houvesse luz, e então cantavam em versos alternados um hino a Cristo como se este fosse Deus". Na sinagoga judia ortodoxa, da queda de Jerusalém no ano 70 d.C, não tinha havido música porque ao adorar lembravam aquela tragédia; pelo contrário, na igreja cristã desde o começo e até hoje houve música e cânticos de louvor, porque o cristão lembra um amor infinito e desfruta da glória presente.

UMA IGREJA QUE CURA

Tiago 5:13-15 (continuação)

Aqui nos deparamos com outra característica da Igreja primitiva: era uma Igreja *que curava*. Nisto a Igreja herdou a tradição do judaísmo. Quando um judeu estava doente, antes de ir ao médico ia ao rabino. E o rabino o ungia com azeite — ao qual Galeno, o grande médico grego,

chamava "a melhor dos remédios" — e orava por ele. Poucas Igrejas pôde haver tão devotamente sensíveis para com os seus doentes como foi a Igreja primitiva.

Justino Mártir escreve a respeito dos incontáveis endemoninhados que eram curados pelos cristãos quando já todos os exorcistas tinham fracassado e quando todo remédio tinha sido inútil. Irineu, escrevendo já muito avançado no século II conta que ainda se curava os doentes mediante a imposição de mãos sobre eles. Tertuliano, escrevendo em meados do século III, relata que nada menos que o imperador romano Alexandre Severo foi curado mediante o unção que lhe oficiou um cristão com o nome de Torpacião e que, em gratidão por isso, este foi abrigado no palácio imperial pelo resto de sua vida.

Um dos livros mais antigos relativos à administração da Igreja é o *Cânon de Hipólito* que se remonta a fins do século II ou princípios do III. Ali se estabelece que os homens que tenham o dom de curar têm que ser ordenados como presbíteros uma vez que se tenha averiguado bem para ter a segurança de que realmente possuem esse dom e que este procede de Deus. O mesmo livro apresenta a mais nobre oração utilizada para a cerimônia da consagração dos bispos locais, uma parte da qual expressa: "Conceda-lhe, ó Senhor... o poder de romper todas as cadeias do poder maléfico dos demônios, e de curar a todos os doentes e, especialmente, de submeter debaixo de seus pés a Satanás."

Nas *Cartas Clementinas* se especificam os deveres dos diáconos; incluindo esta regra: "Que os diáconos da Igreja se conduzam inteligentemente e que sirvam como olhos do bispo... Que busquem os que estão doentes na carne e o façam conhecer ao corpo maior da congregação para que assim aqueles possam ser visitados e supridas as suas necessidades."

Na *Primeira Epístola de Clemente* a oração da Igreja é esta: "Cura os doentes; levanta os fracos; anima os desalentados." Um bem antigo código eclesiástico estabelece que cada congregação tem que designar pelo menos uma viúva para que cuide das mulheres doentes. Durante

séculos a Igreja praticou conseqüentemente o unção como um meio para curar os doentes. É importante destacar que, em realidade, o sacramento da unção, nos primeiros tempos foi sempre considerado como um recurso de cura e não como uma preparação para a morte, tal como agora se faz na Igreja Católica Romana. Em realidade só no ano 852 d.C. o sacramento da unção converteu-se em sacramento da extrema-unção, administrado como um preparativo para a morte.

A Igreja cuidou sempre dos doentes e nela sempre residiu o dom de curar. O evangelho social não é um apêndice do cristianismo, mas sim a própria essência da fé e da vida da Igreja.

UMA IGREJA QUE ORA

Tiago 5:16-18

Há nesta passagem três idéias básicas da religião judia:

(1) Existe a idéia de que toda enfermidade é devida ao pecado. No pensamento judeu estava profundamente arraigada a convicção de que onde havia enfermidade e sofrimento também devia ter havido pecado. "Não há morte sem culpa, e não há sofrimento sem pecado", diziam os rabinos. Estes, por conseguinte, criam e ensinavam que antes de que o homem pudesse ser curado de sua enfermidade suas pecados tinham que ser perdoados por Deus.

O rabino Alexandrai afirmou: "Ninguém pode levantar-se de sua enfermidade até que Deus lhe perdoou todos seus pecados." É por isso que Jesus começou a cura do parálítico com o anúncio: "Filho, os teus pecados estão perdoados" (Marcos 2:5).

Os judeus sempre identificaram o sofrimento com o pecado. Atualmente não podemos fazer essa identificação mecânica, mas há uma verdade que permanece vigente: ninguém pode conhecer a verdadeira saúde — da alma, da mente ou do corpo — até que fique em dia com Deus. A correta relação com Deus é um requisito prévio para desfrutar de saúde em cada esfera da vida e do ser do homem.

(2) Existe a idéia de que, para ser efetiva, a confissão do pecado tem que ser feita aos homens e, especialmente, à pessoa que foi prejudicada, como também ao próprio Deus. Num sentido muito real é mais fácil confessar os pecados a Deus que confessar aos homens; e entretanto, no pecado há duas barreiras que devem ser eliminadas: a barreira que o pecado interpõe entre nós e Deus e a barreira que levanta entre nós e nosso próximo. E se ambas as barreiras têm que ser removidas, devem fazer-se ambos os tipos de confissão.

Esta era por certo a prática da igreja Morávia, este costume que João Wesley levou consigo, introduzindo-o nas classes do metodismo primitivo; tinham o hábito de reunir-se duas ou três vezes por semana "para confessar as faltas uns aos outros e para orar uns pelos outros para serem curados".

Este princípio evidentemente tem que ser praticado com sabedoria. É bem verdade que pode haver casos na confissão recíproca de pecados suscetíveis de causar muito mais mal que bem. Entretanto, onde se erigiu uma barreira por causa de alguma maldade cometida, o homem primeiro tem que pôr-se em dia tanto com Deus como com seu próximo.

(3) Sobretudo, esta passagem nos faz ver que os judeus não punham limites ao poder da oração. Tinham uma afirmação que expressava que quem ora rodeia sua casa com uma muralha mais forte que o ferro. Também diziam: "A penitência pode fazer algo; mas a oração pode fazer tudo." Para eles a oração era nada menos que estabelecer contato com o poder divino; a oração era um canal através do qual pelo poder e a graça de Deus, as dificuldades, os problemas e as enfermidades da vida podiam ser suportadas. Se isto era assim para os judeus, quanto mais o deveria ser para os cristãos?

No conceito dos judeus, e como é em realidade, para curar as enfermidades da vida e para poder suportá-las, precisamos estar em dia com Deus e em dia com nosso próximo, fazer com que mediante a oração, a misericórdia e o poder de Deus influam sobre elas.

Antes de deixar esta passagem há uma interessante questão técnica que devemos considerar. Elias é chamado como exemplo de poder na oração. Diz-se que ele orou fervorosamente e que a chuva foi retida durante três anos e seis meses; e que orou outra vez e a chuva reapareceu. Este é um excelente exemplo de como a exegese rabínica desenvolvia o significado da Escritura.

A história completa se acha em 1 Reis 17 e 18. Os *três anos e seis meses* — período também citado em Lucas 4:25 — é uma dedução baseada em 1 Reis 18:1. Além disso, o relato do Antigo Testamento não diz em tantas palavras que o próprio Elias *provocou* a seca; somente diz que profetizou a seca. A narração do Antigo Testamento não diz se o princípio ou o fim da seca foi devido às orações de Elias mas simplesmente que ele foi o profeta que anunciou o começo e a terminação da mesma. Mas os rabinos sempre estudavam a Escritura pondo-a sob o microscópio e estudando-a até em seus menores detalhes.

Em 1 Reis 17:1 lemos estas palavras de Elias: “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, *perante cuja face estou* [de pé], nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra”. Agora, a atitude judia para a oração era estar de pé perante Deus, e assim, nesta frase os rabinos encontravam o que para eles era uma indicação de que a seca era produto das orações do profeta.

Em 1 Reis 18:42 lemos que Elias subiu ao Carmelo e *encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos*. Também aqui os rabinos viram uma atitude de agonizante oração, e desta maneira encontraram o que para eles era sinal de que foram as orações de Elias as que puseram fim à seca.

Vemos assim como os rabinos eram capazes de achar lições na Escritura não só pelas palavras diretas da mesma, mas também por aquilo que liam nas entrelinhas.

A VERDADE DEVE SER PRATICADA**Tiago 5:19-20**

Nesta passagem estabelece-se a grande característica que distingue a verdade cristã. A verdade cristã é algo do qual alguém pode *extraviar-se*, apartar-se. A verdade cristã não é meramente intelectual, filosófica, especulativa, abstrata, mas é sempre uma verdade moral. Por conseguinte, a verdade cristã não é algo a respeito de que alguém pode simplesmente opinar erroneamente, mas é algo do que a pessoa pode desviar-se ao agir.

Isto surge nitidamente quando vamos ao Novo Testamento para ver as expressões que se usam com relação à verdade. A verdade é algo que se deve *amar* (2 Tessalonicenses 2:10); é algo que se deve *obedecer* (Gálatas 5:7); é algo que se deve *mostrar na vida* (2 Coríntios 4:2); é algo que deve ser *dita em amor* (Efésios 4:15); é algo que deve ser *testada* (João 18:37); é algo que deve ser *manifestada numa vida de amor* (1 João 3:19); é algo que *liberta* (João 8:32); a verdade cristã, enfim, é um dom do Espírito Santo, enviado por Jesus Cristo (João 16:14).

A referência mais clara é João 3:21 que na versão RA diz *quem pratica a verdade*. De maneira, pois, que *a verdade cristã é algo que deve ser praticado*, tem que ser feito. A verdade cristã não é um mero exercício intelectual; não é um simples objetivo mental; não é um assunto acadêmico; não é um tema de conhecimento nem de opinião, de argumentação ou de debate. A verdade cristã é sempre uma verdade moral; é sempre uma verdade que se manifesta em ação; não é só um simples processo da mente. mas é, além disso, uma maneira de viver, um estilo de vida. Não é algo para ser somente estudado, senão para ser feito. A verdade cristã não é algo ao qual o homem deve apenas submeter sua mente, mas sim algo ao qual deve entregar a totalidade de sua vida. Não é algo mediante o qual se pensa, mas sim algo mediante o

qual se vive. A verdade cristã não é um simples objeto de estudo num círculo de investigação; a verdade cristã é uma questão de vida.

A MÁXIMA CONQUISTA HUMANA

Tiago 5:19-20 (continuação)

Tiago conclui sua Carta com um dos maiores e mais inspiradores pensamentos do Novo Testamento, ainda que a mesma idéia apareça mais de uma vez na Bíblia. Suponhamos que alguém faz o mal, apartando-se da verdade; e suponhamos também que outro cristão e seu irmão na fé o resgata trazendo-o de volta ao bom caminho. Aquele que resgatou a seu irmão salvou não somente a alma de seu irmão, mas também cobriu uma multidão de seus próprios pecados. Em outras palavras: salvar a alma de outro é o meio mais seguro de salvar a própria.

Mayor assinala que Orígenes tem uma esplêndida passagem numa de suas *Homilias* em que destaca seis meios pelos quais o homem pode obter o perdão de seus pecados: mediante o batismo, pelo martírio, pelas esmolas (Lucas 11:41), perdendo a outros (Mateus 6:14), pelo amor (Lucas 7:47) e convertendo a um pecador de seus maus caminhos. Deus perdoará muito a quem tem sido capaz de conduzir a outro irmão de volta a Ele.

Este é um pensamento que resplandece de vez em quando nas páginas da Escritura: “Se apartares o precioso do vil, serás a minha boca” (Jeremias 15:19). “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Daniel 12:3). O conselho ao jovem Timóteo é este: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1 Timóteo 4:16).

Os Pais judeus tinham esta afirmação: "O pecado não prevalecerá sobre aquele que torna justo a um homem." Clemente de Alexandria diz

que o verdadeiro cristão conta como sua própria salvação aquilo que beneficia a seu próximo.

Conta-se que uma dama evangélica perguntou a Wilberforce — o famoso lutador em prol da libertação dos escravos — se sua alma estava salva. "Senhora — respondeu ele — estive tão ocupado buscando salvar as almas de outros que não tive tempo de pensar na minha própria."

Tem-se dito que aqueles que derramam luz sobre a vida de outros não podem apartar essa luz de si mesmo. E certamente aqueles que conduzem a Deus as vidas de outros não podem separar a Deus de seus próprias vidas. A mais elevada honra que Deus pode conceder é outorgado àquele que conduz outros a Deus, porque quem faz isso está nada menos que compartilhando a obra de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade.